



Intervenção Psicossocial

Aspectos teóricos, metodológicos
e experiências práticas

Kathia Maria Costa Neiva
e colaboradores

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Neiva, Kathia Maria Costa

Intervenção psicossocial : aspectos teóricos,
metodológicos e experiências práticas / Kathia
Maria Costa Neiva. — São Paulo: Vetor, 2010.

Vários colaboradores.

1. Intervenção (Psicologia) 2. Psicologia
social I. Título.

10-06240 CDD – 302.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Intervenção psicossocial: Aspectos teóricos, metodológicos
e experiências práticas: Psicologia social 302.3

ISBN: 978-85-7585-342-9

Projeto gráfico: Patricia Figueiredo

Capa: Ênio Rodrigues

Revisão: Mônica de Deus Martins

© 2010 – Vetor Editora Psico-Pedagógica Ltda.

É proibida a reprodução total ou parcial desta publicação, por qualquer
meio existente e para qualquer finalidade, sem autorização por escrito
dos editores.

Sumário

[Apresentação](#)

[PARTE I – Aspectos teóricos e metodológicos da Intervenção Psicossocial](#)

[1. O que é Intervenção Psicossocial?](#)

- [1.1. Caráter científico, unindo a pesquisa à ação](#)
- [1.2. Preocupação em gerar mudança e desenvolvimento](#)
- [1.3. Foco em grupos, instituições e comunidades](#)
- [1.4. Ação sobre os problemas atuais da sociedade e necessidades psicossociais de grupos, instituições e/ou comunidades](#)
- [1.5. Intervenção focada](#)
- [1.6. Caráter predominantemente preventivo](#)
- [1.7. Leva em conta o contexto social e cultural](#)
- [1.8. Inclui a diversidade do grupo, instituição e/ou comunidade](#)
- [Referências bibliográficas](#)

[2. Caracterização institucional e diagnóstico das necessidades psicossociais](#)

- [Referências bibliográficas](#)
- [Anexo 1- Roteiro de caracterização institucional e diagnóstico de necessidades psicossociais](#)

[3. Elaboração do projeto de Intervenção Psicossocial](#)

- [3.1. Formulação dos objetivos](#)
- [3.2. Embasamento teórico](#)
- [3.3. Metodologia](#)
- [Referências bibliográficas](#)

[4. Desenvolvimento da Intervenção Psicossocial](#)

- [O enquadre](#)
- [O papel do interventor](#)
- [A intervenção propriamente dita](#)
- [A avaliação da intervenção](#)
- [A devolução e divulgação dos resultados](#)
- [Algumas questões éticas](#)

[Referências bibliográficas](#)

[Anexo 1 – Modelo de ficha de avaliação da intervenção](#)

[Anexo 2 – Modelo de ficha de avaliação da intervenção](#)

[Parte II – Experiências de Intervenção Psicossocial](#)

[5. Orientação de jovens para a inserção no mundo de trabalho](#)

[Introdução](#)

[Objetivos](#)

[Método](#)

[Desenvolvimento dos encontros](#)

[1º Encontro](#)

[2º Encontro](#)

[3º Encontro](#)

[4º Encontro](#)

[5º Encontro](#)

[6º Encontro](#)

[7º Encontro](#)

[8º Encontro](#)

[Avaliação da intervenção](#)

[Conclusões e sugestões](#)

[Referências bibliográficas](#)

[Anexo 1 - Instrumento de avaliação da intervenção](#)

[6. Livro da vida: o trabalho com narrativas de crianças e jovens em abrigos](#)

[Introdução](#)

[Objetivos](#)

[Método](#)

[Desenvolvimento dos encontros](#)

[1º Encontro](#)

[2º Encontro](#)

[3º Encontro](#)

[4º Encontro](#)

[5º Encontro](#)

[6º Encontro](#)

[Avaliação da intervenção](#)

[Conclusões e sugestões](#)

[Referências bibliográficas](#)

[Anexo 1 - Instrumento de avaliação da intervenção](#)

[7. Orientações sobre sexualidade para adolescentes](#)

[Introdução](#)

[Objetivos](#)

[Método](#)

[Desenvolvimento dos encontros](#)

[1º Encontro](#)

[2º Encontro](#)

[3º Encontro](#)

[4º Encontro](#)

[5º Encontro](#)

[6º Encontro](#)

[7º Encontro](#)

[8º Encontro](#)

[9º Encontro](#)

[10º Encontro](#)

[11º Encontro](#)

[12º Encontro](#)

[Avaliação da intervenção](#)

[Conclusões e sugestões](#)

[Referências bibliográficas](#)

[Anexo 1 – Questionário de avaliação da intervenção](#)

[Anexo 2 - Avaliação da intervenção](#)

8. Fortalecimento do vínculo entre pais e filhos

[Introdução](#)

[Objetivos](#)

[Método](#)

[Desenvolvimento dos encontros](#)

[1º Encontro](#)

[2º Encontro](#)

[3º Encontro](#)

[4º Encontro](#)

[5º Encontro](#)

[6º Encontro](#)

[7º Encontro](#)

[Avaliação da intervenção](#)

[Conclusões e sugestões](#)

[Referências bibliográficas](#)

9. Capacitação de educadores de uma ONG

[Introdução](#)

[Objetivos](#)

[Método](#)

[Desenvolvimento dos encontros](#)

[1º Encontro](#)

[2º Encontro](#)

[3º Encontro](#)

[4º Encontro](#)

[5º Encontro](#)

[6º Encontro](#)

[7º Encontro](#)

[8º Encontro](#)

[9º Encontro](#)

[10º Encontro](#)

[Avaliação da intervenção](#)

[Considerações finais](#)

[Referências Bibliográficas](#)

[Anexo 1 - Instrumento de avaliação da intervenção](#)

[Sobre os autores](#)

*A todos aqueles que contribuíram para que
este livro existisse: minha família, meus colegas
colaboradores nesta obra, meus alunos e
todas as pessoas que participaram das várias
intervenções aqui relatadas.*

Apresentação

*“Feliz é aquele que transfere o que sabe
e que aprende o que ensina.”*

Cora Coralina

A ideia deste livro surgiu durante o período em que exerci a função de professora supervisora do estágio Intervenção Psicossocial em uma universidade particular. Para implantar esse estágio pesquisei o que existia sobre o tema na realidade brasileira e deparei-me com uma carência de publicações na área, especificamente de material didático. Isso me impulsionou a desenvolver algumas ideias sobre o tema e, desde então, comecei a vislumbrar a possibilidade de publicar um livro que facilitasse a formação de profissionais nessa área.

Além disso, o aumento dos problemas sociais na realidade brasileira tem exigido do psicólogo um olhar muito mais atento para as necessidades psicossociais da população e para a construção de práticas que melhorem a qualidade de vida e saúde psíquica dos indivíduos. Sair dos consultórios e aproximar-se das instituições e comunidades tem sido o grande desafio do psicólogo na atualidade. Como intervir, como atuar *in loco*? Como sair do enquadre tradicional, como propor novos enquadres de trabalho? Como lidar com o novo, com as novas realidades?

Com o presente livro pretendo introduzir o psicólogo na área de Intervenção Psicossocial, fornecendo o embasamento teórico e metodológico básico e relatando algumas experiências de intervenção psicossocial. O livro foi construído de forma bastante didática, com uma linguagem simples e acessível ao aluno de psicologia e aos profissionais que se iniciam nesta área.

O livro é composto de duas partes. A primeira parte foi por mim redigida e é composta de quatro capítulos nos quais apresento os fundamentos teóricos e metodológicos da Intervenção Psicossocial. No primeiro capítulo explico o que é Intervenção Psicossocial, apresentando os aspectos históricos e as características desta área. No segundo capítulo começo a delinear os aspectos metodológicos explicando, especificamente, como realizar uma caracterização institucional e o mapeamento de necessidades psicossociais. No terceiro capítulo ensino como elaborar um projeto de Intervenção Psicossocial passo a passo. No quarto capítulo, discuto questões específicas relacionadas à intervenção propriamente dita, entre eles: o enquadre, o papel do interventor, os aspectos éticos da intervenção.

A segunda parte é composta por cinco capítulos redigidos com a colaboração de vários colegas psicólogos, professores supervisores na área de Intervenção Psicossocial e ex-alunos-estagiários. Cada um destes capítulos relata uma experiência de intervenção, realizada em uma determinada realidade e com um determinado objetivo. São experiências diferentes que permitirão ao leitor conhecer intervenções bem interessantes, cujos resultados foram significativos para os grupos-alvo. A diversidade dessas experiências mostra a riqueza desta área e a amplitude da atuação em Intervenção Psicossocial.

Convido a todos os interessados a partilharem minhas ideias e de meus colegas e a refletirem sobre os alcances da Psicologia e sobre a necessidade de, nós psicólogos, estendermos nosso olhar e nossa atuação a outras realidades e necessidades, visando contribuir sempre para o bem-estar psicossocial de indivíduos, grupos, instituições e comunidades.

Kathia Maria Costa Neiva

PARTE I - Aspectos teóricos e metodológicos da Intervenção Psicossocial

1. O que é Intervenção Psicossocial?

Kathia Maria Costa Neiva

Embora as necessidades psicossociais tenham sempre existido nos indivíduos, grupos e sociedades, é relativamente recente a constituição de uma área específica da psicologia que dê suporte teórico e metodológico para a realização de intervenções psicossociais.

Isso não significa que a psicologia não tenha se preocupado com tais necessidades, nem buscado formas de solucioná-las. Ao contrário, o bem-estar psicossocial dos indivíduos, grupos e comunidades sempre foi foco de preocupação dos psicólogos e até mesmo de outros profissionais.

Mas, o que é Intervenção Psicossocial?

As primeiras referências ao termo trazem as ideias de mudança, transformação, pesquisa e ação. Pagès (1976, p. 432) ao tentar definir a intervenção psicossociológica afirma que “tanto é uma metodologia prática de mudança como uma metodologia de pesquisa”, considerando assim como característica principal a possibilidade de unificar a pesquisa à prática psicológica. “A atividade de pesquisa confundir-se-á, pois, com o esforço mais energético e mais determinado de transformação do grupo.” (PAGÈS, 1976, p. 433).

A intervenção psicossocial como área de estudo surgiu na segunda metade do século XIX, na interface da Psicologia Clínica com a Psicologia Social. De um lado, o método psicanalítico conseguiu quebrar a compartimentação existente entre a pesquisa fundamental e a pesquisa aplicada e contribuir, assim, para uma pesquisa e prática transformadoras. De outro lado, o conceito de pesquisa ativa, introduzido por Lewin, reforçou a necessidade da complementaridade entre pesquisa e ação e a importância de se pesquisar sobre as situações da vida corrente, saindo dos laboratórios (PAGÈS, 1976). Lewin introduziu ainda o termo “dinâmica de grupo”, em 1944, e seus experimentos e de seus seguidores que realizaram intervenções em grupos foram fundamentais para o desenvolvimento da psicossociologia. As ideias de Moreno, fundador do psicodrama e da sociometria, foram também de grande contribuição para o desenvolvimento da área. A sociometria, além de permitir o estudo das inter-relações no grupo, é uma técnica que facilita as mudanças sociais, unindo a pesquisa e a intervenção (LAPASSADE, 1977). Além desses, outros autores contribuíram para compreender os processos grupais e propor formas de atuação e desenvolvimento dos grupos, como Bion (1975) e Pichon-Rivière (1988), sendo que a metodologia dos grupos operativos proposta por este último tem sido frequentemente incorporada às intervenções psicossociais.

É importante também salientar as contribuições de Rogers, que introduziu o conceito de não diretividade, ressaltando a capacidade do indivíduo de perceber seus problemas e de ser parte integrante na busca das soluções (LAPASSADE, 1977).

Vale ainda mencionar a influência de autores que se dedicaram à psicologia institucional, facilitando a compreensão e análise das instituições e organizações como Lapassade (1977), Bleger (1984) e Barembritt (2002). Concorde-se, portanto, com Nasciutti (1996, p. 105), ao afirmar que “os fundamentos teóricos da psicossociologia são multirreferenciais”.

No Brasil, a área da Psicossociologia sofreu grande influência de autores franceses como M. Pagès, J. Dubost, A. Lèvy, E. Enriquez, G. Lapassade e outros, principalmente em Minas Gerais, São Paulo e no Rio de Janeiro. Uma análise histórica do desenvolvimento desta área no Brasil é minuciosamente apresentada por Machado (2004) e resumida por Barros (1994).

Atualmente, existem alguns grupos fortes de pesquisa e atuação nesta área, concentrados nas Universidades Federais de Minas Gerais, Rio de Janeiro, Pernambuco, Rio Grande do Sul e São João Del Rei, que têm contribuído para a sistematização das ideias teóricas e desenvolvimento de práticas psicossociais.

Não se pode descartar a influência dos movimentos políticos e sociais ocorridos na realidade brasileira, principalmente a partir da década de 1970, que provocaram o aumento importante de pesquisas e discussões científicas sobre o tema, a criação de ONGs, e a formação de inúmeras associações visando o desenvolvimento comunitário e social (PEREIRA, 2001). Vale mencionar também a contribuição dos trabalhos de conscientização e de pesquisa participante de Paulo Freire e os projetos desenvolvidos pelas Comunidades Eclesiais de Base (BARROS, 1994; MACHADO, 2004).

Para Machado e Roedel (1994, p. 7) a psicossociologia é uma vertente da Psicologia Social cujo campo “é o dos grupos, das organizações e das comunidades, considerados como conjuntos concretos que mediam a vida pessoal dos indivíduos e são por ele criados, geridos e transformados”. A intervenção psicossociológica surgiu a partir dos anos 1950, quando os psicossociólogos passaram a priorizar os problemas e se preocupar com as instâncias de mudança, respondendo às demandas e incorporando o papel de pesquisador-interventor. Dubost (1994) expõe em detalhes a origem e evolução da intervenção psicossociológica.

Machado (2004, p. 15) define:

A pesquisa-intervenção psicossocial como um trabalho de produção de conhecimentos sobre grupos, organizações, instituições, comunidades e movimentos sociais, fundado nas reflexões teóricas e descobertas da psicologia social e da psicossociologia, e, simultaneamente, um conjunto de práticas clínicas de consulta voltadas ao tratamento desses diferentes conjuntos sociais e meios abertos.

De acordo com Sarriera e colaboradores (2000, p. 32), o objetivo principal da intervenção psicossocial é “possibilitar melhores condições humanas e de qualidade de vida”. A intervenção psicossocial visa assim ao processo de interação sujeito-meio social e pode abranger diferentes áreas: saúde mental, política, economia, educação, etc.

Considera-se, portanto, que a intervenção psicossocial tem um caráter de pesquisa-ação que visa facilitar o bem-estar psicossocial de indivíduos, grupos, instituições, organizações e/ou comunidades.

A seguir serão discutidas algumas características básicas da intervenção psicossocial:

1.1. Caráter científico, unindo a pesquisa à ação

Conforme mencionado anteriormente, a intervenção psicossocial segue os parâmetros do método científico, unindo a pesquisa à ação. A pesquisa permeia todo o processo, desde a análise da demanda e o mapeamento das necessidades psicossociais até a etapa final de avaliação da intervenção. É esse caráter científico que produz reflexão, crítica e reformulação. Como ressalta Lévy (1994a, p. 109): “A intervenção junto a um grupo deve ser vista, ao mesmo tempo, como uma ação e como um modo de desenvolvimento de novos conhecimentos.” O profissional que atua nessa área assume assim um papel de pesquisador-interventor.

Reforçando a importância da relação entre pesquisa e ação, Bleger (1984, p. 32) assume que:

[...] não há possibilidade de nenhuma tarefa profissional correta em psicologia se não é, ao mesmo tempo, uma investigação do que está ocorrendo e do que está se fazendo. A prática não é uma derivação subalterna da ciência, mas sim seu núcleo ou centro vital; e a investigação científica não tem lugar acima ou fora da prática, mas sim dentro do curso da mesma.

1.2. Preocupação em gerar mudança e desenvolvimento

Provocar algum tipo de mudança no sentido de desenvolvimento é o objetivo fundamental da intervenção psicossocial. Mas, mudança alguma pode ocorrer sem que a necessidade de mudança seja primeiramente percebida e sentida pelo grupo. Ninguém muda sem ter consciência e desejo de mudar. Além disso, a resistência à mudança é comum no ser humano, e são muitos os fatores que dificultam as mudanças. Carreteiro (1994, p. 100) retomando as ideias de Lévy ressalta que as “verdadeiras mudanças ocorrem a partir da elaboração das dificuldades e da criação de novas modalidades de busca da verdade”, o que requer um genuíno trabalho psíquico. Maisonneuve (1977) e Lévy (1994b) discutem o problema da mudança e a contribuição da psicossociologia para compreender e lidar com as mudanças grupais.

Vale ainda pontuar a ressalva feita por Sarriera, Silva, Pizzinato, Zago e Meira (2000) sobre a necessidade de avaliar os valores e a ética adotados ao definir quais mudanças são almejadas para o grupo alvo da intervenção.

1.3. Foco em grupos, instituições e comunidades

Apesar de gerar mudanças intrapessoais, a intervenção psicossocial tem como alvo os grupos, instituições, organizações e comunidades. O alcance da intervenção deve ser amplo e visar mudanças que vão, até mesmo, além dos grupos. Os problemas e necessidades dos grupos estão sempre ligados aos problemas e necessidades das instituições das quais eles são parte integrante. Logo, “não se pode tratar dos problemas dos grupos, sem tratar ao mesmo tempo dos problemas das organizações e das instituições” (LAPASSADE, 1977, p. 62). Além disso, uma comunidade, organização, instituição é formada por um conjunto de grupos, que se inter-relacionam e se interligam. Uma ação em um

dos grupos gera efeitos nos demais e, conseqüentemente, no conjunto como um todo.

1.4. Ação sobre os problemas atuais da sociedade e necessidades psicossociais de grupos, instituições e/ou comunidades

Quando se pretende a promoção do bem-estar psicossocial, é necessário pensar em uma estrutura complexa, com múltiplos fatores que podem causar o mal-estar: fatores de ordem econômica, cultural, social e outros. Logo, as necessidades psicossociais podem ser variadas. Podem estar associadas à moradia, alimentação, educação, trabalho etc. O papel do interventor é agir sobre os fatores psicológicos que estejam associados à não satisfação dessas necessidades ou à promoção necessária para atendê-las (BLEGER, 1984).

Bleger (1984, p.79) aponta diversas situações em que o psicólogo pode contribuir com intervenções visando à psico-higiene na comunidade:

- Em diferentes instituições: família, empresas, fábricas, escolas, clubes, prisões, etc.
- Em distintas etapas do desenvolvimento da personalidade: infância, adolescência, maturidade, velhice.
- Em períodos de mudança no desenvolvimento: nascimento, desmame, puberdade, etc.
- Em situações significativas que requerem mudanças: casamento, gravidez, divórcio, adoção, reforma, luto, escolha profissional, desemprego, aposentadoria, etc.
- Em períodos críticos da vida que exigem o enfrentamento de problemas específicos: imigração, doença, desastres econômicos, acidentes, tragédias, etc.

Carreteiro (1994) chama a atenção para o fato de que as sociedades vêm sofrendo rupturas e mudanças que geram mal-estar nos indivíduos e ressalta o papel importante dos pesquisadores-interventores na realização de intervenções que facilitem o enfrentamento e superação das dificuldades. Alguns dos problemas observados na atualidade são: o crescimento do individualismo, a busca incessante de sucesso econômico e intolerância às diferenças, que têm acarretado disputas entre nações, etnias, grupos religiosos e outros.

Na medida em que a intervenção psicossocial tem como objetivo geral melhorar a qualidade de vida e o bem-estar psicossocial dos indivíduos, é necessário, portanto, conhecer os fatores que interferem neste bem-estar. O mapeamento e a análise das necessidades psicossociais do grupo, instituição, organização ou comunidade foco da intervenção são fundamentais. Tais necessidades podem estar na área de saúde, educação, trabalho, economia ou outra; o importante é conhecê-las e definir prioridades para decidir o(s) foco(s) da intervenção. Essa decisão deve ser tomada com ou pelo grupo.

Entretanto, vale ressaltar que as intervenções psicossociais não se aplicam apenas às populações desfavorecidas. No Brasil, em função dos problemas sociais, das desigualdades de renda, das condições de vida, a maioria dos trabalhos na área é desenvolvida com essa população. Mas, o conceito de intervenção psicossocial abrange todo tipo de grupo, instituição ou comunidade (NASCIUTTI, 1996).

1.5. Intervenção focada

A intervenção não consegue abranger todas as necessidades de um grupo, instituição, organização ou comunidade. Portanto, é importante definir quais as necessidades mais prementes e mais viáveis de intervenção para que se possa estabelecer o(s) foco(s) da intervenção. Sem isso, corre-se o risco de ajudar a querer resolver tudo e não resolver nada, perdendo-se o rumo e eficácia da intervenção. Como

ênfatiza Bleger (1984, p. 45), com relação ao trabalho do psicólogo em instituições, este

não pode trabalhar com todos os integrantes ou todos os organismos da instituição ao mesmo tempo nem tampouco isso é a desejar; por isso deve-se examinar os pontos de urgência sobre os quais intervir como objetivos imediatos.

Deve-se definir, portanto, as prioridades, sendo possível até intervir em diferentes focos, desde que se planeje devidamente como e quando trabalhá-los.

1.6. Caráter predominantemente preventivo

Talvez pareça incoerente atribuir à intervenção psicossocial um caráter predominantemente preventivo, pois o foco das intervenções são as necessidades psicossociais, na maioria das vezes preexistentes. Mas, considerando que seu objetivo maior é o bem-estar psicossocial e a qualidade de vida, ou seja, os aspectos de saúde e não de doença, seu foco maior é, portanto, a prevenção. Segundo Casas (2005) a partir de 1960 houve um movimento de mudança na lógica da intervenção psicossocial que passou inicialmente a centrar-se na lógica da prevenção primária e em seguida na lógica da promoção da saúde, do bem-estar, da qualidade de vida, da participação social, etc.

Sendo assim, a intervenção psicossocial pretende fundamentalmente prevenir o mal-estar psicossocial, a má qualidade de vida das pessoas, grupos, instituições e comunidades. Prioriza, portanto, a atividade de psico-higiene, característica fundamental da psicologia institucional (BLEGER, 1984), área da qual sofreu influência. De acordo com este autor,

A psico-higiene não gira ao redor da doença e sim das condições habituais da vida nas situações reais em que elas se dão, tomando seus problemas e alternativas em si mesmas e em função dos seres humanos que intervêm em cada uma delas. (BLEGER, 1984, p. 80).

A psico-higiene está, portanto, relacionada à utilização dos recursos psicológicos para enfrentar os problemas que surgem no

desenvolvimento da vida dos grupos, das instituições e das comunidades.

Dessa forma, a intervenção psicossocial na qualidade de área de atuação volta o seu olhar para as situações cotidianas, para as atividades e necessidades da vida corrente da população, buscando prioritariamente a promoção de bem-estar psicossocial.

1.7. Leva em conta o contexto social e cultural

Conforme Casas (2005) não se pode compreender realidade social alguma sem conhecer o contexto sócio-histórico em que esta se desenvolve. Os grupos, instituições, organizações e comunidades estão inseridos em diferentes contextos históricos, sociais e culturais. Da mesma forma, as necessidades psicossociais variam segundo o contexto social e cultural. Portanto, não se pode analisar necessidades nem prioridades sem analisar conjuntamente a instituição e o contexto em que está inserida. O que pode ser necessidade em um contexto pode não ser em outro. Compreender o contexto social e cultural em que o grupo-alvo está inserido é fundamental para o planejamento e desenvolvimento da intervenção.

1.8. Inclui a diversidade do grupo, instituição e/ou comunidade

Cada grupo, instituição, comunidade tem suas características próprias, necessidades, exigências e peculiaridades. A intervenção deve levar em conta as especificidades da instituição e contemplar as adaptações necessárias, trabalhando até com o enquadre possível. O local, o horário, a frequência dos encontros, a forma de participação do grupo não podem ser rígidos e devem, portanto, ser adaptados ao que for possível para que a intervenção ocorra e seja eficaz.

O processo de intervenção psicossocial passa pelas seguintes fases:

- *Diagnóstica*: fase em que ocorre a caracterização da instituição, a análise das necessidades psicossociais e a delimitação do(s) foco(s) da intervenção.
- *Delineamento da intervenção*: fase de planejamento e elaboração do projeto de intervenção.
- *Desenvolvimento da intervenção*: fase de aplicação do planejamento de modo flexível, sendo este passível de mudanças a partir das necessidades e dos feedbacks do grupo-alvo.
- *Avaliação da intervenção*: fase em que se verifica se os objetivos propostos foram alcançados, se ocorreram mudanças, ou seja, avalia-se a eficácia da intervenção.
- *Devolução e divulgação dos resultados*: fase em que os resultados são comunicados ao grupo, à instituição ou à comunidade, incluindo também a possibilidade de divulgação científica dos resultados para disseminação da proposta interventiva.

Lévy (1994a), ao analisar as perspectivas futuras da Psicossociologia, aponta a influência crescente da psicanálise e de trabalhos na área de inspiração psicanalítica e a contribuição de certas correntes da Sociologia Clínica na compreensão das dimensões institucionais e culturais e a multiplicação de estudos orientados para a análise de discursos coletivos e interações linguísticas. Destaca, assim, “a necessidade de uma abordagem pluridisciplinar e a impossibilidade da psicossociologia renovar-se sem contribuições externas” (LÉVY, 1994a, p. 112), apesar da dificuldade de tais articulações em função de diferenças epistemológicas e de representações de objeto.

De outro modo, Bleger (1984, p. 72), ao discutir a importância da psico-higiene, aponta a necessidade de os psicólogos conhecerem mais sobre a psicologia das situações e da vida cotidiana e elaborarem “teorias psicológicas que não partam especificamente da patologia”.

Finalmente, Machado (2004, p. 24) conclui que “a pesquisa-intervenção psicossocial é uma forma privilegiada de produção de conhecimento científico novo e inédito”.

Não se pretende esgotar aqui as origens e características da Intervenção Psicossocial, mas sim traçar algumas diretrizes básicas para o trabalho nesta área, facilitando assim a compreensão dos aspectos metodológicos que serão apresentados nos próximos capítulos.

Referências bibliográficas

- BAREMBLITT, G. *Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática*. 5. ed. Belo Horizonte: Instituto Felix Guattari, 2002.
- BARROS, R. D. B. de Intervenção Psicossociológica. In: LÉVY, A. et al. *Psicossociologia: análise social e intervenção*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 155-159.
- BION, W. R. *Experiências com grupos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago; São Paulo: EDUSP, 1975.
- BLEGER, J. *Psico-higiene e psicologia institucional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.
- CARRETEIRO, T. C. Psicossociologia em exame. In: LÉVY, A. et al. *Psicossociologia: análise social e intervenção*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 99-100.
- CASAS, F. Desafios atuais da psicologia na intervenção social. *Psicologia & Sociedade*, v. 17, n. 2, p. 42-49, 2005
- DUBOST, J. Notas sobre a origem e evolução de uma prática de intervenção psicossociológica. In: LÉVY, A. et al. *Psicossociologia: análise social e intervenção*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 160-173.
- LAPASSADE, G. *Grupos, organizações e instituições*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- LÉVY, A. A psicossociologia: crise ou renovação In: LÉVY, A. et al. *Psicossociologia: análise social e intervenção*. Petrópolis: Vozes, 1994a, p. 101-112.
- _____. A mudança: esse obscuro objeto do desejo. In: LÉVY, A. et al. *Psicossociologia: análise social e intervenção*. Petrópolis: Vozes, 1994b. p. 113-123.
- MACHADO, M. N. da M. *Práticas psicossociais; pesquisando e intervindo*. Belo Horizonte: Edições Campo Social, 2004.
- MACHADO, M. N. M.; ROEDEL, S. Apresentação. In: LÉVY, A. et al. *Psicossociologia: análise social e intervenção*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 7-12.
- MAISONNEUVE, J. *Introdução à psicossociologia*. São Paulo: CEN/Edusp, 1977.
- NASCIUTTI, J. C. R. A instituição como via de acesso comunidade. In: CAMPOS, R. H. F. (Org.). *Psicologia Social Comunitária: da solidariedade à autonomia*. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 100-126.
- PAGÈS, M. *A vida afetiva dos grupos*. Petrópolis: Vozes/Edusp, 1976.

PEREIRA, W. C. C. *Nas trilhas do trabalho comunitário e social: teoria, método e prática*. Petrópolis: Vozes, 2001.

PICHON-RIVIÈRE, H. *O processo grupal*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

SARRIERA, J. C. et al. Intervenção psicossocial e algumas questões éticas e técnicas. In: SARRIERA J. C. (Coord.). *Psicologia comunitária: estudos atuais*. Porto Alegre: Sulina, 2000. p. 25-44.

2. Caracterização institucional e diagnóstico das necessidades psicossociais

Kathia Maria Costa Neiva

O interventor necessita primeiramente conhecer o grupo, instituição, organização ou comunidade, aproximar-se de seus componentes, ajudá-los a fazer um levantamento das necessidades psicossociais, para então, junto com o grupo, decidir o(s) foco(s) da intervenção.

Portanto, antes de planejar qualquer intervenção, é primordial conhecer se existe e qual é a demanda do grupo-alvo. “Uma intervenção psicossocial é desencadeada apenas se há uma demanda de algum grupo, organização, instituição ou comunidade, o que não exclui, da parte dos consultores, uma oferta de trabalho.” (MACHADO, 2004, p. 39). Ou seja, nem sempre a demanda de mudança ou ajuda parte espontaneamente do grupo; com frequência esta é desencadeada pela oferta do interventor. Da mesma forma, nem sempre a demanda é explícita, clara e até mesmo consciente. De acordo com Lévy (1994) faz parte do trabalho do psicossociólogo fazer emergir as demandas; não só permitir uma expressão menos difusa delas, mas também permitir interpretá-las. “Fazer emergir demandas não consiste em adotar uma atitude de escuta passiva” (LÉVY, 1994, p. 107).

Quem fez a demanda inicial? A direção da instituição, um setor específico, algum funcionário ou técnico? Partiu do quadro diretivo ou das bases? A demanda foi espontânea ou surgiu após uma oferta do serviço? É importante analisar como surgiu a demanda, se houve um encaminhamento, de quem partiu e como se deu.

Além disso, segundo Bleger (1984, p. 42), para que uma instituição solicite e aceite a intervenção é necessário um “certo grau de maturidade ou *insight* de seus problemas ou de sua situação conflituosa, mas a função do psicólogo conduz também a que se tome consciência de sua necessidade”.

Para Baremlitt (2002), o diagnóstico inicial é fundamental e, portanto, deve ser estabelecido um contrato com tal fim, implicando a criação e utilização de dispositivos para ouvir todas as partes, além daquela que fez a demanda inicial e colher os dados necessários. Segundo este autor, “o diagnóstico já é uma operação de intervenção” (BAREMBLITT, 2002, p. 102), por isso deve ser autorizado e legitimado.

Toda instituição tem uma organização própria e objetivos específicos que devem ser devidamente conhecidos pelos interventores para que possam decidir sua tarefa profissional na instituição. A instituição possui objetivos explícitos e implícitos, necessidades manifestas e latentes. Ao analisar uma instituição o psicólogo deve não só conhecer os aspectos explícitos, mas, principalmente, os implícitos para tomar decisões e realizar assim sua tarefa de intervenção. Quanto aos objetivos, é necessário diferenciar os próprios objetivos da instituição (explícitos e implícitos), dos objetivos para os quais a instituição solicita ou aceita a intervenção do psicólogo. É o estudo diagnóstico que permite conhecer mais profundamente a instituição e suas necessidades (BLEGER, 1984).

Sendo assim, a primeira etapa consiste em tramitar as devidas autorizações e estabelecer o contrato para o levantamento diagnóstico. Em seguida, devem-se delinear os passos necessários para a coleta das informações que permitirão caracterizar a instituição, organização ou comunidade e diagnosticar as necessidades psicossociais.

Diversos instrumentos podem ser utilizados nesta etapa para a coleta de informações e dados; os mais empregados são: entrevistas abertas, semiabertas e/ou fechadas, questionários, observações, análise histórica e documental, diário de campo, fotos, filmes, gravações e

outros procedimentos comumente utilizados nas pesquisas-ação e pesquisas participantes (MACHADO, 2004; SARRIERA et al., 2000; SARRIERA, 2008).

Todos os contatos que o psicólogo estabelece com a instituição/organização ou comunidade fornecem material importante para o diagnóstico. Logo, este deve estar atento a todo tipo de informação verbal ou não verbal, positiva ou negativa, assim como às alianças, defesas e resistências dos vários profissionais que atuam na instituição. Por isso, convém ao psicólogo registrar minuciosamente suas visitas, contatos, observações, entrevistas, não poupando detalhes, pois são estes que muitas vezes fornecem pistas sobre as necessidades latentes.

Todos os primeiros contatos já conduzem a uma impressão preliminar de caráter diagnóstico, para o qual se deve conhecer também a história da instituição e – pelo menos – os grandes delineamentos de suas características. (BLEGER, 1984, p. 51).

As visitas institucionais e entrevistas devem ser previamente agendadas de acordo com a disponibilidade de ambas as partes: interventor e instituição. É fundamental respeitar as características da instituição, sua rotina, suas normas e seu funcionamento. O interventor deve manter sempre uma atitude ética e de respeito para com a instituição, seus dirigentes, seus funcionários e sua clientela.

Mas, o que é necessário saber sobre a instituição? É necessário conhecer vários aspectos da realidade institucional. Para efeito didático, apresenta-se, no anexo 1, um roteiro para caracterização da instituição e um levantamento das necessidades psicossociais. Algumas ideias para esse roteiro foram extraídas de Bleger (1984) e Sarriera (2008). O roteiro inclui questões relacionadas aos seguintes aspectos:

- a) Dados da instituição
- b) Histórico da instituição
- c) Serviços/clientela
- d) Infraestrutura da Instituição

- e) Funcionários/Profissionais
- f) Necessidades psicossociais (relacionadas à equipe técnica e aos funcionários; relacionadas à clientela)
- g) Interesse e disponibilidade institucional para o desenvolvimento de um projeto de intervenção psicossocial

Evidentemente, esses dados serão coletados ao longo de uma série de visitas, entrevistas, observações e deverão ser organizados em forma de relatório que permita extrair conclusões e traçar um diagnóstico das necessidades psicossociais da instituição. É esse diagnóstico que norteará as decisões com relação ao(s) foco(s) da intervenção.

Segundo Nasciutti (1996, p. 109-110), ao analisar a instituição o psicossociólogo:

[...] vai dirigir seu olhar tanto para o que é de ordem do instituído (lugar da instituição no sistema socioeconômico-político, identidade social, história), tanto para o que é de ordem funcional (hierarquia, sistemas de decisão e de comunicação, funcionamento formal, divisão de papéis), assim como procurará apreender o que é da ordem do sujeito e das relações interpessoais.

É necessário, portanto, analisar diferentes níveis para compreender a complexidade da realidade institucional.

Após a coleta dos dados, estes devem ser analisados, o que pode ser feito por meio de diferentes técnicas. A escolha das técnicas deve estar relacionada aos objetivos da análise. Muitas vezes são utilizadas várias técnicas ao mesmo tempo. As técnicas devem abarcar aspectos qualitativos e quantitativos (SARRIERA, 2008). Podem ser usadas, portanto, análises estatísticas, análises de conteúdo, análises do discurso, etc.

Ao analisar as necessidades psicossociais é necessário definir quais as prioridades e os pontos de urgência para então poder planejar a intervenção. O estabelecimento de prioridades depende de critérios diversos; não só do tipo de problema e de sua urgência, mas também dos recursos humanos, econômicos e técnicos. Além disso, “a planificação tem que contemplar não só a urgência imediata como

também objetivos de mais largo alcance” (BLEGER, 1984, p. 76). Alguns índices para avaliar as prioridades são apontados por esse autor como sugeridos por Molina e Adriasola: “gravidade do dano, possibilidade de evitar o dano, custo *versus* dano, rendimentos, atitude da comunidade.” (BLEGER, 1984, p. 76).

Lévy (1994) aponta também três pontos importantes para a análise da demanda:

- considerar a heterogeneidade da demanda;
- situar a ação em uma perspectiva de pesquisa;
- definir, desde o início da ação, os objetos de pesquisa comuns aos interventores e solicitantes estabelecendo uma relação de colaboração.

A análise das necessidades prioritárias deve, portanto, ser feita em conjunto com a equipe institucional, pois interventor e instituição devem estar de acordo nas decisões que serão tomadas com relação ao(s) foco(s) da intervenção. Só então poderá ser estabelecido um contrato definitivo que permitirá avançar para a etapa seguinte que consiste em planejar a intervenção, definindo estratégias, táticas e técnicas e elaborando assim um projeto com o devido embasamento teórico e metodológico. Esse tema será objeto do próximo capítulo.

Referências bibliográficas

BAREMBLITT, G. *Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática*. 5. ed. Belo Horizonte: Instituto Felix Guattari, 2002.

BLEGER, J. *Psico-higiene e psicologia institucional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

LÉVY, A. A psicossociologia: crise ou renovação. In: LÉVY, A. et al. *Psicossociologia: análise social e intervenção*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 101-112.

MACHADO, M. N. *Práticas psicossociais: pesquisando e intervindo*. Belo Horizonte: Edições Campo Social, 2004.

NASCIUTTI, J. C. R. A instituição como via de acesso comunidade. In: CAMPOS, R. H. F. (Org.) *Psicologia social comunitária: da solidariedade à autonomia*. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 100-126.

SARRIERA, J. C. Análisis de las necesidades de un grupo o comunidad: la evaluación como proceso. In: SAFORÇADA, E.; SARRIERA, J. C. (Comp.) *Enfoques conceptuales y técnicos en psicología comunitaria*. Buenos Aires: Paidós, 2008. p. 137-150.

_____.; SILVA, M. A. et al. Intervenção psicossocial e algumas questões éticas e técnicas. In: SARRIERA J. C. (Coord.) *Psicologia comunitária: estudos atuais*. Porto Alegre: Sulina, 2000. p. 25-44.

Anexo 1- Roteiro de caracterização institucional e diagnóstico de necessidades psicossociais

I) Dados da instituição

- 1) Nome da instituição
- 2) Endereço completo
- 3) Telefone/fax/e-mail/site
- 4) Responsável pela instituição: nome e cargo
- 5) Contato: nome e cargo

II) Histórico da instituição

- 1) Tipo de instituição (escola, centro comunitário, ONG, etc.)
- 2) Quando foi fundada? Por quem? Está vinculada a algum órgão?
- 1) Como e por quem é mantida a instituição?
- 2) Qual é a missão da instituição? Quais são suas finalidades e seus objetivos?
- 3) Quais os princípios e valores da instituição?
- 4) Qual a contribuição social da instituição?
- 5) Como se deu a evolução da instituição? Houve alguma mudança importante na instituição durante o seu período de funcionamento? Qual? Por quê?
- 6) Quais são as principais normas da instituição?

III) Serviços/clientela

- 1) Qual(is) o(s) serviço(s) oferecido(s) pela instituição?
- 2) Como é feita a divulgação dos serviços?
- 3) Qual a clientela a quem os serviços se destinam?
- 4) Quantas pessoas se beneficiam atualmente dos serviços?

- 5) Qual é o fluxograma dos serviços oferecidos? Como é o funcionamento da instituição?
- 6) Quais os dias e horários de funcionamento?
- 7) Como a instituição avalia seus serviços? Quais foram os últimos resultados?

IV) Infraestrutura da instituição

- 1) Em que tipo de imóvel está instalada a instituição? O imóvel é próprio, alugado, emprestado, arrendado...?
- 2) Existem salas específicas para o desenvolvimento das atividades/serviços oferecidos à clientela?
- 3) As instalações são adequadas para os serviços oferecidos? Quais instalações são adequadas e quais são inadequadas ou precárias?

V) Funcionários/profissionais

- 1) Número de funcionários e cargos
- 2) Organograma/níveis hierárquicos
- 3) Quais os profissionais que desenvolvem os serviços oferecidos? Qual a situação profissional deles (contratados, prestadores de serviço, estagiários, voluntários...)
- 4) Existe uma equipe multiprofissional? Quais os profissionais que compõem essa equipe? Essa equipe se reúne com frequência? Qual a sistemática das reuniões? Qual o objetivo destas reuniões?
- 5) Como é o clima institucional? Como é o relacionamento entre os funcionários / técnicos/diretoria? (frio/competitivo/alegre/discreto/de confiança/de colaboração, etc.)

VI) Necessidades psicossociais

As necessidades psicossociais da instituição podem estar vinculadas tanto à equipe de técnicos e funcionários, quanto à clientela atendida. Logo, ao explorar e analisar tais necessidades deve-se ter em mente a instituição como um todo.

Com relação à equipe técnica e funcionários:

- 1) Existe alguma demanda explícita ou implícita por parte do grupo de técnicos e funcionários da instituição? Caso exista, qual é esta demanda e como caracterizá-la em termos de necessidades psicossociais?
- 2) Estas necessidades, se existentes, comprometem os serviços oferecidos pela instituição? De que maneira?
- 3) Como a instituição lida com a resolução das necessidades psicossociais de seus técnicos e funcionários?

Com relação à clientela:

- 1) Quais são as necessidades psicossociais da clientela atendida pela instituição?
- 2) Quais as necessidades psicossociais que não estão sendo atendidas pela instituição? Por quê?
- 3) Quais as dificuldades que enfrenta a instituição para atender a essas necessidades?
- 4) Quais dessas necessidades são prioritárias de atendimento no presente momento?
- 5) Quais dessas necessidades seriam as mais viáveis de serem atendidas no presente momento?
- 6) Quais e quantas pessoas necessitariam ser atendidas? (descrever a clientela em termos de idade, sexo, nível socioeconômico, escolaridade, limitações...)
- 7) Qual o interesse dessas pessoas em participar de grupos de intervenção?
- 8) Qual a disponibilidade dessas pessoas para participar de grupos de intervenção? (de horário, de vinda à instituição, de engajamento, de tempo...)

VII) Interesse e disponibilidade institucional para o desenvolvimento de projeto de intervenção psicossocial

- 1) Há interesse e disponibilidade da instituição para que seja desenvolvido algum projeto de intervenção psicossocial? De quem é o interesse? Direção, equipe técnica, clientela?
- 2) A instituição tem condições de prover alguns recursos básicos para o desenvolvimento da intervenção? Quais?
- 3) Existe um espaço adequado para o desenvolvimento da intervenção? Quantas pessoas comporta esse espaço?
- 4) Como a instituição se propõe a colaborar para a divulgação e viabilização da intervenção?
- 5) Quais as dificuldades que a instituição prevê para a realização da intervenção?

VIII) Observações gerais sobre as visitas

- 1) De quem foi a demanda da intervenção? Partiu espontaneamente ou surgiu após divulgação do serviço?
- 2) Como foi o primeiro contato? Quem o atendeu pela primeira vez? Que impressão essa pessoa lhe causou?
- 3) Nas demais visitas, sempre foi atendido pela mesma pessoa? Foi encaminhado para outras? Quais? Por quê?
- 4) Como você percebeu o ambiente de trabalho? O relacionamento dos funcionários? O relacionamento entre funcionários e clientela?
- 5) Como você percebeu o interesse e a disponibilidade da instituição para uma intervenção? O interesse é compartilhado por todas as instâncias da instituição ou é apenas de um setor específico?

3. Elaboração do projeto de Intervenção Psicossocial

Kathia Maria Costa Neiva

Um projeto de intervenção psicossocial é um trabalho científico e, portanto, sua construção deve ser pautada nas normas científicas em vigor. São muitas as obras dedicadas à metodologia científica e não é objetivo deste livro retomar tais questões, entretanto serão abordados aspectos específicos relacionados à elaboração de projetos na área de intervenção psicossocial.

Antes de iniciar a elaboração do projeto de intervenção deve-se ter uma resposta relativamente clara para cada uma das seguintes questões:

- Qual é o foco deste projeto (*tema*)?
- O que se pretende com este projeto (*objetivo*)?
- A quem se destina este projeto (*população-alvo*)?
- Por que e para que se pretende realizar este projeto (*justificativa*)?
- Qual a importância deste projeto para a instituição, comunidade, sociedade (*relevância*)?

As respostas às questões anteriores nortearão os aspectos teóricos e metodológicos do projeto. Entretanto, vale ressaltar que muitas decisões devem ser tomadas conjuntamente com a equipe institucional, como o foco da intervenção, os objetivos prioritários, a população-alvo, as condições da intervenção e outras. A participação da instituição é fundamental para a viabilização e o sucesso da intervenção.

A seguir serão apresentadas as etapas de elaboração de um projeto de intervenção psicossocial.

3.1. Formulação dos objetivos

“A elaboração de um processo de intervenção depende dos objetivos que se propõe atingir.” (SARRIERA et al., 2000, p. 32). Sendo assim, após a delimitação do(s) foco(s) da intervenção é fundamental definir seus objetivos. Os objetivos da intervenção devem ser discutidos e definidos em conjunto com a equipe institucional.

De acordo com Bleger (1984, p. 43): “A finalidade ou o objetivo que se deseja alcançar orienta a ação, formando parte do enquadramento da tarefa.” Ao estabelecer os objetivos, o psicólogo deve ter claro: a) os objetivos gerais ou mediatos de sua tarefa; b) sua aceitação ou não dos objetivos da instituição e dos meios que usa para alcançá-los e c) o diagnóstico dos objetivos particulares, imediatos ou específicos. Também não deve confundir os objetivos institucionais com seus objetivos profissionais. O psicólogo deve ter consciência que seu objetivo maior é o de psico-higiene, ou seja, a promoção de saúde e bem-estar dos integrantes da instituição e, portanto, em hipótese alguma deve renunciar a este objetivo.

Todo projeto tem um objetivo geral que será a meta principal a ser alcançada e objetivos específicos que permitirão o alcance do objetivo geral. No início da elaboração do projeto, quando a pesquisa bibliográfica ainda não avançou, os objetivos específicos podem ainda não estar claros. À medida que o conhecimento sobre o tema foco da intervenção vai se ampliando, os objetivos específicos vão ficando mais evidentes. Durante toda a construção do projeto não se pode perder de vista o foco da intervenção nem seus objetivos. São estes que nortearão as decisões metodológicas.

Alguns exemplos de objetivo geral:

- Desenvolver a autoestima de jovens em situação de vulnerabilidade social.

- Facilitar a inserção profissional de egressos do sistema prisional.
- Fortalecer os vínculos familiares em lares sociais.

Vale ressaltar que os objetivos específicos devem ser construídos de forma simples e clara, evitando linguagens rebuscadas e mais explicações. Além disso, ao formulá-los deve-se ter em mente a possibilidade de serem efetivamente atingidos; não cabem objetivos vagos, imprecisos ou utópicos. Portanto, devem-se levar em conta os pontos de urgência sobre os quais intervir como objetivos imediatos.

3.2. Embasamento teórico

Com relação ao embasamento teórico, o primeiro passo é delimitar os temas de estudo que permitirão a compreensão do(s) foco(s) da intervenção. Campos (2004) sugere elaborar um rol de palavras ou termos que se relacionem diretamente com o tema para que possam ser utilizados na pesquisa bibliográfica. É importante selecionar devidamente o material de pesquisa e leitura, evitando ir além do foco, ou negligenciando materiais importantes.

Com o advento da internet, está bem mais fácil e ágil realizar uma pesquisa bibliográfica. Entretanto, encontra-se também muito material não científico na internet, o que requer uma boa triagem. O mais adequado é realizar a pesquisa em bancos de dados científicos, tais como: BVS-Psi, PePSIC, SciELO, Lilacs, Medline, Portal Capes, Redalyc.

Além da delimitação dos temas a serem pesquisados, é importante definir a perspectiva sob a qual os temas serão tratados. A perspectiva sob a qual se estuda o tema é que determinará o desenvolvimento da intervenção (SEVERINO, 2000). Por exemplo, ao decidir-se por estudar o tema sob a perspectiva da psicanálise, essa mesma perspectiva deverá nortear os aspectos metodológicos e o desenvolvimento da intervenção.

É importante haver uma coerência entre o embasamento teórico e as decisões metodológicas.

Ao longo da pesquisa bibliográfica deve-se procurar encontrar intervenções já realizadas, cujo foco foi similar ao que se pretende, analisando seus resultados, seus limites, suas críticas e suas sugestões. Esses trabalhos poderão servir de modelo ou gerar ideias interessantes. Nas referências bibliográficas desses trabalhos também se pode encontrar material importante de ser pesquisado.

O embasamento teórico sobre o tema foco da intervenção permite compreender melhor a problemática e facilita a tomada de uma posição sobre a perspectiva em que se pretende desenvolver a intervenção. Além disso, é a partir daí que se consegue aprimorar a formulação dos objetivos específicos e ter mais claras a justificativa e relevância da intervenção.

3.3. Metodologia

O cuidado com os aspectos metodológicos é fundamental. São eles que nortearão todo o desenvolvimento do projeto, logo devem ser decididos com muito critério. A seguir apresentaremos cada um dos aspectos metodológicos a serem definidos.

População-alvo

A definição da população que será alvo da intervenção é uma das primeiras questões a serem decididas. A compreensão dessa população e suas características fará uma diferença no desenvolvimento da intervenção. A intervenção visará um grupo específico, vários grupos de uma instituição, toda uma comunidade? É importante delimitar dentro dessa população qual será o grupo-alvo. Os procedimentos metodológicos devem tomar em conta a composição e características do grupo-alvo. Algumas perguntas:

- Quais as características sociodemográficas do grupo-alvo (sexo, idade, escolaridade, situação socioeconômica, etc.)?
- De quantas pessoas será composto o grupo-alvo?
- O grupo-alvo é um grupo homogêneo ou heterogêneo?

Instrumentos

A escolha dos instrumentos que serão utilizados depende diretamente do referencial teórico, dos objetivos e dos procedimentos a serem adotados na intervenção. Os psicólogos contam com vários materiais psicológicos que podem vir a ser utilizados como: testes, técnicas, jogos e atividades psicopedagógicas, dinâmicas de grupo e outros. A decisão dos instrumentos que serão utilizados deve estar diretamente relacionada aos objetivos formulados. Sendo assim, essa escolha deve ser muito criteriosa.

O projeto deve prever um Termo de Autorização para a participação na intervenção, sobretudo se o grupo-alvo for composto de menores. Nesse caso a autorização deve ser dada pelos pais ou responsáveis.

Deve-se utilizar também algum tipo de instrumento ou procedimento que permita avaliar a eficácia da intervenção, ou seja, se seus objetivos foram ou não alcançados. Sugere-se, que seja realizada uma avaliação prévia (pré-teste) e outra avaliação após a intervenção (pós-teste). Dessa forma, é possível avaliar mais fidedignamente as possíveis mudanças. No próximo capítulo essa questão será discutida com maior profundidade.

Duração, periodicidade e local

É importante prever o tempo de duração da intervenção, a periodicidade e duração dos encontros, assim como o local em que estes serão realizados. Entretanto, ao longo da intervenção essas condições podem ser revistas e mudanças no contrato são possíveis. Uma intervenção pode durar algumas horas ou até anos, mas ao

elaborar o projeto deve-se ter uma ideia estimada do tempo necessário para o alcance dos objetivos propostos. Mudanças no contrato devem ser discutidas entre interventor e grupo-alvo, e as decisões devem ser tomadas conjuntamente, em alguns casos envolvendo também outras instâncias da instituição. Quando se lida com instituições, nem sempre é possível estabelecer contratos rígidos, pois muitas variáveis intervenientes podem levar a mudanças, por exemplo, no horário de início ou término de um encontro, no local previsto para as reuniões, na presença ou ausência dos participantes, etc. O interventor deve saber como lidar com essas situações e encontrar a solução mais adequada ou possível para a continuidade da intervenção.

A previsão da duração total da intervenção está relacionada aos objetivos que se pretende alcançar e às estratégias e procedimentos que serão utilizados. Quanto à duração dos encontros grupais, em geral esses encontros são semanais e com duração de 90 a 120 minutos. Mas tudo depende da disponibilidade do grupo-alvo. Pode ocorrer que o grupo disponha apenas de 60 minutos por semana e nesse caso o planejamento de cada encontro deve ser adequado a esse tempo. É possível também planejar encontros mais longos ou até mesmo uma intervenção compactada em um final de semana.

Quanto ao local onde será realizada a intervenção, este deverá ser discutido com a instituição que, em geral, se responsabiliza por disponibilizar o espaço. Esse local, nem sempre é o mais adequado, mas às vezes é o único que permite a viabilização da intervenção. O ideal seria poder contar com uma sala com instalações adequadas, mas pode ocorrer que o único local disponível seja um pátio ou até mesmo uma praça ao ar livre.

Conforme Machado (2004, p. 45-46):

O ritmo da intervenção é instável, pois estabelecido pela inter-relação que se cria ao longo do trabalho entre pesquisador-consultor e pesquisado-cliente, pelos consentimentos recíprocos (incluindo o contrato entre as duas partes), pelas decisões tomadas sempre em discussão.

Procedimentos

O nível de detalhamento dos procedimentos pode variar, mas o importante é que o interventor tenha relativamente claro sua proposta de trabalho passo a passo.

Em algumas situações, o primeiro procedimento é divulgar a proposta de intervenção com a população-alvo, verificando assim os possíveis interessados para, a partir daí, constituir o grupo-alvo. Por exemplo, foi decidido junto com a equipe diretiva de uma ONG que promove ações socioeducativas, oferecer aos adolescentes uma intervenção com o objetivo de prepará-los para uma primeira inserção profissional. É necessário planejar como isso será divulgado com os adolescentes e os pais. Por meio de uma palestra, de uma carta-convite, de uma reunião, de um cartaz? Em seguida, deve-se prever como serão feitas as inscrições para participar do trabalho e tramitadas as autorizações dos pais ou responsáveis, no caso de menores.

Constituído o grupo-alvo, é necessário planejar os encontros. Pode-se considerar que toda intervenção em grupo passa por três momentos, com características bem específicas:

I. Apresentação e integração do grupo

Este é o momento inicial no qual se facilita a apresentação e integração dos participantes incluindo os interventores, apresentam-se os objetivos da intervenção e estabelece-se o contrato de trabalho. Nessa fase inicial, exploram-se também as expectativas do grupo com relação à intervenção e realiza-se uma avaliação prévia (pré-teste) da condição dos participantes com relação ao aspecto que será foco da intervenção.

II. Desenvolvimento

Essa fase é composta de todos os encontros que visam trabalhar os objetivos específicos, estimulando o que for previsto para que as

mudanças objetivadas possam se processar.

III. Avaliação e despedida do grupo

Este é o momento final, quando se avaliam a intervenção e as possíveis mudanças do grupo. Nessa etapa reavalia-se a condição dos participantes com relação ao aspecto focado na intervenção (pós-teste). Além disso, promove-se a despedida do grupo e discute-se sobre a continuidade das ações pós-intervenção.

Ao planejar cada um dos encontros, deve-se definir:

- objetivos do encontro;
- instrumentos que serão utilizados;
- procedimentos que serão realizados;
- recursos necessários.

Para o planejamento de cada encontro é necessário ter sempre em mente a duração do encontro, evitando assim planejar mais do que será possível realizar. Por isso, ao descrever cada um dos procedimentos que serão realizados (por exemplo, apresentação dos membros do grupo, aplicação da dinâmica X ou da técnica Y, discussão do tema Z), deve-se estar atento à duração de cada atividade. Assim, podem-se distribuir melhor as atividades no encontro e assegurar-se de que será possível cumprir o planejamento.

Vale ressaltar, que ao longo do desenvolvimento da intervenção, o planejamento realizado é passível de adaptações e mudanças; pois, com frequência, outras situações são trazidas pelos participantes do grupo que merecem a atenção e necessitam ser trabalhadas. Entretanto, não se pode perder o foco geral do trabalho, pois, do contrário, será muito difícil alcançar os objetivos previstos.

Recursos

Não se pode esquecer de incluir a previsão dos recursos necessários para o desenvolvimento da intervenção. Os recursos podem ser:

- **Humanos:** Deve-se prever quais e quantos profissionais serão necessários para a realização da intervenção.
- **Materiais:** É necessário prever todo o material que será necessário, desde o material psicológico (testes, técnicas), até o material de escritório (papel sulfite, lápis, caneta, lousa, giz, cartolina, etc.) e também o mobiliário (sala com carteiras, colchonetes, etc.). Em geral, esse material é disponibilizado pela instituição.

Em alguns casos é necessário fazer uma previsão de custo e um cronograma de atividades. É comum as instituições solicitarem tais informações.

Foram apresentados anteriormente os aspectos principais para a elaboração de um projeto. Com relação à sua redação, é importante seguir as normas de redação de trabalhos científicos que podem ser encontradas nos livros de metodologia científica. Sugere-se o livro *Metodologia do trabalho científico* (SEVERINO, 2000), bastante completo e de leitura fácil.

Finalmente, é necessário cuidar da apresentação do projeto, que geralmente é entregue à instituição para que seja submetido à apreciação. O projeto deve constar das seguintes partes:

- *Capa* na qual deve constar o título, o nome dos autores e o ano.
- *Sumário* no qual são relacionadas todas as partes do trabalho e suas respectivas páginas.
- *Resumo* no qual deve constar de forma breve (100 a 300 palavras), os elementos principais do projeto: tema, justificativa, objetivo e metodologia.

- *Introdução* que é iniciada com uma apresentação de como surgiu a ideia do projeto, resumindo as etapas de caracterização da instituição e levantamento de necessidades psicossociais. Em seguida passa-se ao embasamento teórico que deve conter uma revisão teórica do(s) tema(s) ou problema(s) sobre o(s) qual(is) se intervirá, enfatizando qual referencial teórico será utilizado no projeto de intervenção. É importante desenvolver um raciocínio lógico e coerente e não perder de vista os objetivos do trabalho. Finaliza-se com a justificativa e relevância social do projeto de intervenção.
- *Objetivos* gerais e específicos, que podem ser apresentados em tópicos.
- *Metodologia* que deve incluir todos os aspectos anteriormente mencionados: população-alvo, instrumentos, duração, procedimentos.
- *Recursos* que englobam os recursos humanos e materiais.
- *Anexos* que devem ser devidamente apresentados e numerados no texto, sendo compostos de cartas, fichas, termos, técnicas e atividades, etc. Neste item, deve-se colocar uma capa para cada anexo, constando seu número e título.
- *Referências bibliográficas*, compostas de todas as obras mencionadas ao longo do texto, devidamente referenciadas de acordo com as normas científicas.

Após a elaboração do projeto e aprovação dele pela instituição, passa-se ao desenvolvimento da intervenção propriamente dita, assunto que será tratado no próximo capítulo.

Referências bibliográficas

BLEGER, J. *Psico-higiene e psicologia institucional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

CAMPOS, L. F. L. *Métodos e técnicas de pesquisa em psicologia*. 3. ed. Campinas: Ed. Alínea, 2004.

MACHADO, M. N. *Práticas psicossociais; pesquisando e intervindo*. Belo Horizonte: Edições Campo Social, 2004.

SARRIERA, J. C. et al. Intervenção psicossocial e algumas questões éticas e técnicas. In: SARRIERA J. C. (Coord.) *Psicologia comunitária: estudos atuais*. Porto Alegre: Sulina, 2000. p. 25-44.

SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. 21. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

4. Desenvolvimento da Intervenção Psicossocial

Kathia Maria Costa Neiva

Uma vez o projeto pronto e aprovado, se dá início à intervenção propriamente dita, cujo desenvolvimento será pautado nos procedimentos e nas estratégias definidos. Entretanto, durante a implantação e o desenvolvimento da intervenção “é possível realizar modificações e correções através do *feedback* avaliativo da comunidade” (SARRIERA, et al., 2000, p. 34). Nessa etapa ocorre o contato direto entre interventor e grupo-alvo e se estabelecem as relações entre os participantes do grupo. É aberto um espaço para mudanças, transformações e desenvolvimento que visa, em última instância, contribuir para o bem-estar psicossocial dos indivíduos, alvos da intervenção.

A seguir, serão apresentados alguns aspectos que merecem uma análise mais detalhada.

O enquadre

No início de qualquer intervenção é necessário estabelecer o enquadre que, segundo Bleger (1984, p. 46):

Pode-se definir como um conjunto das condições nas quais se realiza a observação e constitui uma fixação de variáveis ou uma limitação das mesmas, ou a fixação de um conjunto de constantes, que tanto nos serve como meio de padronização como sistema de referência do observado.

O enquadre permite, portanto, que o trabalho se realize dentro de certos limites que dão segurança a todos os envolvidos e funciona como esquema referencial. Ele compreende o esclarecimento do grupo sobre:

a duração dos encontros e da intervenção como um todo, o horário, os dias e o local dos encontros, o custo (se houver), os objetivos, a tarefa que será realizada, os papéis do interventor e dos participantes, o sigilo profissional e outras situações que sejam pertinentes, por exemplo, a questão das faltas eventuais. Bleger (1984) discute em detalhes algumas regras a serem observadas no enquadramento do trabalho do psicólogo clínico em instituições.

Como já foi mencionado anteriormente, na intervenção psicossocial algumas variáveis que compõem o enquadre são passíveis de alteração como local, dias do encontro, horário e duração, em função de situações institucionais. Quando se lida com instituições, organizações e comunidades, é necessário ter certa flexibilidade e capacidade de adaptar o enquadre e planejamento em prol da própria continuidade da intervenção. O importante é que as alterações e/ou adaptações sejam devidamente discutidas com o grupo-alvo e esclarecidas, ou seja, que nesse caso o enquadre seja revisto e aceito por todos.

O papel do interventor

O psicólogo que atua em intervenção psicossocial tem dois papéis: de prático e pesquisador. Como prático, seu papel fundamental é de facilitador da tarefa foco da intervenção. Durante todo o processo ele deve “estar em sintonia com as necessidades e expectativas da população-alvo, respeitando e solicitando a participação desta” (SARRIERA et al., 2000, p. 42).

Esse profissional deve estar ciente de que sua participação em um grupo, instituição, organização ou comunidade promove ansiedades, resistências, contradições, ambiguidades, transferências e contratransferências e que o manejo destas faz parte de sua tarefa (BLEGER, 1984). Nesse sentido, é importante que qualquer situação de tensão seja devidamente explicitada e trabalhada no grupo e com o grupo.

Além disso, o interventor possui também um papel de pesquisador e, portanto, deve utilizar-se dos métodos e das técnicas de pesquisa que sejam pertinentes ao trabalho que realizará. Sua capacidade de observação, escuta e análise deverá estar em constante uso, durante todas as etapas da intervenção.

Esses dois papéis não estão dissociados, sendo, ao contrário, complementares, já que a própria essência da intervenção psicossocial é unir a pesquisa e a ação. Conforme Machado (2004, p. 65):

O pesquisador-prático, por sua presença, suscita certos problemas, permite que um novo tipo de discurso seja enunciado, que outras condutas se revelem, influencia diretamente a vida do grupo com o qual trabalha, é objeto de amor e ódio, símbolo de autoridade ou peão a ser manipulado, foco de projeções, de identificações e de contraidentificações.

Essa autora considera ainda que o papel do interventor não seja conduzir ou induzir, mas favorecer a análise e facilitar a emergência de um sentido, de uma nova perspectiva. São assim pesquisadores preocupados em apreender a história, o funcionamento e a vida do grupo social, mas também práticos, que trazem conhecimentos teóricos sobre o funcionamento dos grupos, instituições e comunidades, além de conhecimentos clínicos (de escuta, análise, interpretação), sociológicos e psicológicos sobre os indivíduos.

Ainda de acordo com essa autora, a relação estabelecida entre pesquisadores-interventores e pesquisados-clientes é de colaboração, de forma que os primeiros respondem à demanda de ajuda dos segundos, escutam suas manifestações, analisam, interpretam e refletem sobre elas e fazem a devolução do material. Já os segundos, apesar de demandarem a intervenção, participam também ativamente dela, analisando os problemas, buscando junto com o interventor encontrar soluções e implementar mudanças.

Machado (2004) faz também a observação de que o psicólogo, ao trabalhar com as camadas menos favorecidas da população, deve ter o cuidado de não se colocar como o salvador, capaz de solucionar o

desamparo, correndo o risco assim de transformar a sua atividade profissional em uma atividade caritativa. Por isso, considera essencial “a análise da implicação do psicólogo em sua prática” (MACHADO, 2004, p. 96) que deve ser feita a partir de uma reflexão teórica.

Vale lembrar ainda que Bleger (1984, p. 43) ressalta que o psicólogo deve ter sempre claro que ele “não é o profissional da alienação nem da exploração, nem da submissão ou coerção, nem da desumanização” e que sua missão é sempre promover a saúde, integração e plenitude do ser humano.

A intervenção propriamente dita

Em todos os momentos do processo de intervenção, o profissional deve ter em mente os princípios que embasam tal atividade e os objetivos da intervenção, assim como ter claro o seu papel como interventor. O interventor deve buscar uma relação cooperativa do grupo-alvo, fazendo-o participar das atividades, técnicas e dinâmicas que forem realizadas, contribuindo assim para o desenvolvimento do processo. É com o grupo também que ele deverá avaliar sistematicamente a intervenção e decidir modificar o que considere necessário. Os participantes do grupo devem ter a liberdade para expressar seus sentimentos, suas opiniões e suas expectativas, em um clima de respeito e confiança. Cabe ao interventor ajudar a construir este clima e facilitar a expressão e o relacionamento dos membros do grupo (SARRIERA et al., 2000).

Enriquez (1994) aponta que o direito e a liberdade de expressão são fundamentais para o desenvolvimento da intervenção. O interventor deve, portanto, estimular a expressão de todos os participantes, fazendo emergir o não falado, o implícito. A intervenção deve proporcionar uma maior autonomia e conscientização das pessoas e uma nova significação para as vivências. As formas de pensamento e linguagem do grupo, com frequência rígidas, também devem ser

questionadas permitindo emergir um pensamento mais imaginativo e associativo.

Ao longo de toda a intervenção, o profissional deve estar atento aos processos grupais incluindo a integração, a comunicação, as lideranças, o interjogo de papéis e os emergentes (a partir das expressões trazidas pelos porta-vozes sobre as ansiedades do grupo). A dinâmica grupal deve ser sempre analisada e compreendida em conjunto, pelo interventor e pelos integrantes do grupo-alvo.

A avaliação da intervenção

Vale lembrar que uma das características da intervenção psicossocial é seu caráter investigativo. Logo, a avaliação deve estar presente em todas as etapas da intervenção: desde a fase diagnóstica, quando se processam a avaliação da instituição e suas necessidades psicossociais, passando pela fase de elaboração do projeto, quando se avaliam prioridades e decidem as estratégias, à fase da intervenção propriamente dita, quando a preocupação recai em avaliar os resultados da intervenção, as mudanças ocorridas e finalmente a eficácia do programa de intervenção. A avaliação dessa última etapa será objeto de uma discussão mais detalhada.

A avaliação de programas de intervenção nem sempre é uma tarefa de fácil realização. Em primeiro lugar, é necessário avaliar a intervenção constantemente. Deve-se reservar um tempo, ao final de cada encontro, para que o grupo possa avaliar o encontro, as estratégias utilizadas visando ao alcance dos objetivos propostos, ao andamento da intervenção, às relações no grupo. O *feedback* do grupo é fundamental para a revisão e reorganização do planejamento inicial. Nesse momento, a avaliação pode ser feita em forma de discussão grupal, que permita aos participantes manifestarem suas opiniões, críticas e sugestões.

Entretanto, é necessário prever alguma forma de avaliar a intervenção como um todo, verificando a existência de mudanças e a satisfação do grupo.

Para verificar se existiram mudanças com relação à situação foco da intervenção, sugere-se a utilização de algum instrumento psicológico específico: teste ou escala psicológica, entrevista estruturada, etc. Vale a pena utilizar algum instrumento já padronizado e validado, mas caso não se encontre já publicado um instrumento adequado ao propósito, é possível construí-lo. Para a construção de instrumentos, sugere-se consultar a obra de Bunchaft e Cavas (2002), cuja leitura é fácil e bastante didática. O mais adequado é que esse instrumento seja aplicado no início da intervenção (pré-teste) e reaplicado ao final da intervenção (pós-teste). A comparação dos resultados obtidos no pré-teste e pós-teste permitirá avaliar criteriosamente a evolução do grupo a partir da intervenção, a ocorrência de mudanças e conseqüentemente a eficácia da intervenção.

Entretanto, é necessário também fazer o grupo expressar sua apreciação e satisfação com relação à intervenção. Pode-se utilizar para essa finalidade uma ficha de avaliação de satisfação, uma dinâmica de grupo ou ainda solicitar a apreciação verbal do grupo, suas críticas e sugestões. Deve-se incluir uma avaliação da pertinência das técnicas e estratégias utilizadas e da evolução do relacionamento grupal. No anexo 1 apresenta-se um modelo de ficha de avaliação em forma de questionário com questões abertas e no anexo 2, um segundo modelo em forma de questionário com questões fechadas a serem respondidas em uma escala de tipo *Likert*. Ambas as fichas podem ser adaptadas ao propósito e realidade da intervenção.

A devolução e divulgação dos resultados

De acordo com Machado (2004, p. 46):

A devolução ao conjunto social das observações feitas, dos dados e informações levantados, das imagens – fotografias, filmagens – realizadas, das hipóteses e reflexões

suscitadas pela intervenção é dispositivo comumente usado neste tipo de trabalho. A devolução desencadeia novos discursos, novas análises, elaborações.

Portanto, os resultados devem ser devolvidos ao próprio grupo-alvo, para que ele tome posse também das mudanças processadas. É importante pensar que o grupo-alvo é um agente de mudanças e poderá funcionar como multiplicador. Nesse sentido, deve-se fazer um prognóstico e decidir sobre a continuidade ou não de novas intervenções, implantando, se for o caso, dispositivos para que o grupo dê seguimento ao trabalho, fazendo de forma permanente um processo de autoanálise e autogestão, ainda que com algum acompanhamento ou intervenções eventuais (BAREMBLITT, 2002).

Com relação à divulgação dos resultados a outras instâncias da instituição e à comunidade científica, isso deve ser feito com base em princípios éticos. Por isso, é necessário deixar esse ponto claro ao estabelecer o contrato e tramitar, com participantes do grupo-alvo, um termo de autorização para divulgação dos resultados. É comum a instituição solicitar um relatório sobre a intervenção e este relatório deve ser construído de forma ética, protegendo a identidade dos participantes. Os resultados devem ser apresentados e analisados tomando como referência o grupo e não os participantes individualmente.

O mesmo vale para a divulgação nos meios científicos, que é de suma importância, pois permitirá que a intervenção possa ser replicada em outros grupos com a mesma problemática ou adaptada a outros meios e situações.

Algumas questões éticas

Uma questão ética importante diz respeito à aceitação, por parte do profissional, dos objetivos da instituição, organização ou comunidade na qual se propõe a intervir. Segundo Bleger (1984), o psicólogo não deve aceitar realizar um trabalho em uma instituição que rejeite ou cujos objetivos ou meios para alcançá-los não esteja de acordo. Para ele

“em Psicologia, a ética coincide com a técnica” (BLEGER, 1984, p. 44). Além disso, o psicólogo não deve aceitar uma tarefa profissional se está demasiadamente envolvido na instituição ou no seu movimento ideológico, a menos que ele tenha condições de estabelecer certa distância operativa e instrumental que permita que atue profissionalmente como psicólogo.

O profissional deve ainda estar atento a seus próprios valores, que nem sempre são semelhantes aos do grupo-alvo ou da instituição. Além disso, mesmo sendo um cientista na área social, ele é contaminado pelos valores que regem a sociedade e a cultura na qual está inserido. Logo, é fundamental que avalie seus próprios valores e a ética que adota, ao definir quais mudanças busca quando ingressa em um grupo-alvo (SARRIERA et al., 2000).

Vale também lembrar todas as questões éticas relacionadas ao sigilo e à confidencialidade dos conteúdos emergentes durante a intervenção. Portanto, caso o profissional pretenda divulgar nos meios científicos a experiência de intervenção e seus resultados, é necessário tramitar o Termo de Autorização para esta finalidade.

Como ressalta Sarriera, Silva, Pizzinato, Zago e Meira (2000, p. 28),

Quando intervimos na realidade alheia ou quando desvendamos um conhecimento, somos responsáveis pelas vidas ‘ali’ presentes, bem como pelos próximos conhecimentos que irão surgir e até pelo andamento das tendências da ciência, da cultura e das sociedades.

Por isso, o profissional que atua na área de intervenção psicossocial deve possuir sólidos conhecimentos teóricos e metodológicos, atitude profissional e ética, além de um grande compromisso e responsabilidade para com a sociedade.

Referências bibliográficas

BAREMBLITT, G. *Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática*. 5. ed. Belo Horizonte: Instituto Felix Guattari, 2002.

BLEGER, J. *Psico-higiene e psicologia institucional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

BUNCHFT, G.; CAVAS, C. S. T. *Sob medida*: um guia sobre a elaboração de medidas do comportamento e suas aplicações. São Paulo: Vetor, 2002.

ENRIQUEZ, E. O papel do sujeito humano na dinâmica social. In: LÉVY, A. et al. *Psicossociologia: análise social e intervenção*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 24-40.

MACHADO, M. N. M. *Práticas psicossociais*: pesquisando e intervindo. Belo Horizonte: Edições Campo Social, 2004.

SARRIERA, J. C. et al. Intervenção psicossocial e algumas questões éticas e técnicas. In: SARRIERA, J. C. (Coord.). *Psicologia comunitária*: estudos atuais. Porto Alegre: Sulina, 2000. p. 25-44.

Anexo 1 - Modelo de ficha de avaliação da intervenção

Ficha de avaliação da intervenção
Nome: (opcional) _____ Idade: _____ Sexo: _____ Instituição: _____ Data: ____/____/____
1. A maior descoberta que fiz foi _____ _____
2. Do que mais gostei _____ _____
3. Do que menos gostei _____ _____
4. O que faltou _____ _____
6. A atividade mais produtiva foi _____ _____
7. A atividade menos produtiva foi _____ _____
8. Os participantes do grupo _____ _____
9. Os profissionais _____ _____
10. Minha participação no grupo _____ _____
Críticas e sugestões: _____ _____ _____

Anexo 2 - Modelo de ficha de avaliação da intervenção

Ficha de avaliação da intervenção

Nome: (opcional) _____
Idade: _____ Sexo: _____
Instituição: _____ Data: ____/____/____

Para cada questão, circule a resposta que melhor expresse sua opinião ou sentimento sobre o assunto.

1. Considero que a intervenção da qual participei foi:
1. Muito ruim 2. Ruim 3. Razoável 4. Boa 5. Muito boa
2. Com relação aos objetivos propostos, considero que foram alcançados:
1. Nenhum 2. Poucos 3. Alguns 4. A maioria 5. Todos
3. Considero que as atividades realizadas ao longo da Intervenção foram:
1. Desinteressantes 2. Pouco interessantes 3. Interessantes
4. Bastante interessantes 5. Muito interessantes
4. Considero que as atividades realizadas ao longo da intervenção foram:
1. Improdutivas 2. Pouco produtivas 3. Produtivas
4. Bastante produtivas 5. Muito produtivas
5. Considero que a interação grupal durante a intervenção foi:
1. Muito ruim 2. Ruim 3. Razoável 4. Boa 5. Muito boa
6. Considero que a comunicação grupal durante a intervenção foi:
1. Muito ruim 2. Ruim 3. Razoável 4. Boa 5. Muito boa
7. Considero que a atuação do(s) intervisor(es) foi:
1. Muito ruim 2. Ruim 3. Razoável 4. Boa 5. Muito boa
8. Considero que as condições em que a Intervenção ocorreu foram:
1. Muito ruins 2. Ruins 3. Razoáveis 4. Boas 5. Muito boas
9. Meu sentimento geral sobre a intervenção que participei é:
1. Detestei 2. Não gostei 3. Sou indiferente 4. Gostei 5. Gostei muito
10. Meu sentimento geral sobre meu aproveitamento na intervenção é:
1. Não aproveitei 2. Aproveitei pouco 3. Aproveitei o suficiente
4. Aproveitei bastante 5. Aproveitei o máximo que pude
11. Considero que os resultados da intervenção foram:
1. Insatisfatórios 2. Pouco satisfatórios 3. Satisfatórios
4. Bastante satisfatórios 5. Muito satisfatórios
12. Comparando meu bem-estar psicossocial antes e após a intervenção, agora considero que estou:
1. Bem pior 2. Pior 3. Igual 4. Melhor 5. Muito melhor

Parte II - Experiências de Intervenção Psicossocial

5. Orientação de jovens para a inserção no mundo de trabalho

*Kathia Maria Costa Neiva
Fernando Augusto Caires
Thaís Mendes de Souza*

Introdução

O trabalho tem importância fundamental na vida das pessoas, pois permite que estas assumam um papel produtivo na sociedade e sejam reconhecidas por isso. O trabalho durante a adolescência tem sido objeto de estudo e discussão por parte de psicólogos, sociólogos, políticos, educadores e outros profissionais.

De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990, art. 60 (BRASIL, 1990): “É proibido qualquer trabalho a menores de quatorze anos de idade, salvo na condição de aprendiz.” Esse estatuto regulamenta, entre outras coisas, as condições em que os adolescentes podem trabalhar, considerando que o horário de trabalho deve ser condizente com a possibilidade de frequentar a escola e que as atividades sejam compatíveis com o seu desenvolvimento, vedando o trabalho em horário noturno, em atividades perigosas, penosas ou insalubres ou que comprometam o desenvolvimento físico, psíquico ou moral. Além disso, o art. 69 aponta

duas condições para a profissionalização e proteção do adolescente no trabalho: I - respeito à condição peculiar de pessoa em desenvolvimento e II - capacitação profissional adequada ao mercado de trabalho.

Nas famílias de classes socioeconômicas menos favorecidas, é comum o ingresso precoce dos filhos adolescentes no mercado de trabalho, ingresso este que se dá por volta dos 15 anos, no final do ensino fundamental e início do ensino médio (GUIMARÃES; ROMANELLI, 2002). Essa realidade se deve principalmente à necessidade de arcar com os próprios gastos pessoais, de ampliar os rendimentos familiares e assim garantir melhor a sobrevivência da família (DAUSTER, 1992; SARRIERA; SÁ; TEIXEIRA, 1997). Algumas vezes, a contribuição ao orçamento doméstico pode ocorrer por meio de salários indiretos como cesta básica ou vale alimentação (GUIMARÃES; ROMANELLI, 2002). Além disso, o trabalho evita que o adolescente fique ocioso e corra o risco de envolver-se em situações de marginalidade como: drogas, roubos, gangues, etc. (DAUSTER, 1992; GOMES, 1998).

Entretanto, outras motivações podem contribuir para que o adolescente ingresse precocemente no mundo do trabalho. Por meio do trabalho o adolescente pode alcançar sua satisfação pessoal e participação na vida econômica, social e política. Nessas famílias, os filhos mais novos têm como exemplo os irmãos mais velhos que já trabalham e acabam seguindo esse caminho como algo natural e vendo um significado positivo nessa situação. Além disso, a condição de trabalhar não resulta apenas da situação de pobreza, mas a busca por emprego na adolescência está associada ao desejo de conquistar autonomia e liberdade, aliado ao consumo de bens que os pais nem sempre podem propiciar (GUIMARÃES; ROMANELLI, 2002; DAUSTER, 1992). O trabalho pode, assim, favorecer o amadurecimento psicológico e intelectual de jovens e atuar como forma de socialização, completando assim a ação da escola (DAUSTER, 1992; GUIMARÃES; ROMANELLI, 2002).

Ele é um meio através do qual os jovens se relacionam com a sociedade e contribuem, mediante a prestação de bens e serviços, à manutenção desta. Este vínculo pessoa-sociedade possibilita um sentido de participação e utilidade. (SARRIERA et al., 1996b, p. 92).

Sarriera, Berlim, Verdin e Câmara (2000a), em estudo realizado com 563 jovens porto-alegrenses, constataram que o significado prioritário do trabalho está relacionado à autonomia financeira. Esses jovens consideram também que “ter estudos” e “formação profissional” são os fatores que mais determinam a obtenção de emprego. Entretanto, a

inserção laboral é uma tarefa complexa para os jovens, visto que eles estão diante de várias modificações com as quais têm que lidar, além das modificações evolutivas e de um mercado de trabalho exigente e competitivo. (SARRIERA et al., 2000a, p. 60).

O ingresso para o mundo do trabalho está cada vez mais difícil, principalmente para os jovens (CÂMARA; SARRIERA, 2001; SARRIERA; CÂMARA; BERLIM, 2006). Antigamente bastava uma indicação para que a pessoa conseguisse um emprego. Hoje, com a diminuição dos postos de trabalho, os requisitos para a obtenção de emprego se modificaram e as exigências do mercado aumentaram consideravelmente. O mercado de trabalho passou a buscar pessoas com uma boa formação e experiência profissional, dificultando assim a inserção de jovens de camadas sociais menos favorecidas, que muitas vezes passaram por uma escolarização precária e têm dificuldade em adquirir alguma experiência.

Os jovens percebem a escola e o mercado de trabalho como mundos dissociados. Consideram que os anos de estudo não garantem a inserção profissional e que não desenvolveram habilidades exigidas hoje no mundo do trabalho. O ensino é visto como insuficiente e ineficiente para qualificá-los para o mercado de trabalho (SARRIERA; VERDIN, 1996A; DAUSTER, 1992). De acordo com Sarriera e Verdin (1996a, p. 60): “O período de transição escola-trabalho é considerado crítico no desenvolvimento juvenil.” O jovem que não estiver devidamente preparado para fazer essa transição pode apresentar

sentimentos de impotência, insegurança, apatia e desorganização e vir a desenvolver comportamentos antissociais, de fuga da realidade e até adoecer.

Outro fator a ser considerado é o fenômeno da globalização, que trouxe inovações e implantação de novas tecnologias, mas desconsiderou questões relacionadas à mão de obra disponível:

Os trabalhadores podem vir a perder seus empregos por desconhecimento ou desadaptação frente às novas tecnologias, ou ainda por não possuírem qualificação suficiente para acompanhar o desenvolvimento tecnológico. (SARRIERA; CÂMARA; BERLIM, 2006, p. 20).

No cenário atual, são os jovens que mais enfrentam dificuldades para a inserção laboral. De acordo com o Mapa de Mercado de Trabalho no Brasil 1992-1997 (2001), realizado pelo IBGE, a taxa de ocupação (proporção de pessoas ocupadas na população economicamente ativa) é sempre menor nos grupos compreendidos entre 15 e 24 anos, e os valores mais altos de taxas de desocupação se concentram em grupos entre 15 e 19 anos, atingindo cerca de 40% da PEA nas regiões metropolitanas (QUADROS, 2003).

A falta de emprego pode provocar consequências importantes para o bem-estar psíquico dos jovens deixando-os mais propensos a depressão, ansiedade, apatia e insatisfação para consigo mesmo e a desenvolverem atitudes de risco, tais como isolamento, uso de substâncias psicoativas como drogas e álcool e, até mesmo, suicídio (SARRIERA; CÂMARA; BERLIM, 2006). Em pesquisa realizada com jovens de Porto Alegre, foi constatado que o preditor mais forte do bem-estar psicológico desses jovens é o conjunto de suas atitudes com relação ao trabalho, construído a partir de experiências escolares e laborais (SARRIERA et al., 1996b).

Analisando as dificuldades enfrentadas pelos jovens na transição escola-trabalho, em especial nas famílias de baixo nível socioeconômico, é necessário que se pense em estratégias e ações que preparem esses jovens para lidar com as ansiedades e os obstáculos

existentes nessa fase. Preparar os jovens para uma inserção ocupacional bem-sucedida implica trabalhar a atitude dos jovens ante a si mesmos, ao trabalho e à sociedade. Para isso é necessário desenvolver a autoestima e a motivação, facilitar a construção do autoconceito e da identidade, ampliar os conhecimentos, modificando crenças e concepções cristalizadas, analisar o significado do trabalho para si mesmo e para a sociedade e delinear um projeto profissional e de vida. A inserção no mercado laboral contribui, assim, para o estabelecimento de relações sociais, a constituição da identidade, o reconhecimento de pertinência a uma sociedade e o desenvolvimento humano e bem-estar psicológico (SARRIERA et al., 1996B).

Em contrapartida, é importante ajudar os jovens a compreender as exigências do mundo do trabalho e a se preparar para enfrentá-las. A pesquisa realizada por Câmara e Sarriera (2001) com empregadores de jovens de Porto Alegre, mostra a importância atribuída à postura do candidato na entrevista de seleção, à necessidade e ao interesse que ele demonstra por aquele emprego e à clareza deste quanto a seus objetivos naquela empresa e ocupação. Além disso, alguns critérios importantes para os empregadores são: higiene e limpeza, estabilidade emocional, bom comportamento, agilidade e desenvoltura social.

Nesse sentido, idealizou-se o presente projeto, cujo objetivo foi preparar jovens para a inserção no mundo do trabalho, ampliando seus conhecimentos e desenvolvendo atitudes importantes para a vida profissional. A importância de projetos desse tipo tem sido assinalada em algumas pesquisas e intervenções (SARRIERA; CÂMARA; BERLIM, 2000b, 2006).

Além disso, esse tipo de intervenção tem caráter preventivo e contribui para a formação de trabalhadores mais ativos e produtivos, com maior facilidade de adaptar-se ao mundo do trabalho e certamente mais satisfeitos com relação à vida profissional.

Objetivos

Objetivo geral

- Preparar jovens para a inserção no mundo do trabalho.

Objetivos específicos

- Conscientizar sobre a importância e o valor do trabalho na sociedade.
- Conscientizar sobre os direitos e deveres do trabalhador.
- Ampliar o autoconhecimento.
- Preparar para participação em processos seletivos.
- Desenvolver a atitude profissional e a empregabilidade.

Método

População-alvo

Este projeto foi realizado em uma associação beneficente que desenvolve projetos educacionais, sociais, culturais, esportivos e de saúde, e possui um centro de estudos e pesquisas. A associação tem várias unidades e atende diferentes segmentos da população: crianças, adolescentes, adultos, idosos, moradores de rua, portadores de necessidades especiais e jovens aprendizes.

O projeto foi desenvolvido em uma das unidades, localizada na zona sul da cidade de São Paulo, que atende adolescentes de 15 a 17 anos e 11 meses, de ambos os sexos, cursando o ensino médio, oriundos de famílias residentes em setores de alta vulnerabilidade. A instituição oferece, a esses adolescentes, proteção social básica por meio de atividades socioeducativas, assegurando assim um espaço de referência para relações de afetividade, que garanta o desenvolvimento de potencialidades e a convivência comunitária. A instituição propõe atividades socioeducativas sob a forma de cursos profissionalizantes, como: Montagem e manutenção de microcomputadores, Informática,

Serviços administrativos, Telemarketing ou sob a forma de atividades de recreação, como: Jogos lógicos, Atividade Física, Comunidade, Desenvolvimento socioeducativo, Participação pública.

Após algumas visitas à instituição, diagnosticou-se a necessidade de preparar psicologicamente esses jovens para o ingresso na vida profissional. Apesar de estarem cursando o ensino médio e cursos profissionalizantes, eles se mostravam bastante imaturos e inseguros para ingressarem no mundo do trabalho. Os jovens mostravam-se ansiosos para as entrevistas de emprego, com dificuldades de comunicação, tinham dúvidas quanto à forma de se vestirem e se apresentarem à entrevista, não sabiam reconhecer suas habilidades e seus interesses, etc.

O projeto foi desenvolvido com um grupo composto inicialmente de 16 jovens, 10 do sexo masculino e 6 do sexo feminino, com idades entre 15 e 17 anos, cursando a primeira ou segunda série do ensino médio. Todos moravam com suas famílias. O projeto finalizou com 11 participantes, cinco moças e seis rapazes.

Os participantes foram indicados pela coordenação da instituição e passaram por uma entrevista de triagem, com o objetivo de coletar alguns dados pessoais, verificar o interesse em participar do projeto e a existência de algum distúrbio psicológico que pudesse comprometer o andamento e aproveitamento do trabalho.

Instrumentos

O programa desenvolvido teve como base as ideias de Sarriera, Câmara e Berlim (2000b, 2006) de onde foram extraídas várias das técnicas utilizadas.

Utilizou-se também para avaliar a intervenção o questionário *Inserção no Mundo do Trabalho* (NEIVA, 2008), que foi aplicado no início e no final da intervenção. Esse questionário (Anexo 1) é composto de 20 afirmações/situações que o sujeito deve avaliar em uma escala de tipo

Likert variando de 1 a 5, sendo que 1 = pouco e 5 = muito. A pontuação total poderia assim variar de 20 a 100 pontos.

Como o projeto foi desenvolvido com menores, foi solicitado que os pais ou responsáveis preenchessem e assinassem uma ficha de autorização para participação nesse projeto, assim como uma ficha de autorização para utilização das informações do prontuário para fins de pesquisa.

Duração

O desenvolvimento da intervenção iniciou-se com uma entrevista individual de triagem com duração de 30 minutos. Em seguida foram realizados oito encontros de 1h45 cada, um por semana, no mesmo dia e horário. Ao final, foi realizada uma entrevista individual de aproximadamente 30 minutos com o objetivo de avaliar o trabalho e dar uma devolutiva sobre a evolução de cada participante.

As entrevistas e encontros foram realizados em uma sala disponibilizada pela instituição.

Desenvolvimento dos encontros

A intervenção foi desenvolvida por dois estudantes do último semestre do curso de Psicologia, no âmbito de estágio curricular e sob a supervisão da professora responsável, que orientou e acompanhou as atividades.

Entrevista individual de triagem

Conforme mencionado, foi realizada uma entrevista individual de triagem com cada participante. Essa entrevista permitiu conhecer algumas características e expectativas dos participantes do grupo e verificar se todos os interessados podiam participar da intervenção.

A partir dos dados coletados nessa entrevista constatou-se que metade dos adolescentes nunca trabalhou e os restantes trabalharam como voluntários e em pequenos serviços por pouco tempo. As

profissões mais sonhadas por eles durante a infância foram: Dentista (1), Veterinário (1), Arqueólogo (1), Biólogo (1), Professor (2), Médico (2), Engenheiro (1). Já as profissões mencionadas como possibilidades para o futuro foram: Nutricionista (1) Dentista (1), Veterinário (1), Engenheiro (1) Filósofo (1), Teósofo (1), Informática (2), Professor de Português (1), Administrador de Empresa (1). Alguns não souberam expressar uma profissão de maior preferência.

As disciplinas mencionadas como sendo as de maior interesse foram: Matemática (4), Português (4), Artes (3), Filosofia (3), Geografia (2), Inglês (2), História (1), Física (1) Educação Física (1).

Os alunos se mostraram interessados em participar do projeto; vários mencionaram que gostariam de aprender comportamentos e melhorar os conhecimentos para realizarem entrevistas de trabalho, pois necessitam trabalhar.

Não se observaram nos participantes conflitos maiores ou psicopatologias, o que permitiu a participação de todos eles no grupo. O grupo formado foi bastante homogêneo em termos de idade e série escolar.

1º Encontro

Objetivos

- Estabelecer o enquadre.
- Promover o conhecimento e a integração do grupo.
- Avaliar a preparação dos jovens para a inserção no mundo do trabalho.

Desenvolvimento

Todos os 16 participantes compareceram ao primeiro encontro que teve início com a apresentação dos coordenadores do grupo, a explicação dos objetivos do projeto e o estabelecimento do enquadre.

Em seguida, aplicou-se a *Técnica do Barbante* (ANDRADE, 1999) para a apresentação dos participantes do grupo, durante a qual os jovens se mostraram participativos. Percebeu-se que apesar de frequentarem a mesma instituição muitos nem sabiam o nome dos companheiros.

Em seguida foi aplicado o questionário de “Preparação para a inserção no mundo do trabalho” (NEIVA, 2008), que foi respondido em cerca de 20 minutos. Foi esclarecido que esse questionário seria reaplicado ao final da intervenção para analisar a evolução do grupo. A pontuação média do grupo foi 71,9 indicando que o grupo ainda necessita se preparar melhor para se inserir no mundo do trabalho e em especial dois dos participantes, cuja pontuação foi inferior a 50 pontos.

Para ampliar o conhecimento e a integração grupal, foi realizada uma técnica de imaginação ativa. Após um breve relaxamento, solicitou-se que cada um imaginasse um objeto que o representasse, visualizando sua forma, cor, textura e onde estava. Em seguida, os participantes desenharam o objeto em uma folha de papel. Na discussão em grupo, os jovens apresentaram seus desenhos e justificaram a escolha do objeto, explicando por que este o representava. Alguns participantes se representaram por meio de vários objetos que fazem parte do cotidiano de cada um; os aparelhos de comunicação como TV, som e computador foram os mais utilizados para representação. Os livros foram utilizados para representar sabedoria. Objetos que representavam atividades esportivas e de dança também apareceram indicando interesses. Outros objetos que se destacaram foram acessórios para cabelos, batom e pente representando a vaidade feminina. Objetos como chave de porta, chave de fenda e bisturi foram associados à multifuncionalidade, o que pode significar a ideia de que uma pessoa pode exercer várias funções. Apareceram representações ligadas à natureza como sol, nuvem, estrelas e mar, indicando qualidades e traços da personalidade.

Enfim, os jovens puderam perceber a partir dessa atividade algumas de suas características pessoais e interesses, além de conhecer melhor

seus colegas de grupo. Observaram-se, em todas as atividades, um bom entrosamento e participação dos membros do grupo, assim como interesse pelo trabalho.

2º Encontro

Objetivos

- Conscientizar sobre a importância do trabalho.
- Esclarecer sobre os direitos e deveres do trabalhador contidos no Estatuto da Criança e Adolescente (ECA) e na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).

Desenvolvimento

Participaram desse encontro 14 jovens (dois faltaram). Inicialmente, os coordenadores lembraram, com a ajuda dos participantes, as atividades que haviam sido realizadas no encontro anterior. Em seguida, colocaram um cartaz e entregaram uma cópia da música *Fábrica*, de Renato Russo, e solicitaram que cada participante lesse um verso da música em voz alta. Em seguida, promoveram uma discussão sobre os conteúdos da letra. Apareceram as seguintes ideias: desejo por um trabalho honesto, a questão do trabalho escravo que existe até hoje, as humilhações no ambiente de trabalho, o medo de ser demitido. Os jovens mostraram um bom nível de compreensão da letra e desenvolveram uma discussão bastante produtiva.

Dando continuidade, o grupo foi dividido em dois subgrupos; foi entregue uma folha de cartolina a cada subgrupo e solicitado que escrevessem suas expectativas com relação ao mercado de trabalho. As expectativas mais frequentes foram: realização no trabalho; ter emprego; ganhar dinheiro; ser reconhecido, progredir, ter oportunidades, respeito, igualdade e ética, etc. Essa atividade permitiu discutir o valor do trabalho e as expectativas do grupo.

Em seguida, foi discutido e explicado o que é “mercado de trabalho” e solicitado que colocassem em outra folha o que entendiam sobre “cidadania no trabalho”. Suas respostas foram:

- é ter direitos de opinar e expor ideias, respeitar a empresa e ser respeitado por ela;
- receber *feedback*;
- ter direitos e deveres, respeitar e ser respeitado;
- a empresa deve respeitar o meio ambiente e a cidade onde está localizada.

A partir daí, realizou-se uma discussão sobre Direitos e Deveres do Trabalhador e foram elencados alguns dos direitos, como: carteira de trabalho assinada, licença maternidade, horas extras pagas e repouso semanal remunerado. Discutiu-se o que fazer em caso de não cumprimento dos direitos, orientando-os a procurar o órgão responsável, ou seja, o Ministério do Trabalho.

Os deveres apontados foram: respeitar a empresa, não haver agressões físicas e verbais, não haver relações sexuais nem carícias entre colegas de trabalho, não trabalhar alcoolizado ou drogado. Ao final, os coordenadores do grupo entregaram uma folha com o nome de algumas instituições e seus respectivos endereços, nas quais poderiam obter informações sobre os direitos e deveres do trabalhador.

Houve um ótimo aproveitamento do encontro, uma vez que houve uma participação ativa do grupo. Apesar da idade, nível de escolaridade e condição sociocultural, os participantes mostraram um bom nível de conhecimento das questões relacionadas ao mercado de trabalho e direitos e deveres do trabalhador.

3º Encontro

Objetivos

- Ampliar o autoconhecimento.
- Facilitar o reconhecimento das características positivas e negativas.

Desenvolvimento

Participaram desse encontro 15 jovens. O encontro iniciou-se com uma breve dinâmica de descontração *Parede, telhado e terremoto*. Em subgrupos de três pessoas, duas delas deram as mãos formando uma parede e um ficou entre os colegas, debaixo da “parede”, sendo o “telhado”. Cada vez que o coordenador dizia “parede” todos os que estavam formando uma parede, tinham que trocar de lugar com os colegas que também eram “parede”. Quando o coordenador dizia “telhado” os que estavam nesta posição deviam trocar de lugar. Quando a instrução era “terremoto”, todos deviam mudar de lugar.

Para a segunda atividade denominada *Qualidades que achamos positivas e negativas*, cada participante recebeu duas folhas. Em uma deveria desenhar sua mão direita e na outra sua mão esquerda. Dentro da mão direita foi solicitado que escrevessem suas qualidades positivas, e na mão esquerda foi solicitado que escrevessem as atribuições que cada um não gostava em si. Em seguida foi aberto espaço para discussão da atividade. A maioria do grupo teve facilidade para expor seus aspectos positivos, tanto oralmente quanto por escrito. Segundo os participantes é mais fácil falar bem de si, até mesmo porque escutam os elogios de outras pessoas, o que facilita a identificação dos aspectos positivos. Os participantes que acharam fácil descrever os aspectos positivos tiveram dificuldade para listar seus aspectos negativos, pois segundo eles: *“apontar os defeitos dos outros é mais fácil, agora se policiar é difícil”*. A onipotência, de certa forma frequente na fase da adolescência, é retratada no comentário de um dos jovens: *“Eu sou sempre melhor que o outro.”* A dificuldade em reconhecer as

características negativas também pode indicar falta de confiança dos participantes para com os colegas e coordenadores do grupo.

Os aspectos positivos mais mencionados pelos jovens foram: sincero (60%), alegre (50%), amigo, legal, inteligente (33% cada). Os aspectos negativos que mais apareceram foram: timidez (55%), preguiça e agressividade (20% cada). Na discussão, os participantes concluíram que deve haver um equilíbrio entre os aspectos positivos e os negativos e que algumas características negativas podem também ser vistas como positivas.

Essa atividade mostrou-se bastante proveitosa, houve boa participação e envolvimento do grupo e permitiu o reconhecimento das características positivas e negativas e a ampliação do autoconhecimento.

Para finalizar foi realizada uma avaliação dos três primeiros encontros. O *feedback* do grupo foi positivo, indicando que estão sendo atingidos os objetivos do projeto e também as expectativas dos participantes.

4º Encontro

Objetivos

- Ampliar o autoconhecimento.
- Facilitar o reconhecimento das qualidades, interesses, habilidades e valores.

Desenvolvimento

Estiveram presentes a esse encontro 14 jovens, aos quais foi aplicada a *Lista de qualidades, interesses e habilidades* (SARRIERA; CÂMARA; BERLIM, 2006, p. 30) Foi solicitado que cada participante escrevesse no máximo 10 itens referentes a cada aspecto, não podendo deixar nenhum em branco. Percebeu-se que alguns participantes tiveram um

pouco de dificuldade em listar suas qualidades, mostrando assim pouco conhecimento de si mesmo. No momento da discussão, cada participante escolheu uma qualidade, um interesse e uma habilidade para apresentar. As qualidades mais mencionadas foram: inteligente, responsável, amigo, comunicativo. Com relação às habilidades, as mais mencionadas foram: comunicação escrita, comunicação oral e criatividade. Os interesses que mais apareceram foram: informática, esportes e dinheiro.

Em seguida foi aplicada a técnica *Esclarecimento de valores* (FRITZEN, 1981). Foram apresentadas três frases relacionadas a valores e cada um dos participantes deveria escolher a frase com a qual mais se identificava. As frases apresentadas foram:

1. Sempre estou atento à moda e a beleza.
2. Acho primordial gostar do que faço mais do que ganhar dinheiro.
3. Só quero trabalhar se tiver um cargo alto.

A frase mais escolhida foi a nº 2 (10 participantes). Foi realizada uma discussão sobre os valores vs o mercado de trabalho e a vida profissional. O grupo que escolheu a frase nº 1 trouxe a importância da moda e da beleza no mercado de trabalho, apontando a relevância da aparência na entrevista de emprego: *“Para uma entrevista de emprego, a aparência é fundamental, para a pessoa se destacar e conquistar apenas uma vaga entre muitos concorrentes, não só a aparência conta, mas, é fundamental para as pessoas terem uma boa impressão a seu respeito. Portanto, a moda e a beleza contam um pouco a respeito da pessoa.”* O grupo que escolheu a frase de nº 2 prosseguiu a discussão, enfatizando a importância do interesse pela atividade e que este permitirá o alcance do êxito e do reconhecimento: *“Fazer o que gosta realmente ajudará com que a pessoa seja reconhecida em algum momento. E ao longo do tempo com o reconhecimento fará com que o profissional se especialize e futuramente ganhe mais.”*

A jovem que escolheu a frase nº 3 trouxe o valor do status e do dinheiro: *“Ter um cargo alto, fará com que a pessoa tenha uma boa remuneração, e assim como os meus pais fizeram de tudo para me dar as coisas eu quero fazer o mesmo por eles. Também porque pretendo ter bens materiais como casa, entre outras coisas. Penso que se eu não gostar do trabalho, mas tiver uma boa remuneração farei de tudo para gostar e ser reconhecida.”*

Nesse encontro a participação dos jovens foi ativa e as atividades permitiram o alcance dos objetivos, ampliando o autoconhecimento e solidificando o autoconceito.

Constatou-se que os jovens percebem que o mercado de trabalho está muito competitivo e sabem quais habilidades são as mais exigidas na atualidade: responsabilidade, inteligência, conhecimentos, criatividade, comunicação verbal e não verbal, relacionamento interpessoal e flexibilidade. Têm consciência também de que é necessário aperfeiçoar e desenvolver novas habilidades. A importância do dinheiro aparece com frequência, o que certamente está relacionado às necessidades do grupo social ao qual pertencem.

5º Encontro

Objetivos

- Preparar para participação em processos seletivos.
- Treinar a elaboração de currículo e o preenchimento de fichas de emprego.

Desenvolvimento

O encontro teve a participação de 14 jovens e se iniciou com uma atividade lúdica com o objetivo de descontrair o grupo: *O salto do canguru* (LEITE; DOMINGUES JUNIOR, 2010).

Em seguida foi solicitado que cada um elaborasse sem próprio currículo, havendo uma discussão sobre o que deve constar em um currículo. Depois, os participantes foram convidados a apresentar seus currículos e, à medida que percebiam que alguns estavam mais completos que outros, foram acrescentando as informações que faltavam. Várias dúvidas surgiram e foram esclarecidas pelos coordenadores, como: colocar ou não a foto, proceder com a documentação comprobatória, enviar o currículo, etc. Os coordenadores explicaram também sobre a apresentação do currículo, que deve ser devidamente formatado e digitado em letra legível, sem erros de redação e que não deve ser entregue nem amassado nem sujo.

A atividade seguinte teve como objetivo treinar o preenchimento de uma Ficha de Cadastro para emprego. Foi entregue a cada participante uma Ficha de Cadastro, extraída de Sarriera, Câmara e Berlim (2006, p. 86-87) a ser preenchida com os dados solicitados. À medida que preenchiam a ficha, surgiam dúvidas que foram devidamente esclarecidas pelos coordenadores. Alguns participantes não sabiam algumas das informações solicitadas e com isso foi decidido que levariam a ficha para ser completada em casa.

Os jovens se mostraram bastante motivados e envolvidos com ambas as atividades. Observou-se que, a cada encontro, a atenção e o interesse dos participantes aumentava, assim como o desejo de se inserirem no mercado de trabalho.

6º Encontro

Objetivos

- Preparar para participação em processos seletivos.
- Treinar a participação em entrevistas de seleção.
- Desenvolver a atitude profissional e a empregabilidade.

Desenvolvimento

O encontro contou com a participação de doze jovens, pois quatro faltaram. Para a primeira atividade *Dramatização de uma entrevista de emprego* foram formados quatro subgrupos de três participantes. Em cada subgrupo, um dos participantes fez o papel do entrevistador e os dois outros de entrevistados. Ao longo das dramatizações foram discutidos sentimentos, reações, atitudes adequadas e inadequadas, e esclarecidas dúvidas etc. As reações mais comuns foram: ansiedade e nervosismo, dificuldade em se expressar (afirmam que “dá branco”) e esquecimento em mencionar pontos importantes. Os participantes discutiram como abordar temas como: pretensão salarial, pontos fortes e pontos fracos. Os coordenadores esclareceram quais posturas e comportamentos mais adequados, como: não expor assuntos particulares, falar das habilidades condizentes ao cargo, falar pausadamente e fazer perguntas ao entrevistador sobre a empresa e cargo. A postura séria do entrevistador e as ansiedades que esta desperta também foram discutidas no grupo.

Dando continuidade, foi apresentado ao grupo um cartaz contendo dez afirmações relacionadas a posturas na entrevista de seleção e em situações profissionais. Os jovens deveriam analisar as afirmações verificando se eram corretas ou incorretas e justificar sua opinião. As frases discutidas foram:

1. Homens devem ir à entrevista de camiseta regata.
2. As pessoas devem se apresentar à entrevista com cabelos limpos e penteados.
3. Mulheres devem ir à entrevista de blusinhas decotadas.
4. Homens podem ir à entrevista com a camiseta de time de futebol.
5. Ao apresentar-se para uma entrevista deve-se cuidar para não ter mau hálito.
6. Quando estiver no horário de trabalho é preciso fazer o tempo render com atividades pertinentes ao serviço.
7. No trabalho deve-se chegar sempre pontualmente.

8. Pode-se chegar à primeira entrevista com até 20 minutos de atraso.
9. Na primeira entrevista deve-se demonstrar interesse para suprir as exigências do empregador.
10. É necessário apresentar-se com roupas e calçados limpos, à primeira entrevista de emprego.

Os adolescentes mostraram um bom discernimento com relação às posturas adequadas, consciência da importância da imagem pessoal e de como se apresentar nas situações de trabalho. O encontro atingiu os objetivos propostos e gerou uma reflexão importante sobre as posturas e atitudes adequadas no âmbito profissional.

7º Encontro

Objetivo

- Desenvolver habilidades sociais e emocionais que facilitem a inserção no mundo do trabalho.

Desenvolvimento

O encontro, que contou com a participação de onze jovens, foi iniciado com uma atividade lúdica, na qual ao som da música *Escravos de Jó*, os participantes deveriam ir passando uma caneta. Essa atividade permitiu desenvolver a atenção, a coordenação motora, o comprometimento e a união do grupo. Foram feitas cinco tentativas, até que o grupo conseguiu realizar a tarefa com êxito, o que deixou os participantes muito satisfeitos.

A segunda atividade teve como objetivo trabalhar os medos e as ansiedades relacionados ao trabalho. Todos os participantes tiveram que completar a frase *Quando penso em trabalho fico preocupado...* As respostas, que foram apresentadas e discutidas no grupo, mostraram uma grande preocupação com o comportamento na entrevista de seleção e com a possibilidade de conseguirem um emprego. Mas

observou-se também que os adolescentes mostraram amadurecimento ao comentar que é necessário se manter focado, prestar atenção ao vocabulário, inspecionar a roupa, ser pontual, para terem, assim, mais possibilidades nas entrevistas.

Para ajudá-los no controle emocional, os coordenadores realizaram duas técnicas propostas por Sarriera, Câmara e Berlim (2006, p. 58). A primeira foi uma técnica de respiração e os jovens foram orientados para utilizá-la no momento que antecede a entrevista, visando diminuir a ansiedade. Em seguida, os coordenadores ensinaram a técnica de *Pensamento positivo* para eliminar os estados emocionais negativos. A ideia da técnica é ajudar a abandonar os pensamentos negativos e trocá-los por outros positivos. Sempre que o sujeito perceber que está com pensamentos negativos voltados para o fracasso, ódio de outra pessoa ou culpa, deve dizer “Basta!” e começar a prestar atenção aos aspectos positivos da situação.

Dando continuidade, os coordenadores explicaram brevemente as três categorias básicas da comunicação e do comportamento humano de acordo com Mc Kenna (2002): passividade, agressividade e positividade, mostrando a importância do comportamento assertivo no ambiente de trabalho. Foi realizada a dinâmica *O que você faria?* para treinar a assertividade de forma lúdica. O grupo foi dividido em equipes de três pessoas. A cada jogada, uma equipe retirava um papel de uma caixinha, na qual constava uma situação “crítica” do cotidiano, que deveria ser analisada, verificando se o comportamento era Agressivo, Não assertivo ou Assertivo. Em alguns casos, era apresentada uma situação para a qual o grupo deveria elaborar uma resposta/solução assertiva. Cada equipe tinha 30 segundos para apresentar a resposta e caso acertasse podia jogar o dado e mover assim seu peão em um tabuleiro. Todos os participantes se mostraram atentos, participativos, comprometidos com as análises, buscando enxergar com clareza o tipo de comunicação da mensagem.

Observou-se que, a cada encontro, os participantes mostravam mais confiança para enfrentar o mundo do trabalho.

8º Encontro

Objetivo

- Avaliar o trabalho desenvolvido e promover a despedida do grupo.

Desenvolvimento

Compareceram ao último encontro doze participantes. Os coordenadores deram início, lembrando a todos que este seria o último encontro e relembraram junto com o grupo as atividades que foram realizadas a cada sessão. Em seguida, explicaram que na semana seguinte haveria uma entrevista individual de finalização.

Dando continuidade realizaram a dinâmica *Encerramento através de cartões* (IVATIUK, 2007), com o objetivo de receber *feedback* com relação à intervenção. Foram espalhados pelo chão da sala cartões com diferentes figuras. Cada participante deveria escolher um cartão que representasse os encontros; se por acaso o mesmo cartão fosse escolhido por mais de uma pessoa estas deveriam sentar-se juntas. Em seguida, cada um justificou a sua escolha. O significado dos encontros foi associado a: unidade, respeito, trabalho em equipe, união, crescimento, superação de obstáculos e aquisição de novos conhecimentos. As justificativas dadas indicaram que os participantes foram assimilando os conhecimentos adquiridos, eliminando dúvidas e tendo mais segurança para enfrentar os desafios do mundo do trabalho. Observou-se que conseguiram se integrar, respeitando as diferenças e alcançar os objetivos da intervenção. Mostraram também satisfação pessoal em perceber que evoluíram e amadureceram.

Em seguida, foi reaplicado o *Questionário de inserção no mundo do trabalho* (NEIVA, 2008), com o objetivo de reavaliar a condição de inserção dos jovens e também de avaliar a intervenção, comparando os resultados pré e pós-intervenção. Esses resultados serão apresentados no item *Avaliação da intervenção*.

Para finalizar, foi aplicada a dinâmica *O que trouxe para os encontros e o que levo dos encontros* com o objetivo de promover a despedida do grupo. Foi solicitado que todos os participantes ficassem de pé e colocassem as duas mãos para frente formando uma concha; cada participante deveria dizer o que trouxe para contribuir nos encontros e o que está levando dos encontros. Com relação ao que o grupo trouxe para os encontros apareceram: interesse para aprender, curiosidade, dúvidas, nervosismo, alegria, dedicação, persistência, indicando assim a motivação do grupo e a ânsia por conhecimentos. Os aspectos mais mencionados como adquiridos por meio dos encontros foram: novos conhecimentos, experiência, autoconfiança e vontade de aprender mais. Os coordenadores perguntaram sobre os projetos que pretendiam realizar daqui para frente e alguns apontaram o interesse em seguir estudando e fazer um curso universitário. Foram orientados a procurar o serviço de Orientação Profissional de uma clínica-escola, no qual poderiam ser ajudados a elaborar um projeto profissional.

O grupo despediu-se e os coordenadores lembraram que na próxima semana haveria a entrevista individual de finalização.

Entrevista final

A entrevista final foi realizada individualmente com o objetivo de dar uma devolutiva do resultado obtido no *Questionário de inserção no mundo do trabalho* (NEIVA, 2008), discutir sobre a evolução de cada um e sobre os projetos pós-intervenção. A entrevista foi realizada com nove dos onze participantes que responderam ao questionário nos dois momentos (inicial e final); dois deles não compareceram, pois já haviam se inserido no mercado de trabalho. Dois outros jovens, que não

compareceram sistematicamente aos encontros e não realizaram o questionário pós-intervenção, participaram da entrevista final com a intenção de receber um *feedback* dos coordenadores.

Nessa entrevista os participantes se mostraram agradecidos e satisfeitos com a intervenção e muitos comentaram sobre o desejo de continuar os estudos, fazendo um curso técnico ou universitário. Alguns quiseram ser encaminhados para a clínica-escola para realizar uma orientação profissional.

Avaliação da intervenção

Para avaliar a intervenção foi utilizado o *Questionário de inserção no mundo do trabalho* (NEIVA, 2008), que foi aplicado no primeiro e no último encontro. A tabela 1 apresenta o resultado bruto dos onze sujeitos que participaram regularmente da intervenção.

Tabela 1. Resultados obtidos no Questionário de inserção no mundo do trabalho, antes e após a intervenção

Sujeito	Pontuação bruta pré-intervenção	Pontuação bruta pós-intervenção	Diferença
01	72	90	+ 18
02	49	82	+ 33
03	77	91	+ 14
04	76	87	+ 11
05	72	76	+ 04
06	61	73	+ 12
07	76	97	+ 21
08	73	80	+ 07
09	86	93	+ 07
10	62	81	+ 19
11	84	92	+ 08
Média	71,63	85, 63	+ 14

A média do grupo antes da intervenção foi 71,63 e após intervenção foi 85,63, indicando assim um bom avanço do grupo. Todos os participantes mostraram uma evolução na sua preparação para inserir-

se no mundo do trabalho, embora alguns tenham evoluído mais que outros.

Apesar de o instrumento utilizado ser um instrumento piloto, sem estudos de validade e confiabilidade, os resultados indicaram que a intervenção gerou resultados positivos, permitindo o desenvolvimento do grupo e uma maior preparação para a inserção no mundo do trabalho.

Além disso, os próprios comentários do grupo nas dinâmicas realizadas na última sessão apontaram, como frutos da intervenção, a aquisição de conhecimentos e experiência e o aumento da autoconfiança.

Conclusões e sugestões

No início da intervenção, observou-se que os jovens apresentavam sentimentos de impotência e insegurança, falta de informação sobre as exigências do mundo do trabalho, pouco conhecimento sobre suas qualidades e habilidades, além de não saber como comportar-se devidamente em processos de seleção para emprego. Foi possível notar que, a cada encontro, os participantes foram ampliando seu autoconceito, aumentando a autoestima e autoconfiança, eliminando dúvidas e adquirindo atitudes importantes para enfrentar os desafios do mundo do trabalho. Ao final dos encontros, encontravam-se também mais motivados e preparados para enfrentar os processos de seleção de emprego, sentindo-se menos inseguros e com maior desenvoltura para elaborar um currículo e participar de entrevistas de seleção. Esses resultados corroboram os resultados encontrados por Sarriera, Câmara e Berlim (2000b; 2006).

O nível de motivação e interesse do grupo foi bem alto, constatado na frequência às sessões e participação nas atividades propostas ao longo dos encontros. Os jovens alcançaram uma boa integração grupal,

respeitando as diferenças entre os participantes e realizando discussões muito produtivas.

Os resultados obtidos no questionário aplicado ao final da intervenção, quando comparados aos resultados iniciais, mostram uma boa evolução do grupo com relação à preparação para a inserção no mundo do trabalho.

Assim como na intervenção realizada por Sarriera, Câmara e Berlim (2000b; 2006), ao final da intervenção os jovens manifestaram o desejo de continuar os estudos. Acredita-se que a intervenção contribuiu para incentivar os jovens a darem continuidade ao vínculo educacional, na esperança ainda de conseguirem uma melhor inserção no mercado de trabalho.

Sendo assim, conclui-se que a intervenção foi de grande importância para esse grupo de jovens e que é necessário que os psicólogos atuem mais sistematicamente na preparação de jovens para a inserção no mundo do trabalho.

Retomando o ECA, que aponta a necessidade de capacitação adequada do adolescente para o mercado de trabalho, vale ressaltar que essa capacitação não deve limitar-se apenas à área escolar, mas incluir as questões emocionais e sociais. Estudos já apontaram que a relação do jovem com o trabalho é um bom preditor do seu bem-estar psicológico. Sendo assim, é importante pensar em políticas públicas que incluam ações efetivas que preparem psicologicamente os jovens para se inserir de forma salutar no mundo do trabalho.

Referências bibliográficas

ANDRADE, S. *Teoria Prática de Dinâmica de Grupo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). 1990 <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L8069.htm>>. Acesso em: 1 abr. /2008.

CÂMARA, S. G.; SARRIERA, J. C. Critérios de Seleção para os adolescentes-jovens: perspectivas dos empregadores. *Psicologia em Estudo*, v. 6, n. 1, p. 77-84, 2001.

DAUSTER, T. Uma infância de curta duração: trabalho e escola. *Cadernos de Pesquisa*, n. 82, p. 31-36, 1992.

GOMES, J. V. Vida familiar e trabalho de crianças e jovens pobres. *Paidéia. Cadernos de Psicologia e Educação*. n. 14-15, p. 45-61, 1998.

FRITZEN, S. *Exercícios práticos de dinâmica de grupo*. Rio de Janeiro: Vozes, 1981. v. 1-2.

GUIMARÃES R. M.; ROMANELLI, G., A inserção de adolescentes no mercado de trabalho através de uma ONG. *Psicologia em Estudo*, v. 7, n. 2, p. 117-126, 2002.

IVATIUK, A. L. *Encerramento através de cartões*. 2007. Não publicado.

LEITE, C. P.; DOMINGUES JUNIOR, M. *O salto do canguru*. Disponível em: <<http://www.cvdee.org.br/download/dinamicagrupo.doc>>. Acesso em: 2010.

LUCCHIARI, D. H. P. S. *Pensando e vivendo a orientação profissional*. São Paulo: Summus, 1993.

MAPA DO MERCADO DE TRABALHO NO BRASIL: 1992-1997/IBGE, Departamento de Emprego e Rendimento. Rio de Janeiro: IBGE, 2001.

MC KENNA, C. *Poderosas habilidades de comunicação: como se comunicar com confiança*. São Paulo: Amadio, 2002.

NEIVA, K. M. C. *Questionário de inserção no mundo do trabalho*. 2008. Não publicado.

QUADROS, W. J. Um retrato do desemprego juvenil no Brasil. *Revista Mercado de Trabalho Conjuntura e Análise*, v. 1, n. 21, p. 5-8, 2003.

SARRIERA, J. C; VERDIN, R. Os jovens a procura de um trabalho: uma análise qualitativa. *Psico*, v. 27, n. 1, p. 59-70, 1996a.

_____. et al. Bem-estar psicológico em jovens porto-alegrenses. *Psico*, v. 27, n. 2, p. 79-95, 1996b.

_____.et al. Os (des)caminhos dos jovens na sua passagem da escola ao trabalho. In: SARRIERA, J. C. (Org.). *Psicologia comunitária: estudos atuais*. Porto alegre: Sulina, 2000a. p. 45-63.

_____.; CÂMARA, S. G.; BERLIM, C. S. Elaboração, desenvolvimento e avaliação de um Programa de Inserção Ocupacional para Jovens Desempregados. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 12, n. 1, p. 189-198, 2000b.

_____.; _____.; _____. *Formação e Orientação Ocupacional: manual para jovens à procura de emprego*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

_____.; SÁ, S. D.; TEIXEIRA, G. R. Valores, atribuições e estratégias de procura de emprego: um estudo transcultural. *Psico*, v. 28, n. 1, p. 123-148, 1997.

Anexo 1 - Instrumento de avaliação da intervenção

Questionário

Inserção no mundo do trabalho

Avalie as situações citadas a seguir e atribua uma resposta que pode variar de 1 (pouco) a 5 (muito). Faça um X no quadro correspondente à sua resposta.

Nome: _____

Idade: _____ **Sexo:** _____

	1	2	3	4	5
1. Sei em qual atividade eu gostaria de trabalhar.					
2. Sinto-me tranquilo para participar de uma seleção para emprego.					
3. Conheço as minhas habilidades profissionais.					
4. Sei preencher uma ficha de emprego.					
5. Sei o que é exigido hoje pelo mercado de trabalho.					
6. Sei o que eu espero da minha vida profissional.					
7. Conheço os meus interesses profissionais.					
8. Sei como devo me vestir para comparecer a uma entrevista profissional.					
9. Conheço os meus defeitos.					
10. Sinto-me confiante para participar de uma entrevista profissional.					
11. Conheço as minhas qualidades.					
12. Sei como me posicionar em uma entrevista profissional.					
13. Sei como está a disponibilidade de vagas no mercado de trabalho.					
14. Acredito que serei inserido no mercado de trabalho.					
15. Acredito que serei um bom profissional.					
16. Conheço meus pontos fortes.					
17. O trabalho é importante na minha vida.					
18. Estou preocupado em conseguir um emprego.					
19. Conheço meus pontos fracos.					
20. Sei como fazer um currículo.					

6. Livro da vida: o trabalho com narrativas de crianças e jovens em abrigos

Audrey Rossi Weyler
Ana Maria Brito do Vale
Renata Martins

Introdução

“Todas as mágoas são suportáveis quando fazemos delas uma estória ou contamos uma história a seu respeito.”

Isak Dinesen

O narrar histórias constitui-se uma forma primordial de comunicação humana que, entre outras coisas, permite ao narrador ganhar contexto e reconhecer o sentido de suas experiências; ser ouvido e reconhecido pelo outro; transmitir/sustentar tradições e compartilhar experiências, além de ampliar o conhecimento de si e do mundo. De acordo com Safra (2003), a narrativa cria cenas ou experiências em um registro do “era uma vez”, que possibilita àqueles que a escutam ou a leem a possibilidade de coexistir com os personagens da narrativa. É aqui, segundo o autor, nesse lugar potencial, onde os tempos se encontram, onde a memória se torna futuro no presente, que estamos todos em comunicação uns com os outros. Passado, presente, futuro, ascendentes, descendentes e contemporâneos: a narrativa cria esse espaço potencial de comunicação e experiência compartilhada, tão fundamental à condição humana.

Trata-se, como afirma Volpi (2007), de uma tentativa de se dar uma história, de estar no mundo e habitá-lo. As narrativas seriam nesse

sentido possibilidades vivas e criativas de se reinventar e prolongar a própria história, de dar contorno às experiências desconhecidas ou assustadoras e de construir o eu e a alteridade.

Em outras palavras, a narrativa se tornaria ao longo do tempo uma possibilidade estruturante de vida, uma múltipla busca identitária, individual e coletiva, de orientação e de sentido. Pois, se a vida acontece como saber surpreendido nos entremeios da linguagem e nas possibilidades do cotidiano, ela é sempre narrativa em construção, uma tentativa fragmentária de capturar o mundo e seus instantes decisivos, dando-lhes um sentido. (VOLPI, 2007, p. 21).

Com a experiência de narrar nos inserimos, como humanos, em uma cadeia simbólica da qual somos todos contribuintes e beneficiários. O senso de si e de outro, de fazer parte e também de contribuir para a história de um grupo ou de uma coletividade se constroem ao podermos narrar e recriar histórias próprias e coletivas. Atkinson (1998) afirma que as memórias, as experiências, as tradições e os valores pessoais e coletivos são mantidos vivos por contarmos e (re)criarmos narrativas sobre eles de uma maneira que possam perdurar mais que nós mesmos.

Apoiada, fundamentalmente, no espaço do “entre-dois”, a narrativa acontece no interjogo entre locutores e ouvintes, entre a privacidade do sujeito e sua posição como sujeito sócio-histórico, trazendo consigo a possibilidade de tornar a pessoa visível para si mesma e para o outro. A possibilidade de compartilhar experiências, memórias e tradições é, assim, muito importante para o fortalecimento das identidades pessoais e sociais (SCHMIDT, 1997).

A narrativa não é, portanto, somente o sistema simbólico no qual o pôr em forma da existência encontraria sua expressão: a narrativa é o lugar onde o indivíduo humano toma forma, onde ele elabora e experimenta a história de sua vida. (DELORY-MOMBERGER, 2006, p. 6).

O trabalho com narrativas de vida estimula a elaboração de experiências pessoais e coletivas, pela integração da fala, da escuta, dos gestos e dos sentimentos. Além disso, integram-se presente, passado e futuro na trama da narrativa. Segundo Delory-Momberger (2006), na

relação de engendramento de temporalidades entre si, não é apenas o passado que dá luz ao futuro, mas a projeção do possível carrega consigo uma história, aberta sobre um projeto de si-mesmo. A história de vida configura-se, assim, como uma ficção conveniente pela qual o sujeito se produz como projeto de si mesmo.

A narrativa não é, portanto, a verdade literal de uma experiência, mas sim a representação que alguém constrói sobre suas próprias experiências. Há um intervalo entre se vivenciar algo e narrar essa experiência. Tal intervalo permite ao narrador e aos seus ouvintes o poder contar e recontar; compor e recompor; significar e ressignificar a experiência vivida.

Segundo Delory-Momberger (2006) a narrativa, ao obedecer a um movimento como discordância-concordância, se estabelece como uma reconfiguração, como uma síntese do heterogêneo. Sua matéria viva, transitória e instável se reconstrói no presente momento em que se anuncia. Nesse sentido,

Não é tanto a história da vida reconstruída que importa em si, mas sim o sentimento de congruência experimentado entre o eu-próprio e o passado recomposto, a impressão de conveniência que essa história toma para mim no aqui e agora de sua enunciação. Ela é a história que eu me atribuo e na qual eu me reconheço, é a que me convém e à qual eu convenho, a versão 'suficientemente boa' (Winnicott, 1970; Delory-Momberger, 2002) que eu me dou da minha vida (DELORY-MOMBERGER, 2006, p. 5).

O trabalho com narrativas de vida, ainda que tenha como matéria prima a palavra, pode ser mediado por objetos culturais (fotos, contos, mapas, etc.) e sensoriais (som, tato, etc.). Tais objetos buscam suscitar, receber e sustentar a palavra. O apoio ao processo de elaboração se produz de tal maneira que os sujeitos, em contato com o objeto mediador e com a diversidade de emoções (individuais e compartilhadas) disparadas por ele, possam sustentar seus processos associativos e a construção de narrativas. O objetivo principal deste tipo de mediação é facilitar o processo de simbolização pela da ligação entre emoção, sentimentos e representação de fala (KAËS, 2005).

Diferentes populações em diversos contextos institucionais podem se beneficiar do trabalho com narrativas de vida. Idosos em asilos, crianças e adolescentes em abrigos ou albergues, e adultos trabalhadores, ao tecerem com os fios da sua própria história uma trama narrativa, promovem tanto validação e (re)significação da experiência pessoal e coletiva, como o alargamento do mundo próprio e compartilhado. Giroux e McLaren (1993, p. 26) afirmam, nesta direção, que

apenas quando podemos nomear nossas experiências - dar voz a nosso próprio mundo e afirmar a nós mesmos como agentes sociais ativos, com vontade e um propósito - podemos começar a transformar o significado daquelas experiências, ao examinar criticamente os pressupostos sobre os quais elas estão construídas.

Os benefícios potenciais de tal experiência são diversos e variados para cada grupo de narradores e ouvintes envolvidos nesse processo. No entanto, muitas vezes a ausência do outro, o silêncio da violência, a ameaça de ruptura e o desamparo limitam ou impedem o processo de compartilhar, de (re)construir e de (re)significar o vivido. As narrativas, relatos e mitos, como dispositivos fundantes, perdem seu potencial de conter, sustentar e mediar as lacunas e os vazios que perpassam o caminhar humano.

Na medida em que os diferentes legados não podem ser narrados e elaborados, permanece a violência cumulativa do proibido, esquecido ou mantido enredado, com sofrimento para os diferentes grupos sociais, configurações familiares e comunidades. (VOLPI, 2007, p. 25-26).

Quando a possibilidade de narrar e compartilhar a própria história se encontra comprometida, há uma dimensão de sofrimento e de desesperança que se impõe.

A verdade de si mesmo, afirma Safra (2004), acontece e se revela pelo reflexo do rosto humano. “A travessia pela vida é feita por uma linha estreita somente possível pela presença do outro que porta historicamente o atravessamento das questões da existência humana.” (SAFRA, 2004, p. 25). Nesse sentido, estabelece-se como muito

importante o questionamento sobre o quanto as instituições sociais, como sistemas simbólicos, podem favorecer que seus membros compartilhem suas narrativas de vida ou, contrariamente, tenham essa experiência enfraquecida.

No escopo do presente trabalho, vislumbrou-se um projeto de intervenção psicossocial, cujo principal objetivo foi estabelecer um espaço de elaboração e transmissão da experiência pessoal e coletiva por meio de oficinas autobiográficas.

Objetivos

Objetivo geral

- Criar um espaço de elaboração e transmissão da experiência pessoal e coletiva por meio de oficinas autobiográficas.

Objetivos específicos

- Ampliar o autoconhecimento e a construção/apropriação da história pessoal.
- Favorecer a integração dos participantes entre si e com os funcionários da instituição.
- Sensibilizar os funcionários da instituição, em seus diferentes níveis hierárquicos, sobre a importância do trabalho com narrativas de vida.
- Desenvolver com os participantes o material autobiográfico denominado *Livro da Vida*.

Método

População-alvo

Esse projeto foi realizado em um abrigo para crianças e adolescentes localizado na cidade de São Paulo. A instituição tem capacidade para

atender 20 crianças de 0 a 17 anos que, por um determinado tempo, precisam ser afastadas de suas famílias de origem. Os motivos desse afastamento familiar são, em geral, relacionados a situações de abuso, abandono, miserabilidade e drogadição. As crianças e adolescentes identificados em tais situações de risco e vulnerabilidade social são encaminhados pelo conselho tutelar e vara de infância para o abrigo.

A instituição oferece proteção social aos seus membros, abrigando-os até que condições familiares adequadas sejam garantidas novamente. Alimentação, cuidado, lazer, segurança, escolarização e suporte emocional são providos às crianças pela equipe de funcionários da instituição durante o período em que estejam abrigadas.

Após cinco visitas à instituição, foi diagnosticada a necessidade de realizar, com o grupo de crianças, um trabalho de elaboração e transmissão da experiência pessoal e coletiva por meio de oficinas autobiográficas. Em entrevistas formais e informais com os funcionários do abrigo, observou-se um interesse em garantir que questões relativas ao futuro e a projetos de vida das crianças fossem trabalhadas. Constatou-se também, o interesse em abordar com as crianças suas próprias histórias, mas ao mesmo tempo um legítimo receio e cuidado, por parte dos educadores, em suscitar qualquer tipo de desconforto ao fazê-lo.

Por esse motivo, optou-se por desenvolver um projeto de intervenção psicossocial que promovesse um espaço de escuta e acolhimento para se trabalhar, por meio de oficinas autobiográficas denominadas *Livro da Vida*, as narrativas de vida das crianças, integrando-as com seus sonhos, expectativas e projetos para o futuro.

A intervenção foi realizada com 16 crianças de 7 a 13 anos, de ambos os sexos, todos residentes do abrigo. Os participantes foram divididos em dois subgrupos de 7 a 10 e de 11 a 13 anos para que as especificidades de cada faixa etária fossem atendidas e trabalhadas.

Todos os participantes foram indicados pela coordenação da instituição, porém, foi preservado, às crianças envolvidas, o direito de

escolher participar dos encontros de maneira a garantir o melhor andamento e aproveitamento do trabalho.

Instrumentos

O projeto desenvolveu-se por meio de uma oficina denominada *Livro da Vida*. Essa ferramenta de trabalho, inspirada em diferentes técnicas autobiográficas, foi organizada na presente intervenção, primordialmente, em torno de cinco capítulos: *Quem sou eu?*; *Minha família*; *De onde eu venho e onde estou agora*; *Meu futuro, sonhos e aspirações*.

Em cada encontro, os participantes foram convidados a preparem um capítulo de seus livros e a anexarem as produções escritas e plásticas em uma pasta/fichário que foi entregue individualmente a todas as crianças do grupo. Ao final do programa, essa pasta/fichário, decorada de maneira pessoal e carregada de produções individuais, foi mantida para cada um dos participantes como seu *Livro da Vida*.

Para avaliar a intervenção, utilizou-se o questionário *O que eu sei sobre a minha história?*, que foi criado para esse projeto e aplicado no início e ao final da intervenção. Esse questionário (Anexo 1), composto por 10 questões semiabertas, foi administrado em entrevistas individuais, quando se tomou nota das respostas dadas por criança. O tratamento dos dados levantados por esse questionário deu-se por meio de uma metodologia qualitativa denominada de análise de conteúdo (MINAYO, 2000).

Como o projeto foi desenvolvido com crianças e jovens sob a responsabilidade do abrigo, foi solicitado aos responsáveis da instituição um termo de autorização para participação no projeto e para a realização de seu instrumento de avaliação.

Duração

Foram realizados oito encontros, à razão de um por semana, em uma sala fornecida pela instituição. No primeiro e no último encontro, foram

realizadas entrevistas individuais para a aplicação do instrumento de avaliação. O tempo médio de duração dessas entrevistas foi de quinze minutos. Nos demais seis encontros, desenvolveu-se o projeto do *Livro da Vida*, em sessões grupais com todos os participantes. Esses encontros tiveram a duração média de duas horas.

Desenvolvimento dos encontros

O projeto foi desenvolvido por duas estudantes do último semestre do curso de Psicologia, no âmbito de estágio curricular e sob a supervisão da professora responsável, que orientou e acompanhou as atividades.

Entrevista individual

Foi realizada uma entrevista individual com cada criança para aplicação do instrumento de avaliação. As estagiárias tiveram a oportunidade de, além de aplicar o instrumento, convidar pessoalmente cada criança a participar do projeto, ressaltando que essa decisão seria totalmente voluntária. Detalhes sobre o projeto e seus futuros encontros foram também compartilhados com os participantes que se mostraram bastante interessados em se juntarem ao programa.

1º Encontro

Objetivos

- Estabelecer o enquadre.
- Promover o conhecimento e integração do grupo.
- Sensibilizar os participantes para o trabalho com narrativas, por meio de um jogo de “contação” de história.
- Introduzir o grupo ao projeto *Livro da Vida*.

Desenvolvimento

Todos os participantes compareceram ao encontro para a apresentação dos coordenadores e estabelecimento do enquadre grupal. Foi explicado que, nas sessões seguintes, os participantes seriam divididos em dois subgrupos de acordo com suas idades.

Atividade de aquecimento: Construção do crachá

As crianças, com os materiais disponíveis, foram convidadas a criarem seus crachás pessoais e apresentá-los ao grupo. Tal atividade teve como objetivos a integração grupal e o encontro com as características individuais de cada participante.

Atividade da sessão: Contar e desenhar uma história

Uma das estagiárias contou a história *Seu corpo, Sua casa* (LUCAS; BRUNO, 2002) para as crianças, que após ouvi-la, puderam expressar, por meio de desenhos, o que sentiram e perceberam da história. Ao terminarem o desenho, as crianças foram convidadas a expor suas obras e comentar o que fizeram. Após essa atividade, os participantes espontaneamente propuseram às estagiárias que os ajudassem a montar uma peça de teatro. Com isso, todos se envolveram no registro do “era uma vez”, criando e encenando uma história repleta de princesas, príncipes, bruxas e um final feliz. É importante ressaltar que a forma como as crianças se organizam, inventam, conversam, criam papéis e transformam os cenários é um modo particular de instaurar um novo mundo repleto de sentimentos e de expressividade (BRANDÃO, 1997).

Os participantes, já nesse primeiro encontro, se mostraram sensibilizados ao trabalho com o Livro da Vida. Algumas crianças verbalizaram: *“Tia, você não disse que ia fazer o livro? Quando nós vamos fazer? Eu quero fazer um livro bem bonito.”*; *“Eu não vejo a hora de fazer meu livro! Tia, você vai fazer o seu livro também?”*

Esse primeiro encontro cumpriu seus objetivos de estabelecer o enquadre, facilitar a integração grupal e sensibilizar os participantes ao

trabalho com narrativas e com o *Livro da Vida*.

2º Encontro

Objetivos

- Iniciar a construção do *Livro da Vida*, com o capítulo *Quem sou eu*.
- Ampliar o autoconhecimento.
- Facilitar o reconhecimento das características pessoais, tanto positivas como negativas.

Desenvolvimento

Atividades de aquecimento

As estagiárias, antes de dividirem o grupo em dois, convidaram todos os participantes para formarem um círculo e dançarem e cantarem juntos a música *Cabeça, ombro, joelho e pé*. Após essa atividade, iniciou-se outro jogo denominado *Hobby*[1], no qual os participantes ao passarem a bola para qualquer pessoa do grupo, deveriam dizer algo sobre si mesmos, como o apelido, um *hobby* ou uma característica pessoal. Todas as crianças se envolveram bastante com esse jogo e puderam dividir com o grupo algumas informações pessoais. O objetivo desse aquecimento foi sensibilizar os participantes para a atividade subsequente de construção de seus autorretratos, além de favorecer o autoconhecimento e a integração grupal.

Atividades da sessão: Autorretrato e Ficha de apresentação

Os participantes foram divididos em dois pequenos grupos para a construção de seus autorretratos. Eles foram, inicialmente, convidados a pensar como se viam ou se percebiam para, então, desenhar seus autorretratos e preencher uma pequena ficha de apresentação com nome, idade, data de nascimento, uma característica e um hobby.

Algumas crianças, principalmente aquelas com limitações de leitura e escrita, contaram com a ajuda das estagiárias para concluírem a atividade.

Em seguida, os participantes de cada subgrupo foram convidados a apresentarem ao grupo suas produções, realizando uma breve introdução, no formato de história, sobre si mesmos.

O encontro foi bastante produtivo e permitiu que as crianças pudessem se colocar de maneira mais singular e própria no grupo. O trabalho com o autorretrato, a reflexão sobre características pessoais e a construção de uma história sobre si mesmo propiciaram aos participantes uma experiência de integração da fala, da escuta, dos gestos e dos sentimentos em um rico e dialético interjogo de se (re)conhecer a si mesmo e ao outro.

3º Encontro

Objetivos

- Seguir com o projeto *Livro da Vida*, na elaboração do capítulo *Minha família*.
- Favorecer que os participantes construam uma descrição de suas famílias que seja própria e adequada a cada um.
- Facilitar que os participantes reconheçam pessoas importantes que contribuíram e contribuem para seu crescimento.
- Ampliar a experiência própria e compartilhada pelo reconhecimento de que não existe família ideal ou perfeita.

Desenvolvimento

Atividade de aquecimento: *Eu tenho em minha família um(a)...* (dinâmica criada no escopo desta intervenção).

As estagiárias dividiram a sala em duas metades (Sim e Não) e explicaram a todos os participantes que iriam fazer algumas perguntas

e que eles deveriam se deslocar pelo ambiente, posicionando-se na área do “sim” ou do “não” de acordo com suas respostas. As estagiárias começaram, então, a propor algumas perguntas leves e irreverentes como: “*Quem tem em sua família um tio careca?*”; “*Quem tem em sua família uma tia engraçada?*”; “*Quem tem em sua família um irmão mais velho?*”; “*Quem tem em sua família uma pessoa reclamona?*”, etc. Os participantes se envolveram bastante com a atividade, circulando pelo ambiente em uma atmosfera de muita descontração. Ao fim desse jogo, todas as crianças foram divididas em dois subgrupos para a realização da atividade subsequente.

Atividade da sessão: Árvore genealógica

Dando continuidade à construção do *Livro da Vida*, foi desenvolvida a atividade *Árvore Genealógica*. As crianças receberam das estagiárias uma folha com uma árvore desenhada que dispunha de espaços a serem preenchidos com informações (nome dos membros) de suas famílias ou de pessoas importantes em suas vidas. Foi explicado aos participantes que eles poderiam colocar as informações que quisessem, dando destaque àqueles que contribuíram para seus crescimentos. Foi interessante observar que algumas crianças não incluíram seus pais em suas árvores genealógicas e que trataram de acrescentar nomes de funcionários do albergue ou de outros adultos com quem desenvolveram relações de cuidado e atenção em suas vidas. A presença do nome de irmãos e de alguns primos foi uma constante entre os participantes.

Como o tema desse encontro foi bastante delicado, as estagiárias dedicaram boa parte da sessão auxiliando, individualmente, as crianças na construção de suas árvores genealógicas.

Ao final, os participantes foram convidados a apresentarem suas produções aos demais colegas. As estagiárias apontaram a importância de cada um buscar construir suas próprias referências de amor e de cuidado, não importando se isso se dará com membros de dentro ou de

fora de suas famílias de origem. Com a cuidadosa criação de uma família “suficientemente boa” para cada um, os participantes puderam integrar experiências passadas, boas ou ruins, com referências de cuidado e de afeto em suas vidas. Nesse encontro, passado, presente e futuro ganharam corpo na forma de coloridas árvores.

4º Encontro

Objetivos

- Seguir com a construção do *Livro da Vida* com o capítulo *De onde vim e onde estou agora*.
- Propiciar que os participantes reconheçam, explorem e expandam informações sobre seus locais de nascimento.
- Favorecer que os participantes reconheçam, explorem e expandam informações sobre onde se encontram agora.

Desenvolvimento

Atividade de aquecimento: Meu país (atividade criada no escopo da presente intervenção)

Foi entregue aos dois grupos de crianças um quebra-cabeça com peças que formariam o mapa do Brasil. Os participantes, junto com as estagiárias, montaram esse quebra-cabeça tendo, assim, um primeiro contato com o tema da sessão.

Atividade da sessão: Onde nasci e onde estou agora

As estagiárias trouxeram para seus respectivos subgrupos dois grandes mapas do Brasil e explicaram aos participantes que deveriam olhar o mapa com atenção e escrever seus nomes em cima dos Estados em que nasceram. As crianças, imediatamente, ficaram em silêncio observando o mapa. Foi solicitado, então, aos participantes irem até o mapa e escreverem seus nomes em seus Estados de origem. Todas as

crianças, prontamente, participaram da atividade, demonstrando bastante interesse. Um das educadoras foi até a sala e perguntou o que as estagiárias estavam fazendo. Foi explicado o objetivo da atividade e a educadora disse: *“Nossa, isso que vocês estão fazendo com eles é muito bom. Muitos deles não sabem onde nasceram, onde moram. E nessas atividades, eles se interessam porque faz parte da vida deles.”* A educadora se juntou ao grupo, prestando atenção e auxiliando na execução da atividade.

Foi distribuída, em seguida, uma folha individual com o mapa do Brasil para cada criança, onde elas deveriam, primeiramente, pintar o estado onde nasceram e escrever seus nomes para, então, pensarem em uma história que viveram nesse lugar ou que ouviram dizer sobre ele. Os participantes, em seguida, compartilharam, com o grupo, narrativas sobre seus locais de origem, por exemplo: *“Eu me lembro que nasci na Bahia. Lá era tão bom... A única coisa que lembro de lá é que comia doce de jaca, subia no pé de jaca. Era muito bom.”*

Com o término dessa atividade, as estagiárias colocaram dois mapas de ruas da cidade de São Paulo sobre a mesa e explicaram para as crianças que se tratava do mapa do bairro onde elas moravam. Foi perguntado se elas sabiam onde estava localizado o abrigo. Algumas crianças sabiam o nome da rua, outras disseram que nunca pensaram sobre isso e que ninguém, tampouco, lhes transmitiu essa informação. As crianças começaram, então, a procurar a localização do abrigo. Um dos participantes disse: *“Tia, quando estiver perto, você dá uma dica, vai falando: tá quente ou tá frio!”* As estagiárias, junto com a educadora, ajudaram as crianças a localizarem no mapa o endereço da casa onde viviam naquele momento. Quando os participantes terminaram a atividade, foi distribuído individualmente um mapa do bairro para que cada um pudesse pintar e escrever seu atual endereço completo. Com a ajuda das estagiárias e da educadora, as crianças concluíram a tarefa proposta.

Nesse encontro, os participantes puderam resgatar uma importante experiência humana denominada por Bachelard (2000) como o direito de habitar o mundo.

5º Encontro

Objetivos

- Seguir com a construção do *Livro da Vida*, elaborando o capítulo *Meu futuro*.
- Favorecer que os participantes explorem e ampliem seus sonhos, expectativas e aspirações para o futuro.

Desenvolvimento

Atividade de aquecimento: Dinâmica da casa[2].

As estagiárias convidaram as crianças a participarem coletivamente da construção de uma “casa dos sonhos”, explicando que cada participante desenharia uma parte da casa, até formarem um desenho que representasse o desejo do grupo. As crianças, prontamente, se envolveram com a atividade e começaram a construir a “casa dos sonhos” para aquele grupo. Um dos participantes disse: *“Tia, eu sei uma casa muito legal, sei fazer os quartos, os banheiros, nós aprendemos a fazer a parte de dentro da casa.”* Outra criança respondeu: *“É melhor a gente não fazer a parte de dentro da casa, porque vai demorar muito. Vamos fazer a casa de outro jeito que é melhor.”* As crianças ficaram em silêncio e concentradas durante a construção da casa e após cerca de trinta minutos concluíram o desenho. As estagiárias pediram para as crianças mostrarem e explicarem os detalhes sobre a casa. As crianças explicaram que aquela era a casa delas, que o homem que estava em cima do telhado estava terminando de construí-la e que a mulher que se encontrava dentro, estava sorrindo e cozinhando para as crianças. Explicaram ainda que as imagens e a árvore com frutas no quintal

serviam para enfeitar o ambiente e para proteger todos os moradores. Durante essa atividade, os participantes puderam visualizar um aspecto muito importante para o desenvolvimento saudável de uma criança: cuidado, afeto e proteção.

Atividade da sessão: O que eu espero para meu futuro (atividade desenvolvida para o presente projeto)

Os participantes foram separados em dois subgrupos para o desenvolvimento da atividade seguinte. Foi entregue, a cada criança, uma ficha com algumas perguntas relativas ao que esperavam sobre seu futuro, por exemplo: onde elas estariam, o que estariam fazendo, em que série estariam, do que iriam gostar. Os participantes foram auxiliados individualmente a preencherem essas fichas e depois apresentaram suas produções aos seus colegas. O desejo de construir uma família e ter uma linda casa e uma profissão esteve presente na elaboração de cada participante.

As atividades dessa sessão favoreceram que as crianças entrassem em contato com uma dimensão prospectiva de suas vidas, compartilhando projetos, sonhos e aspirações. De acordo com Delory-Momberger (2006), a experiência narrativa favorece a integração do passado, presente e futuro, além da elaboração de um projeto de si.

6º Encontro

Objetivos

- Conclusão do projeto *Livro da Vida*.
- Construção da capa e organização dos capítulos.
- Festa de encerramento.

Desenvolvimento

Atividade de aquecimento: O trabalho em equipe[3]

Os participantes foram reunidos em círculo e convidados a encherem e amarrarem uma bexiga. Foi explicado ao grupo que sua tarefa seria manter todas as bexigas voando durante a atividade. As estagiárias passaram, então, a retirar lentamente os participantes do círculo, reforçando que aqueles que permaneceram no grupo deveriam continuar mantendo as bexigas no ar. O número de bexigas continuou o mesmo durante toda atividade, porém o número de pessoas ficou, paulatinamente, menor. A atividade prosseguiu até o ponto em que o grupo não pôde mais manter as bexigas suspensas. Todos os participantes se envolveram e se divertiram muito com o jogo. Em uma atmosfera de trabalho em equipe, as crianças que foram retiradas do círculo seguiram apoiando e incentivando seus colegas até o fim do jogo.

Atividade da sessão: Conclusão do projeto Livro da Vida, com a construção da capa e organização dos capítulos

Foram distribuídos aos participantes os materiais necessários para a construção da capa de seus livros. As estagiárias encorajaram as crianças a criarem um título único e especial para seus livros. Todos os participantes investiram muito esforço para terem lindas e personalizadas capas, demonstrando grande senso de autoria e propriedade. Uma das crianças chegou a afirmar: *“Meu livro vai ficar lindo, tia. Eu vou dar o título de Páginas da Vida. Depois eu vou mostrar para a Tia Cristina.”*

Quando todas as capas estavam prontas, as estagiárias convidaram os participantes a elaborarem uma dedicatória de seus livros a uma pessoa especial em suas vidas. Foi muito interessante observar que todas as dedicatórias foram endereçadas aos educadores e/ou à diretora da instituição.

Finalmente, as estagiárias auxiliaram individualmente os participantes na montagem dos livros, organizando suas produções no formato de capítulos. Com seus livros em mãos, as crianças foram,

orgulhosamente, mostrar suas obras para as educadoras e diretora do abrigo.

Para celebrar o término do projeto *Livro da Vida*, as estagiárias levaram um cartaz para as crianças agradecendo a participação de todos na construção do livro, além de doces e refrigerantes para uma animada festa de despedida. Todos se divertiram muito na festa e manifestaram sua apreciação pelo trabalho e dedicação das estagiárias.

Entrevista final: reaplicação do instrumento

Foram realizadas, novamente, as entrevistas individuais para reaplicação do instrumento de avaliação (Anexo 1). Nesse momento, as estagiárias puderam também se despedir dos participantes e apontar individualmente os progressos realizados por criança no decorrer dos encontros.

Avaliação da intervenção

Para a avaliação desse projeto, utilizou-se o *questionário O que eu sei sobre minha história?* (Anexo 1), que foi aplicado no início e ao final da intervenção. Foram realizadas também conversas formais e informais com os funcionários e diretora da instituição para o recebimento do *feedback* sobre o trabalho, além da avaliação sistemática sobre o andamento do grupo a cada sessão.

A análise de conteúdo dos dados levantados no questionário indica que os participantes, após a intervenção, demonstraram maior conhecimento e tranquilidade em falar sobre suas histórias de vida. Na primeira entrevista para a aplicação do instrumento, as crianças estavam agitadas e demonstraram algum desconforto, especialmente, em responder a questão relativa às suas famílias de origem. As respostas obtidas em maior frequência foram: “*Não sei*” ou “*Não tenho*”. Ao término da intervenção, na reaplicação do instrumento, foi possível observar que os participantes responderam todas as perguntas do

questionário, apresentando, além do senso de propriedade, calma, segurança e tranquilidade ao falarem sobre suas histórias.

Pode-se supor que a diferença apresentada nos resultados esteja intimamente relacionada com construção de um vínculo de confiança com as estagiárias e com a possibilidade que os participantes encontraram de elaborar uma história que fosse “suficientemente boa” para cada um. Guirado (2004) aponta que, em instituições de cuidado substitutivo, tais como orfanatos ou albergues, a correção do erro, a organização do caos e o suprimento da carência são as funções comumente atribuídas à prática institucional, fazendo, portanto, da carência e da marginalidade o eixo de sua presença como instituição. No caso da presente intervenção, os participantes puderam construir uma relação distinta com a própria história, pautada não sobre a carência ou o erro, e sim sobre o cuidado, a potencialidade e a esperança.

Ao final das sessões, as crianças mostraram-se muito satisfeitas com a realização do projeto, com o (re)conhecimento de sua história e com a criação de expectativas e metas positivas para o futuro.

Conclusões e sugestões

Esta intervenção mostrou o potencial de se trabalhar com narrativas de vida em distintos contextos institucionais. Nessa experiência, o trabalho desenvolvido por meio do *Livro da Vida*, favoreceu que os participantes pudessem conceitualizar e partilhar suas experiências, criando assim, não só um senso de autoria, mas também de pertencimento. Tempo e espaço se desdobraram quando cada participante pôde construir suas narrativas de vida; as crianças, ao ouvirem ou lerem suas narrações, escritos ou desenhos, tiveram a possibilidade de forjarem novos conceitos e significados para as suas experiências pessoais, integrando passado, presente e futuro.

O trabalho com narrativas de vida, além de ser potencialmente muito enriquecedor, apresenta-se como uma ferramenta extremamente flexível que pode ser desenvolvida com diferentes populações e contextos institucionais. No processo de planejamento da intervenção, há que estar atento às especificidades de cada população, para que o trabalho tenha o melhor aproveitamento possível. No contexto do presente projeto, a integração com o lúdico, por meio de jogos, brincadeiras, músicas e encenações, mostrou-se bastante útil para a elaboração das narrativas. A construção de um objeto pessoal, neste caso o Livro, também se configurou como uma possibilidade muito interessante que pode ser desenvolvida com diferentes populações que enfrentaram e enfrentam um processo de perda, ruptura, desenraizamento e desapropriação.

Um amplo leque de possibilidades se abre em um trabalho com narrativas de vida: o narrador como um arqueólogo ou um tecelão pode, junto com seus interlocutores, (re)visitar e (re)construir experiências e potencialidades. Os relatos permitem que os sujeitos, artesanalmente, criem e mapeiem o mundo próprio e compartilhado.

Referências bibliográficas

ATINKSON, R. *The life story interview*. London: Sage, 1998.

BACHELARD, G. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BRANDÃO, H. *O livro dos jogos e das brincadeiras*: para todas as idades. Belo Horizonte: Leitura, 1997.

DELORY-MOMBERGER, C. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. *Educação e Pesquisa* [Online], v. 32, n. 2, p. 359-371, 2006.

GIROUX, H.; MACLAREN P. Linguagem, escola e subjetividade: elementos para um discurso pedagógico crítico. *Educação e Realidade*, v. 18, n. 2, p. 21-35, jul./dez. 1993.

GUIRADO, M. *Instituição e relações afetivas*: o vínculo com o abandono. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

KAËS, R. *Espaços psíquicos comuns e partilhados*: transmissão e negatividade. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

LUCAS, D.; BRUNO, S. C. *Seu corpo, sua casa*. São Paulo: Letras e Expressões, 2002.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento*: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo; Rio de Janeiro: Hucitec; Abrasco, 2000.

SAFRA, G. Narrativa e aprendizagem (prefácio). In: PARENTE, S. M. *pelos caminhos da ilusão e do conhecimento: uma fundamentação teórica na clínica da aprendizagem a partir de D .W. Winnicott*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004a. p. 11-13.

_____. *A Po-ética na clínica contemporânea*. São Paulo: Ideias & Letras, 2004b.

SCHMIDT, M. Dimensões da elaboração da experiência pessoal e coletiva em comunidades tradicionais da Estação Ecológica Juréia-Itatins. *Interações: Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 2, n. 3, p. 67-76, 1997.

VOLPI, A. J. *Fotografia, narrativa e grupo: lugares onde pôr o que vivemos*. 2007. Tese (Doutorado) – Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, Universidade de São Paulo, São Paulo: 2007.

Anexo 1 - Instrumento de avaliação da intervenção

O que eu sei sobre minha história?

- 1) Qual é seu nome completo e data de nascimento?
- 2) Onde você nasceu (Estado e cidade)?
- 3) Quem faz parte da sua família?
- 4) Você tem irmãos?
- 5) Onde você morava antes de vir para cá (inserir o nome do albergue)?
- 6) Você mora nesta casa há quanto tempo?
- 7) Você saberia nos dizer o nome do bairro e da rua onde você está vivendo agora?
- 8) O que você mais gosta de fazer?
- 9) O que você menos gosta de fazer?
- 10) O que você quer fazer quando crescer?

7. Orientações sobre sexualidade para adolescentes

*Ana Lucia Ivatiuk
Ana Lucia Rinaldi Gullo
Juliana Fowler*

Introdução

A psicologia institucional é entendida por Bleger (1984) como um campo da psicologia que exige do psicólogo ser investigador da própria prática e da realidade social que se está vivendo em um dado momento.

No mundo pós-moderno, as transformações sociais, culturais e comportamentais são rápidas e evidentes, influenciando principalmente os adolescentes que já se deparam com suas próprias transformações e conflitos. O adolescente precisa lidar com as transformações e escolhas que lhe são próprias da idade, como o luto pelo corpo infantil e com isso a mudança do seu corpo, bem como a escolha de relacionamentos afetivos (ABERASTURY, 1983). Nesse contexto inserem-se, portanto as questões pertinentes à sexualidade. O auxílio nesse amadurecimento deveria ser, em primeira instância, organizado pela família, porém sabe-se que nem sempre os pais sentem-se preparados e o conseguem de fazer de maneira natural (MACHADO, 2008).

Diante das exigências e da competitividade do mundo moderno, os adolescentes brasileiros têm sobrevivido a um cotidiano permeado por inúmeras atividades, apresentando comportamentos específicos, ausentes nas gerações anteriores, como a fluidez ou navegação social.

Essa fluidez/navegação possui, como característica, a combinação de comportamentos pautados no grau de liberdade pessoal frente aos padrões estabelecidos pelas quais

convive e aos protocolos sociais. (GOMES et al., 2007, p. 498).

Além dessas problemáticas naturais que a maior parte das famílias enfrenta não se pode deixar de analisar a questão da classe social. Percebe-se nas populações de baixa renda que, com frequência, os temas relacionados com as questões socioemocionais, como os associados à expressão da sexualidade, muitas vezes estão envolvidos com situações relacionadas à violência e desinformação.

Um estudo sobre a elaboração de um projeto de promoção à saúde e desenvolvimento de adolescentes, dentro do Programa de Saúde da Família (PSF), em duas comunidades de baixa renda do Distrito Federal, aponta que a desinformação, o preconceito e a vergonha ainda dominam o cenário quando o assunto é a sexualidade e a saúde reprodutiva.

Não há dúvidas de que os adolescentes hoje falam mais sobre sexo com os pais do que algum tempo atrás [...] as conversas, contudo, transitam apenas pela superficialidade dos temas, não existe um aprofundamento destas questões, assim como não há esclarecimento sobre a necessidade de alguns cuidados antes da iniciação sexual e de conhecer os métodos contraceptivos (MUZA; COSTA, 2001, p. 5).

Além disso, a proporção de gravidez entre as adolescentes cresce ano a ano e a incidência de AIDS é cada vez maior entre os jovens e adultos jovens (SES-DF, 1999), evidenciando que o sexo desprotegido tem ocorrido precocemente, expondo esses adolescentes ao risco de uma gravidez não planejada ou à contaminação pelo HIV. “No Brasil, estima-se que a cada ano, quatro milhões de jovens tornam-se ativos sexualmente e que ocorram cerca de 12 milhões de DST ao ano, das quais, um terço em indivíduos com menos de 25 anos” (ALMEIDA et al., 2007, p. 103), evidenciando a necessidade de informação e conscientização deste público.

Refletir sobre a sexualidade é ir além do biológico. É compreendê-la como expressão afetiva, envolvendo emoções, sentimentos, atitudes, crenças e valores que representam um tempo, um espaço e uma cultura singulares.

Desenvolver um projeto de orientação sexual para adolescentes de população de baixa renda de uma capital do Brasil, numa instituição voltada para a divulgação da Doutrina Espírita possui também um caráter social. É importante assim promover a conscientização dos adolescentes, uma vez que os exemplos do ambiente familiar, vivenciados muitas vezes em meio à violência e ao abuso de substâncias psicoativas, favorecem a gravidez precoce e a contaminação por doenças, gerando assim, mais problemas sociais. Sendo assim, a presente intervenção visou promover a orientação sexual de um grupo de jovens, desenvolvendo a capacidade afetiva e o comportamento responsável ante sua sexualidade. O desenvolvimento dessa intervenção em forma grupal foi um facilitador para o alcance dos objetivos da intervenção.

Objetivos

Objetivo geral

- Facilitar a compreensão das mudanças que ocorrem na fase da adolescência, especialmente no âmbito da sexualidade, por meio do autoconhecimento e da interação grupal.

Objetivos específicos

- Ampliar o autoconhecimento dos participantes.
- Refletir sobre a adolescência e as características deste período.
- Desenvolver uma consciência crítica com relação aos comportamentos sexuais da juventude atual.
- Facilitar a tomada de decisões responsáveis a respeito da sexualidade.
- Prover orientações para a adoção de métodos contraceptivos.
- Conhecer as práticas de sexo protegido e conscientizar sobre a necessidade de adotá-las ao iniciar um relacionamento sexual.

- Apresentar as doenças sexualmente transmissíveis e as estratégias de prevenção e tratamento.

Método

População-alvo

O projeto foi desenvolvido com um grupo de adolescentes que frequentava uma instituição localizada na região de Santo Amaro, na capital de São Paulo. Essa instituição foi criada com o intuito de divulgar a doutrina Espírita, por meio da Evangelização, que acontece uma vez por semana, todos os sábados, em grupos organizados por faixa etária. A instituição também desenvolve trabalhos voltados à área social, pela arrecadação de alimentos e roupas, distribuição de cesta básica e confecção de enxoval para gestantes, com verbas provenientes de doações e eventos organizados para arrecadação de dinheiro.

A presença semanal das crianças e dos adolescentes no programa de evangelização garante o recebimento de uma sacola com alimentos e uma cesta básica mensal.

Após algumas visitas institucionais e sessões de observação das atividades desenvolvidas, identificou-se a necessidade de realização de um grupo de orientação sexual, com os adolescentes na faixa etária de 13 a 18 anos, que participavam do programa de evangelização dos jovens. A escolha por tal grupo se deu após as observações das estagiárias e as informações providas pelo voluntário responsável por essa atividade, que apontou o interesse do grupo em falar sobre o assunto e que ele não se sentia preparado para fazê-lo.

Os participantes pertenciam a famílias de baixa renda, nas quais a média de filhos é acima de dois. O grupo foi aberto, uma vez que a instituição não delimita o número de participantes nas atividades desenvolvidas. A média de participação foi de 13 adolescentes, por encontro.

Instrumentos

Foram utilizadas técnicas, dinâmicas e discussões para o desenvolvimento do autoconhecimento, da autoestima e ampliação de informação sobre aspectos relativos à sexualidade. Para avaliação da intervenção foi aplicado um questionário com perguntas relacionadas a atitudes e conhecimentos ligados a questões sexuais, no início da intervenção (pré-teste) e reaplicado no final do trabalho (pós-teste), visando verificar a evolução do grupo. O questionário aplicado é composto de dez questões, sendo nove fechadas com duas modalidades de resposta e uma aberta. O questionário está apresentado no Anexo 1. Também foi utilizada uma ficha de avaliação da intervenção (Anexo 2), adaptada de Castro (2006).

Duração

A intervenção foi realizada no período de agosto a novembro de 2008, totalizando doze encontros de uma hora de duração realizados aos sábados no horário das 16h30 às 17h30, durante as aulas de evangelização do grupo de adolescentes escolhido.

Desenvolvimento dos encontros

A intervenção foi desenvolvida por dois estudantes do último semestre do curso de Psicologia, no âmbito de estágio curricular e sob a supervisão da professora responsável, que orientou e acompanhou as atividades.

1º Encontro

Objetivos

- Estabelecer o enquadre.
- Promover o conhecimento e integração do grupo.

- Avaliar previamente algumas atitudes e conhecimentos do grupo relacionados a questões sexuais.

Desenvolvimento

Nesse primeiro encontro estavam presentes nove adolescentes. Inicialmente, aplicou-se o questionário com perguntas relacionadas a atitudes e conhecimentos ligados a questões sexuais (Anexo 1), com o intuito de avaliar melhor o que, de fato, os adolescentes conheciam a esse respeito. Alguns adolescentes tiveram dificuldade na leitura e realização do questionário e houve a necessidade do auxílio das coordenadoras do grupo. Após essa atividade foi estabelecido o enquadre que incluiu informações sobre quantos encontros seriam realizados, os horários e os assuntos que seriam tratados. Explicou-se sobre a questão do sigilo das atividades e da importância da frequência, mesmo que na instituição o caráter do grupo fosse aberto. Após isso, os adolescentes se apresentaram; porém, não foi possível, devido ao limite do tempo, realizar uma atividade de integração conforme planejado, pois para preencher o questionário inicial, levou-se mais tempo do que o previsto. Tal fato levou as coordenadoras a reavaliar a organização das atividades e o tipo de estratégias que poderiam ser utilizadas para que o grupo pudesse, de fato, ter uma participação adequada.

Em relação ao questionário aplicado, identificou-se que a questão em que os adolescentes apresentaram mais dúvidas foi em relação à prevenção de doenças sexualmente transmissíveis. Dos nove participantes, seis responderam que a AIDS era transmitida pela saliva. Diante disso e dos demais dados, comprovou-se a necessidade da realização da intervenção.

2º Encontro

Objetivo

- Ampliar o autoconhecimento e a integração dos participantes.

Desenvolvimento

Estiveram presentes 13 adolescentes para esse encontro. A atividade proposta foi *É a minha cara* (BALLEIRO; SERRÃO, 1999). Inicialmente realizou-se uma atividade imaginativa, na qual os participantes deveriam mentalizar um objeto com o qual se identificassem. Após esse primeiro momento, os participantes foram convidados a desenhar esse objeto no papel que lhes foi fornecido, porém foram orientados a não divulgarem e nem mostrarem o desenho para os demais. Após essa fase, os desenhos foram recolhidos. Na sequência, os desenhos foram apresentados ao grupo pelas coordenadoras, porém os seus autores não deveriam se identificar. Ao realizar isso, o intuito era que o grupo tentasse identificar o que no desenho mais chamava a atenção, ressaltando as características particulares e comuns ao grupo.

Foi mostrado o desenho de um avião, por exemplo, e surgiram colocações como: *“A pessoa deve ser rápida para fazer as coisas ou gostar de viajar, talvez seja ligada nos acontecimentos distantes, etc.”* O desenho de uma lâmpada acesa despertou comentários como: *“A pessoa é ligada em tudo, tem muita energia, quando ela está o ambiente fica mais alegre, é alguém que sabe das coisas...”* Após essa fase, cada um teve a oportunidade de falar sobre o seu desenho e sobre as colocações que foram realizadas por todos no grupo.

A atividade permitiu a reflexão sobre a dificuldade de olhar para si mesmo, identificando aspectos positivos e negativos da personalidade. Ao final da atividade foi perguntado se eles tinham gostado de participar da atividade, e a maior parte do grupo se mostrou interessada e participativa. É importante relatar que no início alguns participantes demonstraram certa resistência a desenhar, pedindo para que as estagiárias ou que os colegas fizessem o desenho por eles. Vendo que não seria permitido, fizeram os desenhos sem problemas.

3º Encontro

Objetivos

- Facilitar a discriminação dos valores pessoais.
- Despertar a consciência de si mesmo.

Desenvolvimento

No terceiro encontro estiveram presentes onze jovens. Para esta atividade as cadeiras foram organizadas em círculo, contendo o material (papel sulfite e lápis) que seria utilizado pela técnica *Eu sou alguém* (BALLEIRO;e SERRÃO, 1999). Cada participante pode escolher o local que queria sentar-se e se percebeu que eles preferiam sentar-se próximo daqueles com os quais tinham mais afinidade.

Solicitou-se, num primeiro momento, que cada um refletisse e fizesse uma lista com suas características pessoais; que listasse algumas qualidades e alguns defeitos que julgasse possuir e que tentasse encontrar no mínimo dez características. Concluída essa etapa, foi solicitado que virassem a folha e dividissem-na ao meio. A seguir, todos deveriam dispor as características listadas em duas colunas: as qualidades que julgavam facilitar sua vida e do outro lado as que dificultavam. Após essa etapa, foi aberta uma roda de discussão, a partir de algumas questões, como: “Qual qualidade você mais gosta? E a que mais lhe desagrada?”

A verbalização das qualidades deu-se um a um, seguindo a ordem da disposição dos participantes no círculo. Uma das estagiárias iniciou a verbalização falando da característica que apreciava em si e daquela que a desagradava. A seguir, abriu-se espaço para que cada um dos jovens se expressasse, perguntando se gostariam também de fazer esse relato. Todos participaram.

Alguns adolescentes ressaltaram que existem pessoas que apontam os defeitos dos outros e que raramente refletem sobre si mesmas.

O tema dos Jogos Olímpicos surgiu no grupo por meio da reflexão sobre superação, sobre a possibilidade de melhorar e ser capaz, citando exemplos de atletas que conseguiram bons desempenhos a partir de sua grande determinação.

Entre as qualidades mais citadas que facilitam a vida observou-se “ser amiga, inteligente e alegre”, enquanto “timidez e ser briguento” apareceram como as características que dificultam.

Alguns jovens escreveram qualidades que julgavam possuir e depois, negaram a qualidade apresentando o seu oposto. Por exemplo: “Respeito à família” em uma coluna e “Não respeito à família” na outra coluna, assim também com as características “calmo e briguento ou mal criado”, “inteligente e ignorante”, demonstrando a contradição presente nesta etapa do desenvolvimento.

Encerrou-se a atividade dizendo que todos possuem qualidades e defeitos. Pontuou-se que, às vezes, se tem facilidade em listar somente qualidades ou defeitos e que ao agir assim se tem uma visão parcial da pessoa. Percebeu-se que ao final da atividade o grupo encontrava-se mais agitado do que nos encontros anteriores.

4º Encontro

Objetivos

- Refletir sobre a adolescência e as características deste período.
- Desenvolver a percepção de que o processo de adolescência é comum a todos.

Desenvolvimento

Participaram desse encontro treze adolescentes. No início, foi realizada uma retomada sobre os encontros anteriores, lembrando os temas que haviam sido abordados, como autoconhecimento, características pessoais, individualidade. Explicou-se, então, que nesse

momento ir-se-ia trabalhar um assunto característico da idade que eles se encontravam. Para a atividade foi solicitado que os participantes se dividissem em dois grupos, e estes foram formados por proximidade física.

Na sequência, foram distribuídas revistas variadas, tesouras, cola e lançada a proposta de que elaborassem um cartaz com o tema *Ser adolescente* (BALLEIRO; SERRÃO, 1999). Na confecção do cartaz, os jovens não discutiram, nem buscaram acordos sobre quais figuras iriam colocar.

Na etapa seguinte, os participantes foram solicitados a explicar os cartazes, a partir das figuras escolhidas e utilizadas. Quando questionados a respeito das figuras escolhidas, os jovens mostraram-se pouco participativos com exceção de duas ou três adolescentes que se expressaram de maneira significativa. Os assuntos mais presentes nos cartazes foram: esportes, carros, motos, artistas de novelas. Alguns comentaram sobre situações mais específicas e de relacionamento, como: *“Ser adolescente é ter amigos, é namorar, querer ser bonita, fazer ginástica, malhar.”* Percebe-se que os participantes demonstraram muito mais o que seria essa fase da vida por meio de situações que podem conquistar.

Ao final do encontro foram feitas considerações sobre o tema, questionando os participantes sobre o significado de ser jovem para outros grupos de adolescentes: aqueles que vivem em outras regiões do país, um grupo de índios adolescentes, jovens em situação de rua, jovens de classe socioeconômica alta, etc.

5º Encontro

Objetivo

- Discriminar como se processa a autoestima dos adolescentes por meio de situações concretas.

Desenvolvimento

Estiveram presentes 12 adolescentes para este encontro. Foi aplicada inicialmente uma dinâmica de aquecimento na qual um dos participantes sai da sala e tem que adivinhar quem é o líder do grupo. O líder, escolhido previamente, faz gestos que são imitados pelos demais adolescentes. A dinâmica permitiu uma reflexão sobre o agir impensadamente ao adotar atitudes e comportamentos dos outros, sem refletir sobre o que se faz, reforçando a responsabilidade pelas escolhas.

Em seguida, iniciou-se o *Jogo da autoestima* (BALLEIRO; SERRÃO, 1999), indagando o grupo sobre o significado da palavra “autoestima”. Em geral, consideram a expressão como sendo o valor que a pessoa atribui a si mesmo, o quanto gosta de si, o quanto julga merecer da vida, como elogios, coisas boas, etc. Após essa discussão inicial, foram distribuídas folhas de papel sulfite para cada participante, com a instrução de que aquela folha de papel representaria a autoestima de cada um. A atividade consistia em rasgar pedaços da folha na medida em que considerasse que sua autoestima havia sido abalada diante das frases que seriam lidas. O tamanho do papel a ser rasgado também variaria de acordo com a intensidade em que a autoestima havia sido afetada. As frases lidas foram:

- Seu(sua) namorado(a) terminou o namoro sem lhe dar nenhuma explicação.
- Seus (suas) amigos (as) combinaram uma ida ao cinema, mas esqueceram de convidá-lo(a).
- O professor criticou seu trabalho perante a turma toda.
- Seus pais disseram que você os envergonha.
- Você tirou notas muito baixas na escola.
- Um(a) menino(a) de quem você gosta recusou seu convite para sair.

- Um grupo de colegas zombou de você por causa de sua roupa ou de seu penteado.
- Surgiu um boato sobre a sua reputação.
- Sua equipe perdeu um jogo importante.
- Seus tios proibiram seu (sua) primo(a) de sair com você por considerá-lo(a) má companhia.

Passou-se então, a analisar o tamanho de papel que cada um ficou e como se sentiam diante do fato. Com essa dinâmica, pode-se elaborar, conjuntamente, que é fundamental atribuir valor a si mesmo no processo de desenvolvimento, assim como também, é importante poder reconhecer qualidades positivas e negativas.

As frases que mais afetaram a autoestima dos adolescentes foram:

- Seu(sua) namorado(a) terminou o namoro sem lhe dar nenhuma explicação.
- O professor criticou seu trabalho perante a turma toda.
- Seus pais disseram que você os envergonha.
- Um(a) menino(a) de quem você gosta recusou seu convite para sair.
- Um grupo de colegas zombou de você por causa de sua roupa ou de seu penteado.

O jogo permitiu concluir, conjuntamente, que é fundamental atribuir valor a si mesmo no processo de desenvolvimento, assim como facilitou o reconhecimento das qualidades positivas e negativas. Os adolescentes relataram interesse em fazer mais atividades como a que foi proposta para esse encontro.

6º Encontro

Objetivo

- Discriminar o que os adolescentes conhecem sobre ficar, paquerar e namorar e suas respectivas implicações afetivas.

Desenvolvimento

Nesta intervenção participaram 21 adolescentes; seis deles compareceram pela primeira vez aos encontros. Como havia participantes novos, além da retomada inicial realizada em cada encontro, procurou-se informá-los um pouco mais sobre os objetivos do projeto. A seguir, passou-se à proposta do encontro do dia, e inicialmente foi realizada uma atividade de aquecimento, organizada para esse grupo, que foi intitulada *Mímica sobre os fatos da vida*. O grupo foi dividido em duas equipes que foram denominadas por eles de: “Largados” e “Vencedores”.

Depois de decidir quem iniciaria a atividade (par ou ímpar), foi solicitado que um dos participantes saísse da sala, acompanhado da estagiária. A ele foi entregue um papelzinho no qual estava escrito uma determinada situação de vida, que ele deveria representar por meio de mímica, para a sua equipe. Todos da equipe poderiam verbalizar qual situação estava sendo representada; a equipe ganharia um ponto, assim que acertasse a situação dramatizada. Foram dramatizadas as seguintes situações:

- Andar de ônibus.
- Ligar para o namorado.
- Passear no shopping.
- “Ficar” na festa.
- Paquerar no shopping.
- Dançar na festa.
- Comer um sanduíche.
- Lavar louça.
- Varrer o chão.
- Andar de bicicleta.

Depois das dramatizações e da contagem de pontos, discutiu-se cada uma delas, tentando-se trazer fatos da rotina dos jovens. Destacaram-se, então, três situações que se tinha como objetivo refletir conjuntamente: “Ficar”, “Paquerar” e “Namorar”.

Os conceitos “Ficar, Paquerar e Namorar” (SILVA, 2002) foram escritos na lousa e em seguida foram distribuídos papéis com as seguintes características:

- Relação afetiva sem compromisso.
- Compromisso.
- Fidelidade.
- Durabilidade.
- Acontece por minutos ou horas.
- Normalmente é só um beijo.
- Superficialidade.
- Relacionamento marcado pela afetividade.
- Predisposição para ouvir e aceitar o outro.
- Compromisso estabelecido pelo próprio casal.
- Compartilhar atividades de lazer, aprendizado a respeito do outro, convivência.
- Carinho, troca de beijos e abraços.
- Raiva, ciúme e outros sentimentos estão presentes.
- Relação de amor se constrói no dia a dia. É uma conquista.
- Responsabilidade pela qualidade do relacionamento amoroso é de ambos os parceiros.
- Vínculo amoroso com responsabilidade.
- Estar de olho.
- Estar ligado.
- Ter interesse.
- Ficar por vezes seguidas, sem começar a namorar.
- Vem do verbo enrolar, por causa da situação, que é indefinida.

Após a distribuição dos papéis, foi solicitado que cada participante fizesse a leitura do conteúdo do papel que recebeu fixando-o na coluna que considerasse como representando o conceito. A atividade desencadeou discussão a respeito do fato de que algumas características poderiam estar presentes em várias colunas, ou seja, associadas a vários conceitos, por exemplo: “Ter interesse”, “carinho” e “troca de beijos e abraços”. O grupo discutiu bastante a atividade, interagindo e precisando de várias intervenções por parte das coordenadoras da atividade.

Nesse dia, o grupo estava bastante heterogêneo quanto ao alcance intelectual, idade e modos de vida. As estagiárias sentiram uma dificuldade maior em conduzir as atividades também, talvez pelo número maior de participantes. A comunicação entre eles também se processou de maneira um pouco diferente dos encontros anteriores.

7º Encontro

Objetivo

- Refletir sobre a adolescência, seus ganhos e suas perdas, descobrindo diferenças e semelhanças entre as experiências individuais.

Desenvolvimento

Nesse encontro estiveram presentes 13 participantes. Foi realizada uma atividade denominada *Passado, Presente e Futuro*, cujo objetivo era fazer os jovens perceberem que a construção do futuro depende das vivências e escolhas do passado e do presente.

Foram distribuídos para os participantes papel e lápis e solicitado que dividissem a folha em três partes colocando em cada espaço os títulos: Passado, Presente e Futuro. A seguir foi proposto que representassem por meio de desenho o que gostariam em cada etapa da vida. Quando

todos terminaram, pediu-se que cada participante expusesse seus desenhos, explicando seu significado.

Após o término das apresentações foi proposto que visualizassem os campos do Presente e do Futuro, que desenhassem uma ponte entre esses dois momentos e que escrevessem sobre esta ponte o Título: *Projeto de vida*. Nesse momento foi feita uma reflexão sobre ações que possibilitariam alcançar suas metas futuras.

No fechamento da atividade discutiu-se sobre a distância entre presente e futuro e os projetos de vida que possibilitariam o enfrentamento das condições adversas, refletindo o futuro como uma consequência das escolhas feitas no presente.

Os adolescentes conseguiram relacionar seus sonhos de futuro com ações que iniciariam no presente verbalizando, por exemplo, que para ter um carro ou uma casa no futuro, deveriam estudar, evoluir e trabalhar no momento presente.

8º Encontro

Objetivo

- Facilitar a tomada de decisões responsáveis a respeito da sua sexualidade.

Desenvolvimento

Nesse encontro estiveram presentes dez participantes. Inicialmente, foi distribuído o material (papel Kraft, lápis de cor, giz de cera, canetas) e solicitado que fizessem o desenho de um jovem do sexo masculino e de uma adolescente do sexo feminino. Pediu-se que colocassem detalhes que representassem esta fase da vida retratando elementos como moda, objetos, acessórios, enfim o que eles próprios usam.

Quando terminaram, solicitou-se que escolhessem um nome para seu personagem, atribuindo idade, modo de vida. Os desenhos foram

fixados na parede e foi conversado sobre o modo de ser adolescente. Em seguida realizou-se a leitura da *História de Bruna*, texto extraído de Silva (2002), cujo original se intitula *História de Camila*. O grupo optou por trocar o nome da personagem de Camila por Bruna.

Após a leitura apresentaram-se algumas questões, incentivando discussões. As questões apresentadas foram:

- Quem teria que pensar na concepção? Bruno ou Bruna?
- Como eles poderiam se prevenir?
- Como vocês encaram a atitude da mãe de Bruna?
- Quais seriam as opções de Bruna?
- O que vocês consideram da atitude de Bruno?
- O que vocês consideram que Bruna fez quando Bruno se recusou a usar o preservativo?
- O que vocês consideraram da afirmação de Bruno quanto a não ser homossexual nem tomar drogas e, portanto, não ter AIDS?

No encerramento da atividade destacou-se que os acontecimentos abordados ocorrem com grande frequência. As atividades tiveram participação de todos. O texto foi ouvido com interesse e suscitou polêmicas e debates. Sentimos que as atividades proporcionaram clima e condições para reflexão. Nas discussões, muitas vezes, os participantes falavam juntos sem que fosse possível compreender o que diziam.

Houve momentos em que foram observadas discussões em duplas, principalmente entre as meninas, como *“Fazer aborto? Dá medo de morrer! A mãe dela vai matar ela! Como termina essa história?”* No entanto, não foram feitas intervenções por parte das estagiárias em comentários que não foram expostos ao grande grupo.

Um dos adolescentes relatou que seu pai já havia sido preso por não ter pago a pensão alimentícia ao filho. O grupo participou intensamente, principalmente após a leitura do texto.

9º Encontro

Objetivo

- Conscientizar os adolescentes sobre os métodos contraceptivos naturais e não naturais.

Desenvolvimento

O encontro iniciou-se com a realização da técnica *Verdades e mentiras* (SILVA, 2002). Os onze participantes receberam três cartões com as inscrições: V (Verdade), F (Falso), D (Dúvida), sendo que deveriam apresentar o cartão que julgassem o correto, após a leitura de cada afirmativa:

- Transar em pé não engravida.
- A mulher pode engravidar desde sua primeira menstruação.
- Fazer xixi logo depois de transar evita a gravidez.
- Propor o uso da camisinha é obrigação do homem.
- Uma ducha na vagina após a relação dá para evitar a gravidez.
- A relação sexual com a mulher menstruada evita a gravidez.
- A mulher só engravida se tiver orgasmo.
- Tem pílula que se toma dia sim, dia não.
- O diafragma é um método anticoncepcional que se encontra nas farmácias.
- Todo homem sabe usar corretamente camisinha.
- Todas as pessoas devem ter acesso a informações e a programas de saúde de qualidade.
- A camisinha previne a AIDS /DST e também evita a gravidez.

Após a escolha de cada um e a discussão no grande grupo, passou-se para uma exposição dialogada sobre métodos contraceptivos. O tema foi subdividido em: Métodos não naturais (camisinha, camisinha

feminina, diafragma, DIU, pílula, pílula do dia seguinte, métodos cirúrgicos) e Métodos naturais (tabelinha, interrupção do coito).

Os adolescentes do grupo verbalizaram o desconhecimento da forma de utilização da camisinha feminina, solicitando a demonstração do método para o encontro seguinte.

Nesse momento foram discutidos com os participantes os seguintes pontos:

- Se você decide ter relação sexual e não deseja ter filhos, tem que se preparar **antes** para evitar engravidar.
- Pensar “comigo não vai acontecer”, “hoje não deve ser dia fértil” é errado. A maioria das garotas que engravida acha que com “elas” não vai acontecer.
- Se não estiver usando método anticoncepcional algum e ocorrer uma relação, é bem provável que a mulher engravide.
- Há casos raros em que uma mulher virgem engravida (mesmo sem o rompimento do hímen), se o homem ejacular na entrada da vagina e ela estiver no seu período fértil.
- Não engravidar sem o uso de algum anticoncepcional é pura sorte.
- Para fazer um bebê são necessárias duas pessoas. O rapaz é tão responsável quanto à garota e devem conversar juntos sobre a decisão de como evitar filhos.
- Se resolver começar a ter vida sexual, terá que escolher o método anticoncepcional **antes** de ter a primeira relação.
- Ir ao ginecologista, sozinha, com a mãe ou com o namorado, antes de começar a usar qualquer método anticoncepcional é o melhor. O médico fará a orientação da escolha do método. O importante é que este seja seguro, não atrapalhe o prazer e que o casal esteja de acordo.

As atividades despertaram a atenção e o interesse dos adolescentes. As técnicas escolhidas possibilitaram um clima de descontração e de liberdade para a exposição de dúvidas, ideias preconcebidas e sentimentos. Os assuntos foram discutidos com seriedade por todos. Um dos participantes solicitou que no próximo encontro fosse levada uma camisinha para que fossem demonstrados os procedimentos de uso corretos.

10º Encontro

Objetivo

- Conscientizar sobre o risco das doenças sexualmente transmissíveis.

Desenvolvimento

O encontro foi iniciado com a dinâmica *Os autógrafos* (SILVA, 2002), com o objetivo de aquecimento para a atividade sobre doenças sexualmente transmissíveis, sensibilizando os participantes para a possibilidade de cadeias de contaminação.

Para a dinâmica, foram distribuídas papeletas e caneta para todos os participantes, que se posicionaram sentados em círculo. No verso das papeletas, havia marcações diversas: algumas estavam marcadas um “c”, outra o sinal “+” e uma com a mensagem “Não participe”. Foi entregue uma folha a cada participante e solicitado que todos escrevessem seu nome no início da folha e, em seguida, colhessem três autógrafos legíveis, de outras pessoas do grupo. Após todos recolherem as assinaturas, pedimos que a pessoa que tinha um “+” na papeleta se levantasse, explicando que, na atividade, ela representaria uma pessoa que fosse soropositiva para o HIV. Foi solicitado que os participantes que tinham o nome dessa pessoa se levantassem também, supondo que a pessoa soropositiva teve relações com todas as pessoas que têm o seu

autógrafo. Em seguida, perguntou-se aos participantes se havia algum “c” em suas papeletas, explicando que quem o tem é porque usou camisinha em suas relações sexuais e, portanto, não se contaminou. Pediu-se que o participante com a mensagem “Não participe” mostrasse a mensagem para o grupo, simbolizando que a pessoa não manteve relações com ninguém e, portanto, não correu risco algum de contrair o HIV. O grupo participou interessado, destacando-se a adolescente que estava com a papeleta com o sinal de “+” que ficou constrangida e envergonhada quando foi revelado que ela seria a suposta soropositiva para o HIV.

Após essa fase da atividade, iniciou-se uma atividade sobre a AIDS, com o objetivo de levantar as informações conhecidas pelos participantes, informando os adolescentes corretamente sobre o que é a AIDS, suas formas de transmissão e prevenção. Para a atividade, o grupo foi dividido em dois subgrupos. Foram distribuídas tiras de cartolina já preenchidas com as seguintes frases:

Uso de seringas e agulhas não descartáveis.

Sexo anal.

Usando os mesmos talheres.

Sexo vaginal.

Exigindo teste no sangue doado para transfusões.

Transplante de órgãos e tecidos.

Carícias.

Repartindo toalha.

Desinfetar agulhas e seringas, com cândida e água, pelo menos, duas vezes consecutivas.

Contato com o sangue e seus derivados.

Beijo.

Comendo da mesma comida.

Usando a mesma privada.

Sexo oral.

Não dividir agulhas e seringas.
Bebendo no mesmo copo.
Usar camisinha em todas as relações sexuais.
Respirando o mesmo ar.
Na gravidez, no parto e na amamentação.
Abraço.
Picada de insetos.
Usando o mesmo batom.
Utilização coletiva de seringas e agulhas por usuários de drogas injetáveis.
Usando a mesma roupa.
Aperto de mão.
Sentando no banco de ônibus.
Cuidando de pessoas contaminadas.
Tomar injeções e vacinas, utilizando sempre de agulhas e seringas descartáveis.
Repartindo sabonete.
Nadando na mesma piscina.

Os participantes deveriam organizar as frases, colando-as na lousa, de acordo com o quadro desenhado, conforma modelo abaixo:

Pode-se pegar AIDS	
Formas de prevenção	
Não se pega AIDS	

Após todos colarem suas tiras de cartolina, foi realizada a leitura do quadro, corrigindo os erros e deslocando o que havia sido colocado no lugar errado para a coluna certa. Foram esclarecidas as dúvidas, mitos e preconceitos, enfatizando também a diferença de ser portador do vírus HIV e apresentar os sintomas (AIDS). Procurou-se enfatizar a importância do uso do preservativo, como único meio de prevenir doenças sexualmente transmissíveis, demonstrando passo a passo, por

meio de um cartaz com figuras, a forma correta de utilização do preservativo masculino e feminino.

Os adolescentes participaram interessados, apresentando dúvidas e discutindo sobre o assunto com os colegas. Alguns demonstraram conhecimento prévio sobre o assunto, verbalizando que havia Orientação Sexual na escola; porém muitos apresentaram dúvidas sobre as formas de contaminação. Assim como no encontro anterior, a participação foi intensa pela maior parte do grupo.

11º Encontro

Objetivos

- Avaliar algumas atitudes e conhecimentos do grupo relacionados a questões sexuais, após a realização da intervenção.
- Avaliar a intervenção realizada com o grupo.

Desenvolvimento

Nesse encontro, foi aplicado o questionário com perguntas relacionadas a atitudes e conhecimentos ligados a questões sexuais (Anexo 1), com o intuito de avaliar melhor o que os adolescentes pensam a este respeito após terem participado do programa proposto. Além disso, foi também aplicada uma ficha de avaliação da intervenção (Anexo 2), com o qual se procurou avaliar as atividades desenvolvidas ao longo dos dez encontros. A intervenção foi avaliada pelo grupo de forma positiva, conforme a frase de uma adolescente do grupo: *“Eu achei muito legal e interessante, porque nós aprendemos brincando, as atividades eram brincadeiras para saber mais, como assunto de sexualidade e os cartazes foram muito legais.”*

Para a realização dessas atividades ressaltamos a importância de que as respostas expressassem as opiniões sinceras de todos. Alguns

participantes necessitaram auxílio para a compreensão e redação das respostas. A maioria mostrou interesse pela atividade.

12º Encontro

Objetivos

- Realizar o encerramento das atividades de intervenção.
- Promover a despedida do grupo.

Desenvolvimento

Os participantes sentaram-se em círculo e foram distribuídos uma folha de papel sulfite e lápis colorido para cada um. Foi pedido que iniciassem um desenho qualquer na folha. Após alguns instantes, foi solicitado que interrompessem no ponto em que estavam e passassem o desenho para o colega sentado à esquerda.

O procedimento foi repetido várias vezes até que o desenho inicial voltasse para quem o iniciou.

A atividade permitiu o fechamento da intervenção realizada e a despedida do grupo, refletindo-se que as pessoas que passaram e passarão pelas vidas umas das outras, sempre deixarão marcas, permitindo a troca de experiências e acrescentando algo em cada um.

Ao final dessa atividade, o voluntário que coordena o grupo na instituição e que participou de alguns encontros junto com eles, solicitou que cada participante verbalizasse suas impressões e seus sentimentos a respeito do projeto realizado. As principais colocações foram: *“Pena que acabou”, “Foi bem legal”, “Vou sentir muita falta”, “Por que não continua?”*

No fechamento foi realizada uma Dramatização, com o tema: *Daqui 20 anos*. Uma adolescente representou um diálogo com a estagiária, colocando-se no futuro. A adolescente se projetou casada, com quatro filhos, trabalhando como diarista em casa de família. Quando

questionada sobre seus estudos disse que havia estudado, que ainda escrevia poesias e gostava muito de ler. Disse que era feliz e que tudo estava bem.

A atividade permitiu a observação do quanto é difícil, para os jovens dessa comunidade, sonharem com uma melhor condição de vida, com um futuro diferente do vivido pelos seus pais. Apesar de estudarem e terem como meta prosseguir nos estudos, os jovens não se veem com outra condição, nem com melhor qualidade de vida no futuro.

Avaliação da intervenção

Para avaliar a intervenção foi utilizado um questionário sobre questões relacionadas à sexualidade, que foi aplicado no primeiro encontro (pré-teste), e reaplicado no penúltimo encontro (pós-teste). A tabela 1 apresenta os resultados dos nove sujeitos que participaram regularmente da intervenção.

Tabela 1. Porcentagem de respostas às questões do questionário, obtidas antes (pré-teste) e após a intervenção (pós-teste)

Questão	% Pré-teste	% Pós-teste
Q1. Pensam a adolescência como a melhor fase da vida.	67%	50%
Q1. Sentem dificuldade em se adaptar a tantas mudanças.	33%	50%
Q2. Sentem vergonha ao serem zombados pela roupa.	22%	67%
Q2. Não se aborrecem com a opinião dos outros, pois têm estilo próprio de se vestir.	77%	33%
Q3. Sentem-se bem com o próprio corpo.	100%	100%
Q4. Consideram que as pessoas gostam deles pelas suas qualidades.	100%	100%
Q5. Gostariam de ser outra pessoa.	11%	25%
Q5. Não querem ser outra pessoa.	88%	75%
Q6. Atribuíram a recusa do convite ao fato de não serem bonitos(as).	22%	8,33%
Q6. Não ligaram para a recusa do convite.	77%	91,66%
Q7. Acreditam que a AIDS pode ser transmitida pela saliva.	67%	16,67%
Q7. Não acreditam que a AIDS possa ser transmitida pela saliva.	33%	83,33%
Q8. Acreditam que só a mulher deve se preocupar em evitar a gravidez.	22%	33%
Q8. Não acreditam que só a mulher deva se preocupar em evitar a gravidez.	77%	67%
Q9. Pensam que a tabelinha é a melhor maneira de prevenir a gravidez.	22%	16,67%
Q9. Discordam quanto à tabelinha ser a melhor maneira de prevenir a gravidez.	77%	83,33%

Contatou-se que o aumento da consciência das responsabilidades que a fase da adolescência acarreta, proporcionado pela intervenção, provavelmente foi o que tornou essa etapa da vida menos atraente para estes jovens. Essa hipótese pode estar relacionada à maior dificuldade para se adaptarem às mudanças dessa fase, dado que essa resposta obteve maior indicação no pós-teste.

Sentir vergonha ao ser zombado pela roupa teve um aumento significativo no pós-teste, talvez indicando maior disponibilidade, após a intervenção, para expor seus conflitos e temores. Houve também, no pós-teste, uma maior incidência de respostas relativas a querer ser outra pessoa, o que pode estar relacionado ao fato de a intervenção ter facilitado a tomada de consciência dos defeitos e dificuldades. Entretanto, esse dado é de certa forma incoerente com o fato de todos (100%) se sentirem bem com o próprio corpo, tanto antes quanto

depois da intervenção. Logo, talvez o desejo de mudança não diga respeito a questões corporais, mas sim a questões psicológicas ou sociais.

Outra questão que também obteve 100% de afirmação em ambas as aplicações, foi a relacionada com a autoestima, porém ela pode não ter sido bem formulada e por isso os participantes não a discriminaram de forma adequada.

Foram observadas alterações nas respostas relacionadas à transmissão de AIDS e ao uso da tabelinha como método de prevenção da gravidez, certamente em decorrência da aquisição de novos conhecimentos durante os encontros. Ao final da intervenção, a porcentagem de respostas corretas foi maior.

Com relação à definição de “ficar” no pós-teste, as concepções permaneceram as apresentadas no pré-teste, como por exemplo: “beijar alguém um dia só”, “namorar por um dia”, “não namorar sério”, “beijinho e abraço” e “conhecer alguém que está gostando”.

Segundo os dados obtidos o projeto atingiu os objetivos propostos de facilitar a compreensão das mudanças que ocorrem na fase da adolescência, especialmente no âmbito da sexualidade, por meio do autoconhecimento e da interação grupal.

Em relação à avaliação da intervenção, conforme a ficha de avaliação (Anexo 2) aplicado para esse fim, os participantes avaliaram de forma positiva os temas desenvolvidos, e alguns apontaram que era um tema que tinham pouco conhecimento e puderam aprender melhor e agora estavam mais bem informados sobre questões relacionadas à sexualidade.

Como sugestão de temas, o grupo teve pouca compreensão sobre o que isso significava e sugeriram passeios e brincadeiras. Apenas um participante citou o tema drogas. Sobre a metodologia utilizada, a maioria gostou das atividades desenvolvidas e apontou que é melhor e mais fácil aprender dessa forma.

Quando questionados sobre os pontos positivos e negativos, em relação ao primeiro, apontaram que puderam aprender melhor sobre o tema que era discutido no grupo e também sobre as atividades realizadas. Já em relação aos negativos, apontaram que muitas vezes a “*bagunça*” realizada pelos colegas atrapalhou, fazendo-os não poder prestar atenção ou ouvir tudo que fora proposto. De outro modo, conseguiram discriminar mudanças, apontando que o grupo fez que com amadurecessem e que agora sabem mais sobre sexualidade e os assuntos relacionados a ela, do que antes dessas atividades.

Conclusões e sugestões

A situação de extrema pobreza, característica do grupo-alvo, acaba por tornar esses jovens vulneráveis e mais sujeitos a desencantos e incertezas em relação ao futuro, com mais dificuldade de se autoconhecerem e se relacionarem, afetivamente ou sexualmente, com seus iguais. Muitos são vítimas de violência doméstica, de discriminação pela sua aparência física, pela condição racial, pela maneira como se vestem, entres outros aspectos.

Além desses aspectos, é importante acrescentar que a adolescência é um período de reorganização pessoal e social que se inicia, na maioria das vezes, com contestações, rebeldias, rupturas, inquietações, podendo passar por transgressões, para desembocar numa reflexão sobre os valores, a sociedade e o próprio existir no mundo. Essa fase caracteriza-se por uma crise de identidade na qual os jovens se debatem entre questionamentos relativos ao corpo, aos valores existentes, às escolhas que devem fazer. E isso se demonstra a partir das mudanças sexuais que ocorrem nessa etapa da vida, influenciadas por aspectos culturais, psicológicos e orgânicos.

Nesse sentido, além de prover informação sobre questões sexuais, é fundamental desenvolver nos jovens a autoestima, a imagem corporal e a autoaceitação, permitindo a expressão de sua sexualidade,

compartilhando inseguranças e dúvidas resultantes das transformações desse período do desenvolvimento.

Os resultados alcançados pelo projeto foram avaliados pelo próprio grupo como positivos. As orientações permitiram explorar questões relacionadas à tomada de decisões, escolhas, comunicação, percepção e valores pessoais diante da sexualidade, possibilitando crescimento e mudanças nos jovens.

Um dos participantes apresentou a sugestão de se discutir o tema “Drogas”. Essa sugestão reforça a influência do uso e abuso destas substâncias no meio em que vivem e da necessidade de se discutir esta questão com estes jovens.

O projeto permitiu ainda a reflexão dos jovens para criar, descobrir, crescer, desenvolver seu potencial de transformação pessoal e sua capacidade de resistir e superar situações adversas em direção ao crescimento e desenvolvimento pessoal e social.

Referências bibliográficas

ABERASTURY, A. *Adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

BALLEIRO, M. C.; SERRÃO, M. *Aprendendo a ser e a conviver*. São Paulo: FTD, 1999.

BLEGER, J. *Psico-higiene e psicologia institucional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

CASTRO, N. T. Ficha de avaliação de processo de intervenção, 2006. Não publicada.

MACHADO, A. P. F. Orientação Familiar. In: MAZIERO, J. R. H. *Oficinas de sexualidade para adolescentes sob o enfoque comportamental*. Santo André: ESETEC, 2008. p. 17-27.

MUZA, G. M.; COSTA, M. P. Elementos para elaboração de um projeto de promoção à saúde e desenvolvimento dos adolescentes: o olhar dos adolescentes. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 18, n. 1, p. 321-328, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/prc>>. Acesso em: 4 abr. 2009.

OLIVEIRA, D. C. et al. “Pegar”, “ficar” e “namorar”: representações sociais de relacionamentos entre adolescentes. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 60, n. 5, p. 497-502, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/prc>>. Acesso em: 28 jul. 2009.

SES-DF (Secretaria de Estado de Saúde do Distrito Federal). *Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos (SINASC) e Boletim de Informações sobre DST/AIDS*. Brasília: Departamento de Saúde Pública, Secretaria de Saúde do Distrito Federal, 1999.

SILVA, R. C. *Metodologias participativas para trabalhos de promoção de saúde e cidadania*. São Paulo: Vetor, 2002.

SOUZA, M. M. et al.. Programa educativo sobre sexualidade e DST: relato de experiência com grupo de adolescentes. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 60, n. 1, p. 102-105, 2007.

Anexo 1 - Questionário de avaliação da intervenção

Questionário

Responda às perguntas, assinalando uma das opções:

1. O que você pensa sobre a adolescência?

- ☐ É a melhor fase da vida.
- ☐ É difícil se adaptar com tantas mudanças.

2. Um grupo de colegas zombou de você por causa de sua roupa. Como você se sente?

- ☐ Muito envergonhado(a).
- ☐ Não se aborrece, pois você tem um estilo próprio de se vestir.

3. Você se sente bem com seu corpo?

- ☐ Sim
- ☐ Não

4. As pessoas gostam de você pelas suas qualidades?

- ☐ Sim
- ☐ Não

5. Você gostaria de ser outra pessoa?

- ☐ Sim
- ☐ Não

6. Um(a) menino(a) de quem você gosta recusou seu convite para sair. Como você se sente?

- ☐ Mal, acha que ele(a) recusou o convite porque você não é bonito(a).
- ☐ Não liga, e em outra oportunidade, convida novamente.

7. Você acha que a AIDS é transmitida pela saliva?

- ☐ Sim
- ☐ Não

8. Você acredita que só a mulher deve se preocupar em evitar a gravidez?

☐ Sim

☐ Não

9. A melhor maneira de prevenir a gravidez é a tabelinha?

☐ Sim

☐ Não

10. Como você explicaria para um colega que mora em outro país, o que é o “ficar”?

Anexo 2 - Avaliação da intervenção

Instruções:

Este questionário foi elaborado pelas estagiárias. Tem como objetivo avaliar o trabalho realizado, com o intuito de aprimorá-lo. Solicitamos a sua colaboração para responder o mais sinceramente possível às perguntas abaixo.

Muito obrigada!

1. O que você achou dos temas das oficinas desenvolvidas pelas estagiárias?

2. Teve algum tema que você gostaria que tivesse sido abordado?
(Marque X)

Sim ☐ Não ☐

3. Em caso afirmativo, qual tema você gostaria de sugerir?

4. O que você achou do modo como foram realizadas as atividades?

5. O objetivo do trabalho realizado foi facilitar a compreensão das mudanças que ocorrem na fase da adolescência, especialmente no âmbito da sexualidade, através do autoconhecimento e da interação grupal. Você considera que o trabalho realmente proporcionou os objetivos acima propostos.

Sim () Não ()

6. Indique pontos positivos e negativos a respeito do trabalho realizado.

7. Indique mudanças ou comentários positivos e negativos observados no comportamento dos adolescentes que podem ser atribuídos à intervenção?

8. Em caso afirmativo, quais mudanças você observou?

8. Fortalecimento do vínculo entre pais e filhos

Yone Xavier Felipe da Fonseca

Elaine Cristina Dias Feitoza

Márcia Ferreira de Lima

Introdução

Na maioria das vezes, o trabalho de orientação a pais ocorre durante o processo de atendimento infantil, que pode ser um psicodiagnóstico ou ludoterapia. Nessas situações, os pais procuram o psicólogo para avaliação, pois eles têm uma queixa específica. Entretanto, no dia a dia observa-se que os pais enfrentam dificuldades para educar e criar seus filhos. A experiência é aprendida de geração em geração, por ensaio e erro. Observa-se na sociedade, a cada dia, a mudança das características e das funções da família.

Em termos de desenvolvimento humano é necessário considerar o indivíduo e seu meio, e não ambos como fatores isolados. Podemos conceituar a importância do afeto na vida de um indivíduo, por meio da teoria do apego. Segundo Bowlby (1976) a teoria do apego refere-se à propensão dos seres humanos a estabelecerem fortes vínculos afetivos com outras pessoas e explica as múltiplas formas de consternação emocional e perturbação da personalidade. O comportamento dos pais como cuidadores é complementar do comportamento de apego. O modo como o papel é desempenhado pelos pais determina, em grau considerável, se a criança será mentalmente saudável quando crescer.

Gomide (2004) afirma que as relações familiares têm grande influência sobre a saúde mental das crianças. Para a autora, os pais atuam como agentes de socialização dos filhos e se utilizam de práticas

educativas para orientar os comportamentos destes, ou seja, de diversas estratégias e técnicas. No convívio, os pais procuram direcionar o comportamento dos filhos no sentido de seguir certos princípios morais e adquirir uma ampla gama de comportamentos que garantam independência, autonomia e responsabilidade, para que mais tarde possam expressar adequadamente seu papel social. Em contrapartida, também se esforçam para suprir ou reduzir comportamentos que sejam considerados socialmente inadequados ou desfavoráveis (GOMIDE, 2003).

Coelho e Murta (2007) destacam a importância dos pais imporem limites aos filhos, do diálogo e do ensino de responsabilidade e da expressão de afeto para a promoção de autoestima, autonomia e habilidades sociais nos filhos.

Segundo Gomide (2003), o apego é importante como fornecedor de segurança emocional e inibidor de comportamentos agressivos. Mães hábeis em perceber e interpretar corretamente os sinais emitidos pela criança e fornecer respostas imediatas, contingentes e apropriadas têm maior probabilidade de desenvolver em seus filhos a concepção de si mesmo como agente em termos de controlabilidade e previsibilidade nas situações que enfrentará.

Um pobre manejo familiar de habilidades (pobre monitoramento e disciplina incipiente por parte dos pais em relação à criança, falta de reforçamento positivo, pouca habilidade em resolução de problemas) pode ter como resultado uma criança apresentando comportamentos inadequados. Autores enfatizam a necessidade de intervenções clínicas de base empírica comprovada para prevenir problemas antissociais das crianças, enfocando a ajuda aos pais para melhorar suas habilidades no manejo familiar e reduzir o risco futuro de desajustamento dos filhos (BARALDI; SILVARES, 2003).

De acordo com Soares, Souza e Marinho (2004), os psicólogos têm sido solicitados a oferecer orientação a pais sobre a influência de suas atitudes no desempenho acadêmico dos filhos. Eles desenvolveram um

trabalho de orientação a pais e apresentaram 14 orientações para que os pais promovam o desenvolvimento de comportamentos facilitadores da aprendizagem e possam participar mais ativamente da vida acadêmica dos filhos. Entre as 14 orientações propostas, vale destacar as que foram objeto da presente intervenção: estabelecer interações positivas, demonstrar afeto, ser modelo adequado de envolvimento com as atividades, incentivar o brincar, interessar-se pela vida do filho e promover o diálogo.

Cia et al. (2006, p. 74) abordando a temática “relações entre pais e filhos” citam Del Prette e Del Prette (2001) que definiram habilidades sociais educativas (HSE) como “aquelas intencionalmente voltadas para a promoção do desenvolvimento e da aprendizagem do outro”. No contexto familiar das relações pais-filhos, o desempenho dos pais é representado por uma variedade de habilidades sociais educativas que podem influenciar o repertório comportamental dos filhos. Os autores citam as habilidades descritas por Silva (2000 apud CIA et al., 2006, p. 74) que identificou como cruciais as seguintes habilidades: a) diálogo; b) expressão de sentimentos de agrado e desagrado; c) expressão de opiniões e solicitação adequada de mudança de comportamento; d) cumprir promessas; e) entendimento do casal quanto à educação do filho e à participação de ambos os progenitores na divisão de tarefas educativas; f) “dizer não”, “negociar” e “estabelecer regras”; g) “desculpar-se”. Os dados da pesquisa desenvolvida por Cia e cols. (2006) com os pais indicaram que estes que possuem maiores habilidades sociais têm relacionamentos mais favoráveis com os filhos.

Biasoli-Alves (2005, p. 68) desenvolveu um trabalho de orientação a pais e obteve os seguintes resultados:

- a) inicialmente é verificada uma mudança nas percepções dos pais sobre o comportamento e atitudes do filho, b) identifica-se uma evolução na forma de os pais observarem o que se passa no cotidiano de sua casa e na vida da criança e suas relações com as práticas de educação que eles vêm utilizando; c) foi detectado maior envolvimento dos pais nas atividades do filho, d) os pais passaram a manifestar mais segurança quanto a sua forma de lidar com o filho, f) também foi observada, além da

assimilação, uma extensão dos princípios do desenvolvimento associadas às ideias de prevenção e promoção e de aplicação do apreendido a outras famílias com problemas semelhantes.

Além disso, as atividades desenvolvidas em grupo permitiram aos pais compartilhar ideias, perceber que suas dificuldades também estão presentes em outros lares, dessa forma o aprendizado pôde ocorrer mais facilmente.

Nesse sentido, idealizou-se o presente projeto, cujo objetivo foi fortalecer a relação de pais e filhos, propiciando melhorias não só para o vínculo, mas também para outras áreas da vida dos indivíduos, como a relação com os colegas e o desenvolvimento cognitivo/escolar.

Esse tipo de intervenção tem caráter preventivo e contribui para o fortalecimento do vínculo entre pais e filhos, principalmente na sociedade atual em que o trabalho é altamente necessário e valorizado, restando pouco tempo disponível para os pais permanecerem com seus filhos. Dessa forma, estar mais presente para proporcionar afeto, atenção e carinho torna-se um desafio.

Objetivos

Objetivo geral

- Promover o fortalecimento do vínculo entre pais e filhos, possibilitando maior integração familiar

Objetivos específicos

- Sensibilizar os pais para a importância do relacionamento com seus filhos.
- Aumentar o repertório comportamental dos pais com relação às brincadeiras e formas de comunicação com seus filhos.
- Discutir temas de interesse dos pais e filhos, relacionados às dificuldades de relacionamento, comunicação e interação entre

eles.

Método

Este trabalho de intervenção psicossocial foi realizado em um Núcleo Socioeducativo Judaico da zona sul de São Paulo. As crianças que frequentam essa instituição, aí permanecem ou em período integral ou no contraturno escolar, ou seja, passam o dia longe de suas famílias. Há, portanto, poucos momentos em que pais e filhos podem estabelecer uma maior interação. A instituição, além de instruir as crianças, também procura ensinar a cultura judaica aos pais, fazendo com que possam interagir melhor com seus filhos no âmbito familiar. As atividades educativas desenvolvidas com as crianças são, por exemplo, oficina de artes, marchetaria, entre outras. Nessas atividades os pais também podem participar, porém nem sempre isto ocorre.

A partir da observação das atividades desenvolvidas na instituição e do contato com os profissionais foi percebida a necessidade de serem desenvolvidas atividades que aumentassem o contato entre pais e filhos. Também foi notada essa necessidade por meio da indicação da psicóloga do local que já desenvolvia algum trabalho com os pais.

Grupo-alvo

O grupo foi composto por pais e filhos. Ele foi formado por nove pais, de faixa etária entre 25 e 35 anos, ensino médio completo ou incompleto (entre 5^a e 6^a séries), provenientes de classe economicamente desfavorecida. Os filhos participantes foram dez crianças, com idades entre 4 e 10 anos e escolaridade do Jardim I à 4^a série do Ensino Fundamental.

Para a divulgação do trabalho, foram colocados avisos na instituição. Além disso, na instituição havia reuniões mensais e em uma delas a proposta de trabalho foi apresentada e os pais foram convidados a

participar. Os interessados se inscreveram diretamente com a psicóloga do local.

Instrumentos

Durante a intervenção foram realizadas dinâmicas de grupo e discussões de temas previamente estabelecidos pelos participantes. Vários materiais foram utilizados de acordo com o objetivo e a atividade de cada encontro: livro de história infantil, massinha de modelar para as crianças, tintas, folhas de sulfite e giz de cera para elaboração dos desenhos.

Duração

O processo de intervenção se desenvolveu durante o ano de 2008 e em dois momentos. No primeiro semestre foram realizadas sete visitas à instituição com duração de duas horas cada, com o intuito de realizar a caracterização da instituição, conhecer as normas, regras, funcionamento e dinâmica da instituição, bem como conhecer a cultura judaica. Foi também feito um levantamento das necessidades psicossociais e, a partir daí, foi elaborado o projeto de intervenção. No segundo semestre foram realizadas as sessões de intervenção. No total foram sete encontros com o grupo de pais e filhos com duração de 2 horas cada. Os encontros foram realizados quinzenalmente, aos sábados.

Desenvolvimento dos encontros

O projeto foi desenvolvido por dois estudantes do último semestre do curso de Psicologia, no âmbito de estágio curricular e sob a supervisão da professora responsável, que orientou e acompanhou as atividades. Durante a intervenção, em alguns dos encontros uma das estagiárias desenvolveu atividades com os pais e a outra com as crianças.

1º Encontro

Objetivos

- Estabelecer o enquadre, apresentar a proposta de trabalho.
- Promover o conhecimento e integração do grupo.
- Discutir temas de interesse dos pais relacionados às suas dúvidas e desenvolvimento dos filhos.
- Levantar as principais dificuldades dos pais e expectativas com relação à intervenção.

Desenvolvimento

Nesse dia, compareceram oito pais e dez crianças. As coordenadoras apresentaram a proposta da intervenção e foram iniciadas as atividades.

– *Atividade de integração e apresentação do grupo:* Foi solicitado que os filhos apresentassem seus pais e vice-versa, com o intuito de propiciar um “quebra gelo”, um aquecimento e iniciar o processo de integração.

De um modo geral, as crianças demonstraram timidez ao apresentarem os pais. Seguem algumas formas de apresentação: “Minha mãe cozinha muito bem”, “Ela é legal”, “Ela faz coisas gostosas”. Com relação às apresentações dos filhos realizadas pelos pais, todos falaram descontraidamente: “Meus filhos são uma graça, mas bastante levados”, “Ele, às vezes, é muito desobediente”, “Ele é lindo, mas bagunceiro”.

– *Levantamento dos temas que seriam desenvolvidos durante os encontros:* Foi solicitado aos pais que indicassem temas que gostariam que fossem abordados nos encontros seguintes. Os temas escolhidos foram: teimosia dos filhos e curiosidades sobre o que é característico de cada idade; porque os filhos querem chamar a atenção; como deveriam explicar as coisas para as crianças para que elas entendessem; egoísmo das crianças; o que é certo e o que é errado fazer; como lidar com a mentira e como deve ser o momento de brincar.

Na discussão dos temas propostos foram levantados os significados desses temas para eles. A partir dos exemplos foi abordada a importância do cumprimento das promessas, pois o que é dito gera expectativa nos filhos. Os pais percebem que são modelos para os filhos e muitos pais tomaram consciência de que muitas das coisas que eles fazem se refletem no comportamento dos filhos.

– *Atividade de descontração e integração* — Vivo ou Morto: Foi proposto que todos os pais e filhos brincassem de *Vivo ou Morto*, com o intuito de aumentar a integração e desenvolver a habilidade de brincar.

No momento da brincadeira, as crianças puderam interagir com seus pais e vice-versa. Todos gostaram da atividade e um dos pais solicitou que tais brincadeiras sempre existissem nos encontros para que pudessem desenvolver a habilidade de brincar com os filhos na própria casa.

– *Levantamento das dificuldades dos pais e expectativas com relação à intervenção*: Foi solicitado aos pais que explicassem sobre o que esperavam do trabalho que seria desenvolvido, que comentassem por que estavam participando do encontro e quais contribuições acreditavam que esta intervenção poderia oferecer. Alguns falaram de suas ansiedades e dúvidas sobre como lidar com os próprios filhos. Muitos reconheceram que não têm tempo para brincar ou ouvir as crianças, que muitas vezes acabam ignorando o que os filhos querem dizer. Os pais chegaram à conclusão de que acreditavam que com esse trabalho teriam ajuda para interagir melhor com seus filhos e compreendê-los melhor, por exemplo, entender porque agiam de determinada maneira. Esperavam que os filhos também pudessem compreendê-los melhor. Esse levantamento funcionou como parâmetro de comparação para a avaliação final, feita após a intervenção.

Ao final do encontro foi entregue um calendário com as datas dos encontros seguintes.

2º Encontro

Objetivos

- Discutir a temática da “mentira”.
- Facilitar a interação entre pais e filhos, fortalecendo o vínculo entre eles.

Desenvolvimento

Nesse dia, compareceram três pais e quatro crianças, pois alguns pais haviam informado a psicóloga da instituição que teriam consulta agendada no dentista, consulta esta agendada pela instituição. As coordenadoras reapresentaram a proposta da intervenção, pois dois dos pais vieram pela primeira vez e foram iniciadas as atividades.

– *Técnica de percepção*: Em pares, foi solicitado aos pais que ficassem de frente para seus filhos e que ambos prestassem atenção em todos os detalhes do outro. Em seguida, foi solicitado aos filhos que ficassem de costas e que os pais mudassem alguma coisa neles para verificar se o filho notava tal mudança. Depois a atividade foi repetida, invertendo-se as posições. A seguir, o grupo de pais foi separado do grupo de crianças e este último dirigiu-se para um local específico do pátio. Nesse momento os grupos desenvolveram atividades diferentes, cada grupo orientado por uma das estagiárias.

– *Atividade de desenho (grupo de crianças)*: Foi solicitado que as crianças fizessem um desenho para seus pais. A instrução dada foi para que elas realizassem um desenho livre.

– *Discussão da temática “mentira” (grupo de pais)*: Os pais apresentaram algumas situações em que vivenciaram a mentira dos filhos, e com isso solicitaram uma explicação sobre a temática, pois gostariam de entender se isso era típico de uma fase ou idade ou se ocorria pelo fato de perceberem a mentira entre adultos, por exemplo, fazer uma promessa e não cumpri-la.

Em seguida pais e filhos foram reunidos em um só grupo para a realização das demais atividades.

– *Entrega dos desenhos confeccionados*: As crianças entregaram os desenhos aos pais e comentaram sobre os conteúdos.

– *Técnica de integração* – *Jogo do Novelo*: Reunidos em círculo, um deveria jogar o novelo para o outro, dizer o próprio nome e falar uma característica pessoal. Quando todos tivessem falado, o novelo deveria retornar pelo mesmo caminho. O intuito era notar a necessidade de cooperar com o outro e enfatizar o quanto é importante prestar atenção naquilo que está ao redor, pois não se sabe quando aquela informação será necessária.

Nesse encontro os pais puderam discutir a respeito do tema da mentira e também relatar experiências vividas e se identificarem com várias das situações apresentadas. Em alguns momentos apresentaram certa indignação com as atitudes de seus filhos. Um exemplo muito interessante foi o relato de um pai que ao dizer ao filho que era muito feio mentir, o mesmo questionou o pai se não era mentira quando alguém telefonava para ele e ele pedia para dizer que não estava em casa. Foi discutida a importância de ter atitudes coerentes com o discurso, refletindo sobre o impacto das ações dos pais.

3º Encontro

Objetivos

- Discutir a temática dos medos infantis.
- Facilitar a interação entre os pais e filhos e aumentar o grau de aproximação entre eles.

Desenvolvimento

Nesse dia, compareceram nove pais e oito crianças e houve participação de duas mães que vieram pela primeira vez.

– *Atividade de aquecimento/integração* – Nova forma de cumprimento: Pais e filhos foram orientados a andar aleatoriamente

pelo espaço e quando fosse solicitado que parassem, eles deveriam se cumprimentar, por exemplo, com o cotovelo, com o ombro, com a ponta do dedo, etc. O intuito da técnica foi proporcionar um momento de descontração e integração dos novos integrantes.

– *Atividade com a massa de modelar (grupo de crianças)*: As crianças foram encaminhadas para um espaço com mesas e fizeram produções com as massas de modelar. As crianças podiam utilizar a massinha como quisessem.

– *Discussão da temática – Medos infantis (grupo de pais)*: Foi retomada a discussão do encontro passado no que se refere à mentira e às fases do desenvolvimento infantil. Nesse encontro o foco se direcionou para a temática “medo”. Os pais queriam saber por que as crianças sentem medo e do quê. Citaram como exemplos de medos comuns, como o medo de ficar sozinha e o medo de escuro. Os pais puderam compartilhar suas próprias experiências e relatos. Foi possível esclarecer as dúvidas e desmistificar alguns conceitos; alguns pais não compreendiam o fato de as crianças terem medo sem algum motivo aparente. Enquanto os pais discutiam a temática, as crianças ficaram desenhando. Observou-se que elas prestavam muita atenção no que era falado e nos exemplos dados pelos pais.

– *Desenho em conjunto (grupo de pais e filhos reunidos)*: Foi solicitado aos pais e aos filhos que fizessem juntos um desenho de forma que estes se completassem. Para os pais que estavam sem os filhos, foi solicitado que realizassem a atividade sozinhos. Após o término do desenho, cada um pode expor seu desenho e comentar sobre o que foi realizado.

Na produção do desenho em conjunto observou-se que foi muito gratificante para as crianças desenharem com seus pais; eles acharam interessante poder construir um desenho que se completasse. Com essa atividade foi ressaltado para os pais a importância de reservar um tempo para poder fazer alguma atividade com a criança, não

importando qual fosse, desde que lhes trouxesse prazer e proporcionasse um momento de descontração.

Foi discutido a respeito das novas formas de brincar, assim como sobre a importância de tirar um tempo para isso e dos pais mostrarem os tipos de brincadeiras que costumavam brincar quando criança; algumas pouco conhecidas hoje pelas crianças, como a atividade *Vivo ou Morto*, que algumas crianças nunca tinham ouvido falar.

Foi falado a respeito das brincadeiras antigas, como jogar pedrinhas, bolas de gude, entre outras. Os participantes enfatizaram a importância de resgatar tais brincadeiras como forma de proporcionar algo diferente aos filhos e ao mesmo tempo resgatar o passado.

Alguns pais demonstraram resistência, dizendo que já sabiam como fazer, que faziam direito com seu filho, porém aos poucos foram se aproximando do grupo e expondo sua compreensão a respeito da importância de dar atenção aos filhos e de ser o principal modelo. Também foi possível falar da importância da educação dos filhos com a apresentação de regras e limites, porém evitando ameaças e punições extremas. Regras firmes e claras são importantes para evitar que a criança fique confusa ou manipule os pais.

4º Encontro

Objetivos

- Favorecer um maior vínculo entre pais e filhos.
- Resgatar a importância do contar histórias.

Desenvolvimento

Nesse dia, compareceram três pais e três crianças.

– *Técnica do Espelho*: Foi solicitado que cada criança ficasse de frente para o pai/a mãe e o(a) utilizasse como espelho, fazendo gestos para que o espelho pudesse “refletir”. Depois, solicitou-se a inversão de

papéis e as crianças refletiam seus pais. O intuito foi permitir a reflexão sobre empatia, como eles se sentiam se colocando no lugar do outro ou de notar como o outro se comunica. Os pais relataram que o espelho significa que os filhos, na verdade, os imitam durante o crescimento e que os pais são os modelos (ALBIGENOR; MILITÃO, 1999).

Ser modelo adequado de envolvimento com as atividades foi uma das orientações apresentadas por Soares, Souza e Marinho (2004), que consideram que os exemplos mais eficazes são apresentados em forma de ações e atitudes.

- *Atividade* – Batata Quente: Foi solicitado que o grupo se sentasse em círculo para realizar a técnica da batata quente. Quando a pessoa fosse “queimada”, ela deveria dizer o nome e uma qualidade ou algo de que gosta. O intuito foi resgatar brincadeiras de infância dos pais.

- *Construção de uma história*: Todos se colocaram sentados em círculo, foi jogada uma bolinha aleatoriamente e foi solicitado à pessoa que a recebeu que contasse uma história de como estava se sentindo. Na sequência, essa pessoa jogou a bolinha para a próxima pessoa que deu continuidade à história. No final todos comentaram sobre a história que se formou.

- *Dinâmica Posso Entrar?* (ALBIGENOR; MILITÃO, 1999): Foi solicitado que uma pessoa do grupo se retirasse da sala. Ela recebeu a seguinte instrução: “*Você deve tentar entrar no grupo.*” O grupo recebeu a instrução que deveria fazer um círculo bem unido e foi informado que a pessoa que estava fora da sala tentaria entrar no grupo. Essa técnica teve o intuito de verificar a disponibilidade do grupo em deixar um novo componente entrar.

Na primeira técnica aplicada (espelho), tanto as crianças quanto os pais apresentaram mais dificuldades quando estiveram na posição de espelho, demonstrando mais retraimento e vergonha ao fazer as imitações.

Na dinâmica *Posso entrar?*, o grupo não permitiu que o participante entrasse e ficou surpreso quando no final foi repetida a instrução e

informado que não foi dito em momento algum que a outra pessoa não poderia entrar. O grupo trouxe a questão de tomar cuidado com os atos cometidos, que muitas vezes excluímos alguém ou deixamos de lhe dar atenção, por algo que está subentendido.

Para finalizar, foi retomado o enquadre, destacando a importância do comprometimento com os encontros, visto que estes se dão num *continuum*. Também foi discutido a respeito dos temas que eles queriam abordar nos últimos encontros e foi solicitado pelos pais que fosse falado a respeito da teimosia, da imposição do limite, da questão da curiosidade de modo geral e da curiosidade sexual dos filhos.

Uma das crianças achou a técnica *Posso Entrar* semelhante à brincadeira de gato e rato e propôs a realização dessa atividade, o que foi feito de comum acordo com todos.

5º Encontro

Objetivos

- Discutir a temática da sexualidade infantil.
- Facilitar a interação entre pais e filhos e aumentar o grau de confiança entre eles.

Desenvolvimento

Nesse dia, compareceram seis pais e cinco filhos.

– *Atividade de integração e confiança*: Foi solicitado aos pais e aos filhos que formassem duplas: primeiro os pais guiaram seus filhos que estavam de olhos fechados e depois se inverteu a situação: os filhos guiaram seus pais. O intuito era reafirmar o vínculo de confiança entre pais e filhos.

– *Contar histórias (grupo de crianças)*: As crianças foram reunidas em círculo para contar, livremente, histórias de temas diversos. Contaram histórias sobre lobisomem, monstros, etc.

– *Discussão da temática de sexualidade infantil (grupo de pais)*: Os pais discutiram sobre a sexualidade infantil e a curiosidade que os filhos apresentam de uma maneira geral. Os pais falaram a respeito das curiosidades mais comuns que já vivenciaram com seus filhos, como a do nascimento, ou de como foram gerados. Foi ressaltada que sempre a verdade deve ser dita, orientando os filhos a partir das dúvidas apresentadas e que as respostas deveriam ser dadas de acordo com o grau de compreensão da criança. Foram desmitificadas algumas crenças e tabus. Os pais relataram suas experiências, suas dificuldades e interesses sobre a importância do vínculo. No final da discussão cada um disse o que gostaria de fazer se pudesse ser do sexo oposto por um dia, algumas mães disseram que era mais fácil ser homem, pois não tinham que realizar afazeres domésticos e tinham facilidades como ir ao banheiro em pé e andar sem camisa no verão. Já alguns dos pais disseram que gostariam de ser mulheres por um dia, pois estas tinham regalias, como não precisar trabalhar fora para sustentar a família.

– *Técnica de fortalecimento do vínculo (grupo de pais e filhos juntos)*: Todos fizeram um círculo, cada participante colocou a mão no ombro da pessoa que estava à sua direita; em seguida falou uma mensagem positiva sobre o encontro ou sobre o grupo. Cada vez que ouviam uma nova mensagem, todos deviam dar um passo à frente. No fim, o círculo ficou bem fechado com as crianças no centro.

As técnicas desenvolvidas favoreceram maior integração entre o grupo; foi possível notar descontração tanto por parte dos pais quanto dos filhos.

No primeiro momento em que as crianças foram guiadas, todas abriram os olhos para verificarem se os pais não as deixariam bater em algo. Já todos os pais mantiveram os olhos fechados. Na discussão, os pais perceberam a importância de serem guias de seus filhos e fortalecer essa confiança durante a infância. Foi feita uma relação com o tema discutido no encontro, que foi a curiosidade de um modo geral e

sexual, concluindo que a confiança nos pais é primordial para que as crianças desenvolvam uma sexualidade saudável e não escondam nada.

Na discussão com os pais sobre a curiosidade foram relatados diversos assuntos, sendo o mais comum as dúvidas a respeito da sexualidade. A comunicação foi um ponto de reflexão, os pais foram orientados a serem transparentes e não se anteciparem respondendo o que não tinha sido perguntado. Foram abordadas estratégias de como falar sobre tais assuntos e das dificuldades que sentem em abordá-los com naturalidade.

6º Encontro

Objetivos

- Aproximar pais e filhos por meio do aspecto lúdico do conto de fadas.
- Desenvolver o vínculo de confiança entre pais e filhos.
- Discutir a Temática *Teimosia infantil e imposição de limites*.

Desenvolvimento

Nesse dia compareceram quatro pais e quatro filhos.

– *Conto de fadas*: Foi contado a todos os participantes o conto *O Lobo e os sete cabritos*. A mensagem principal da história é referenciar o cuidado e o vínculo de confiança. O grupo pode explorar o conteúdo e falar a respeito; alguns pais retomaram a questão de serem modelos e responsáveis pelo desenvolvimento dos filhos.

– *Confeção de cartões e histórias (grupo de crianças)*: as crianças se reuniram e confeccionaram cartões de tema livre e contaram histórias.

– *Discussão da Temática da teimosia infantil e imposição de limites (grupo de pais)*: Os pais se reuniram e foram discutidos os temas: teimosia e imposição dos limites na educação dos filhos. Foi ressaltado que tanto a teimosia quanto a agressividade apresentadas por algumas

crianças fazem parte de umas das fases do desenvolvimento e que, além de serem comuns, são necessárias. No entanto, a imposição de limites permite que isso não se torne um problema ou traga implicações futuras. Com relação a isso, foram discutidas estratégias para minimizar tais situações. Foi realizada uma Análise Funcional, mostrando a relação entre antecedentes, resposta e consequências. Essa análise possibilita a compreensão de por que o comportamento ocorre, visa compreender quais são as variáveis que controlam e mantêm os comportamentos (SKINNER, 2003). Foram explicados aos pais alguns conceitos psicológicos da Terapia Comportamental que têm sido veiculados pela mídia, nem sempre de forma adequada. Eles foram orientados sobre como utilizar esquemas de reforçamento positivo ou negativo, extinção e punição. O reforçamento ocorre quando são apresentados estímulos que aumentam a frequência do comportamento. O reforço pode ser positivo quando são apresentados estímulos como elogios, ou negativo quando são retirados estímulos aversivos, por exemplo, quando os pais cedem ao comportamento de birra dos filhos. Nesse caso, ao ceder estão reforçando positivamente o comportamento do filho e no momento em que a criança para a birra, reforça negativamente o comportamento de ceder dos pais, por retirar um estímulo que é aversivo. A extinção ocorre quando é retirado o reforço positivo e a punição é a apresentação de estimulação aversiva. Há dois tipos de punição: a apresentação de estímulos aversivos – bater, ou castigar os filhos; e punição negativa que é a retirada de reforço positivo. Nesse caso as formas mais comuns são: proibir o uso de computadores ou situações de lazer. Ressalta-se que esses exemplos apresentados anteriormente, não podem ser generalizados para todas as relações entre pais e filhos, pois os valores e significados dos reforços e punições variam para cada indivíduo de acordo com a contingência ou contexto.

O grupo contribuiu apresentando as suas vivências e as situações nas quais apresentavam dificuldades em impor limites. Os participantes

ficaram satisfeitos com as conclusões que chegaram com relação a possibilitar a opção de escolhas para os filhos e serem firmes em suas solicitações. Percebeu-se que os pais não sabem reforçar adequadamente o comportamento dos filhos. Alguns pais apenas chamam a atenção dos filhos no momento em que eles realizam coisas de modo inadequado.

Nesse encontro, o grupo ouviu a história com muito interesse, até mesmo as crianças. Destacou-se a importância de contar histórias, tanto para a educação dos filhos, pois estas sempre trazem uma mensagem implícita de aprendizagem para as crianças e possibilitam aos adultos reavaliarem essas mensagens e utilizá-las no seu dia a dia, como para favorecer a integração. É muito comum que as crianças “discordem” de seus pais por diversas questões, por exemplo, não querer parar de jogar o videogame ou não querer ir tomar banho no momento indicado. Foi discutida a importância de ajudar a criança a adquirir sua autonomia e aprender a fazer escolhas.

Alguns pais disseram que têm o hábito de contar histórias para seus filhos, porém as mais antigas que já conhecem. Avaliou-se que este foi um dos momentos mais proveitosos da intervenção, pois alguns puderam relatar suas próprias experiências, nas quais a confiança dos filhos esteve ou não presente. Isso está de acordo com a proposta de Fivush e Haden (1997 apud MACEDO; SPERB, 2007, p. 233)

que consideram que as histórias são bem mais do que um meio conveniente de comunicar nossas experiências aos outros. Elas se constituem, antes de tudo, num meio para compreender a vida e a nós mesmos.

Macedo e Sperb (2007) apresentam várias citações que corroboram a ideia da importância do cuidado que os pais devem ter ao contar eventos ocorridos no passado para as crianças quando pequenas, pois isso influenciará a maneira como elas irão lembrar e compreender esses eventos.

7º Encontro

Objetivos

- Avaliar a intervenção.
- Promover o encerramento da intervenção e despedida do grupo.

Desenvolvimento

Nesse dia compareceram cinco pais e cinco filhos.

– *Confeção de um cartão para o amigo secreto*: Cada participante confeccionou um cartão para entregá-lo a outro integrante do grupo, como uma espécie de amigo secreto. No momento em que confeccionaram o cartão, eles não sabiam quem seria seu amigo secreto. Este cartão deveria simbolizar o término da intervenção e a despedida do grupo. Foram utilizados os seguintes materiais gráficos: papel cartão colorido, lápis de cor e também tinta guache. Durante a confecção do cartão as crianças demonstraram estar preocupadas com a reação dos pais, questionando: “*Será que ele (o pai) vai gostar do cartão?*” Já os pais, se sentiram, em princípio, um pouco tímidos em ter que criar um cartão com guache e utilizar os próprios dedos. Eles não estavam inicialmente à vontade; justificaram dizendo que não sabiam desenhar. Mas, aos poucos, foram se sentindo à vontade e todos, sem exceção, conseguiram expressar no papel seus sentimentos.

– *Avaliação da intervenção*: Foi solicitado aos pais que falassem sobre as expectativas iniciais que tiveram com relação à intervenção e se estas foram ou não cumpridas. Todos expuseram suas opiniões, sobre o que o trabalho realmente tinha representado para eles e comentaram se suas expectativas foram atendidas, ressaltando pontos positivos e negativos. Como pontos positivos apontaram as brincadeiras promovidas entre pais e filhos e muitos afirmaram que as reproduziram em casa, praticando e brincando em família. Lamentaram

a falta dos demais pais, pois acreditavam que quanto maior fosse o número de pais participantes, maior seria a contribuição.

De maneira geral, os pais relataram ter como expectativa inicial que a intervenção proporcionasse informações e dicas sobre como lidar com os filhos e também apontasse o que faziam de certo ou errado na criação dos destes. O grupo afirmou que as expectativas iniciais foram atendidas, que adquiriram informações importantes para melhor educar seus filhos e puderam pensar sobre seus comportamentos e formas de atuar junto aos filhos. Relataram também que ficaram muito felizes por conseguirem perceber aspectos que antes não haviam observado, como por exemplo, a necessidade de dar a real importância para os conteúdos apresentados pelas crianças, independentemente do momento e de saber lidar melhor e estar mais preparado para vivenciar as fases do desenvolvimento de seus filhos.

– *Técnica de Encerramento*: Foi solicitado que todos fizessem um círculo e ficassem segurando o cartão que haviam confeccionado. Foram então sorteados os papéis com o nome do “amigo secreto” e os cartões foram sendo entregues às pessoas sorteadas.

– *Agradecimento*: O encontro foi finalizado com um agradecimento por parte dos participantes e coordenadoras e também foi ressaltada a importância de pensarem sobre tudo o que aconteceu durante os sete encontros.

As atividades ocorreram de modo satisfatório e foi avaliado que o encontro atingiu seu objetivo.

Avaliação da intervenção

Os encontros de modo geral foram produtivos e acredita-se que foi possível levar os pais a interagirem mais com seus filhos.

Inicialmente os pais se esquivaram com relação às orientações, afirmando que procuravam fazer o melhor para seus filhos e que sempre prestavam atenção nos aspectos de sua educação como um

todo. No entanto, aos poucos, foram acrescentando suas vivências e expondo suas dificuldades com relação à criação dos filhos. A dificuldade de brincar com os filhos foi um aspecto comum no discurso dos pais. A falta de tempo ou o fato dos pais não saberem como entrar no mundo de brincadeiras de seus filhos foram apontados como justificativas. Os pais puderam se lembrar de suas próprias infâncias, discutiram sobre como poderiam apresentar suas brincadeiras para os filhos e aprenderam também as atuais, muitas vezes apresentadas pelas próprias crianças.

As atividades e técnicas propostas durante o processo de intervenção permitiram que os pais pudessem se aproximar mais desse aspecto lúdico de seus filhos e ter subsídios para utilizá-los em casa. As crianças demonstraram muita satisfação por ter seus pais brincando e realizando atividades com elas.

O término da intervenção foi bastante interessante, pois foi observado que pais e filhos criaram uma “identidade” grupal; seus membros passando a ter liberdade de opinar e compartilhar experiências.

Avaliou-se que o vínculo entre pais e filhos se deu de maneira integral e que o trabalho pode ser desenvolvido com riqueza de informações e troca de experiências.

Outro aspecto importante observado foi a capacidade que os pais apresentaram de fazer reflexões e chegar, por si próprios, a conclusões; as coordenadoras tiveram o papel de facilitadoras do processo. Ao final da intervenção muitos pais conseguiram expor suas opiniões com relação às vivências de outros pais.

O levantamento das expectativas dos pais com relação ao trabalho, feito no primeiro encontro, e a verificação, no último encontro, do cumprimento de tais expectativas, foi a estratégia utilizada como forma de avaliar a eficácia da intervenção. Dessa maneira pode-se constatar que, em geral, as expectativas foram atendidas e que a intervenção alcançou o objetivo proposto, ou seja, o fortalecimento do vínculo entre pais e filhos. Entretanto, vale ressaltar que em futuras intervenções

desse tipo, recomenda-se o desenvolvimento de outros procedimentos avaliativos, visto que a estratégia de avaliação adotada na presente intervenção apresenta limitações, uma vez que foi construída abordando um único aspecto (a expectativa).

Conclusões e sugestões

Durante o processo de intervenção foi possível perceber que no início os pais adotavam uma postura mais afastada de seus filhos e que no decorrer dos encontros houve uma maior aproximação entre pais e filhos.

As atividades realizadas favoreceram para que os pais ampliassem suas percepções sobre suas próprias atitudes e refletissem sobre o quanto suas ações influenciam o comportamento de seus filhos. Foram percebendo o quanto eram modelo de seus próprios filhos, sendo assim perceberam a importância do vínculo com seus filhos.

Gomide (2003) afirma que as práticas educativas, portanto, poderão tanto desenvolver comportamentos pró-sociais, como antissociais, dependendo da frequência e intensidade com que o casal parental utiliza determinadas estratégias educativas.

Acredita-se que essa intervenção atingiu seu objetivo principal de sensibilizar os pais para a importância do relacionamento com seus filhos e fortalecer o vínculo entre pais e filhos. Os pais conseguiram desenvolver e adotar uma nova postura diante da educação dos filhos, percebendo por meio da análise funcional do comportamento, que educar os filhos não diz respeito apenas a prover sustento ou orientar, mas que o contato afetivo é um dos principais fatores para o desenvolvimento de uma criança. Além disso, essa proposta viabilizou o aumento de repertório comportamental dos pais com relação ao comportamento de brincar e dar mais atenção aos filhos.

Para trabalhos futuros, é indicada uma sistematização mais precisa das atividades e investigação da aplicação de estratégias/recursos

artísticos a partir de uma leitura comportamental.

Esta proposta de trabalho buscou também ampliar a aplicação dos princípios da teoria comportamental no contexto comunitário, visto que a grande maioria das produções científicas publicadas apresentam modelos teóricos psicodinâmicos.

No contexto comunitário a teoria comportamental pode promover os subsídios necessários para a promoção e prevenção da saúde. Por meio de técnicas de modificação do comportamento, é possível conscientizar indivíduos ou grupos de seus comportamentos patológicos atuais e efetuar transformações que contribuirão para a sua qualidade de vida. Essas mudanças advêm da “manipulação” de contingências, de reforçamento ou treinamento, de habilidades ou estilo de vida que o indivíduo necessita para levar uma vida saudável (RIOS, 1996).

Referências bibliográficas

BARALDI, D. M; SILVARES, E. F. M. Treino de habilidades sociais em grupo com crianças agressivas, associado à orientação dos pais. In: DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. (Org.) *Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem: questões conceituais, avaliação e intervenção*. Campinas: Alínea, 2003. p. 235-258.

BIASOLI-ALVES, Z. M. M. Orientação de pais: partilhar conhecimentos sobre desenvolvimento e práticas de educação como estratégia de intervenção. *Texto & Contexto - Enfermagem*, v. 14, n. spe, p. 64-70, 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072005000500008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: jul. 2009.

BOWLBY, J. *Formação e rompimento de vínculos afetivos*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CIA, F. et al. Habilidades sociais parentais e o relacionamento entre pais e filho. *Psicologia em Estudo*, v. 11, n. 1, p. 73-81, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722006000100009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 8 set. 2009.

COELHO, M. V.; MURTA, S. G. Treinamento de pais em grupo: um relato de experiência. *Estudos de Psicologia* (Campinas), v. 24, n. 3, p. 333-341, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2007000300005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: jul. 2009.

GOMIDE, P. I. C. *Pais presentes, pais ausentes*. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. Estilos parentais e comportamento anti-social. In: DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. (Org.) *Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem: questões conceituais, avaliação e intervenção*. Campinas: Alínea, 2003. p.21-60.

MACEDO, L.; SPERB, T. M. O desenvolvimento da habilidade da criança para narrar experiências pessoais: uma revisão da literatura. *Estudos de Psicologia (Natal)*, v. 12, n. 3, p. 233-241, 2007.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2007000300005&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: jul. 2009.

RIOS, L. F. Psicologia comportamental comunitária. In: CABALLO, V. E. *Manual de técnicas de terapia e modificação do comportamento*. São Paulo: Santos, 1996.

SKINNER, B. F. *Ciência e comportamento humano*. São Paulo: Martins fontes, 2003.

SOARES, M. R. Z.; SOUZA, S. R.; MARINHO, M. L. Envolvimento dos pais: incentivo à habilidade de estudo em crianças. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, v. 21, n. 3, p. 253-260, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2004000300009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: jul. 2009.

9. Capacitação de educadores de uma ONG

Vanda A. Vergueiro Santarcangelo

Cristiane Cipriani Neves

Daniela Correa da Fonseca

Introdução

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), lei 8069 de 13/07/1990 (BRASIL, 2007), é composto por dois livros: no primeiro, estabelecem-se os direitos sociais básicos de todas as crianças e adolescentes; no segundo, são tratados os cuidados de proteção no caso de crianças e jovens que estejam em situação de risco pessoal ou social. Com uma legislação tão avançada com respeito ao resguardo da população menor de idade – muitos países de primeiro mundo não a possuem – esperava-se que se seguiria o incremento das políticas públicas coerentes com aquele propósito, em que a prática do ECA se tornasse mais efetiva. No entanto, tantos anos já se passaram e a inclusão de crianças e adolescentes das camadas mais carentes da população nos benefícios socioeducativos vem sendo lenta e deficitária. Essa lacuna deixada pelos poderes públicos vem sendo preenchida, ainda que de modo parcial, por organizações não governamentais criadas por grupos religiosos.

Essas instituições, em geral, se iniciam quando um grupo de amigos de determinado credo resolve tirar crianças e jovens das ruas e oferecer-lhes algum tipo de formação: ensino cristão, reforço escolar, etc. Nas periferias carentes, a demanda cresce rapidamente e, de repente, os fundadores percebem que são poucos voluntários para muita clientela. Conta-se com a boa vontade dos monitores, que nem

sempre têm escolaridade suficiente ou prática de liderança para controlar uma classe. Mesmo os que possuem experiência como pais, não estão acostumados a lidar com um grupo multidefasado em seu desenvolvimento ou exacerbado em comportamentos agressivos. Surgem várias perguntas: O que ensinar? Como interessá-los? Como acalmá-los? Na verdade, o leque se abre para duas questões mais amplas:

- Como criar uma via de relacionamento? (de duas mãos)
- Como despertar o interesse pelo conhecimento?

É nesse ponto que os adultos passam a se questionar, tanto a respeito de seus modos de relacionar-se quanto à sua abertura ou não para novas formas de conhecimento. Como explica Góis (1999) o conhecimento se apoia em paradigmas que, por um lado, procuram explicar a realidade e por outro tentam organizar, tanto cognitiva quanto afetivamente nossa percepção em relação a ela. Quando se olha de uma maneira estreita, pode-se confundir o paradigma com a realidade, impedindo o sujeito de vivenciar a realidade de outros modos. Sendo assim, o grande desafio para todos nós é distinguir a realidade do conceito, ultrapassar a inércia conceitual e existencial e vislumbrar outros arranjos vivenciais.

O outro grande desafio é lidar com as desigualdades existentes em nossa sociedade, e contemplar as restritas possibilidades de desenvolvimento oferecidas aos jovens das classes mais pobres em pleno século XXI. A maioria deles caminha para o futuro com baixo nível de escolaridade e uma inexistente capacitação para o mundo do trabalho. Esse tema é discutido com propriedade por Serrão e Baleeiro (1999), que apontam a educação como a chave que abrirá uma senda para a construção da cidadania, conceito em que incluem a igualdade de oportunidades, a consciência de que é possível transformar e conviver com as diferenças e de que o bem-estar individual passa pelo

bem-estar coletivo. As autoras colocam em destaque a função social do educador, como agente de transformação. Referem-se tanto aos educadores provenientes do meio popular, quanto aos de outro segmento social, embora enfatizando que, aos educadores que atuam em comunidades populares, é necessária a consciência de que é possível constituir novas relações consigo mesmo, com o outro e com o mundo. Se por um lado é preciso que o educador se distancie, às vezes, para ser espectador da própria prática e assim garantir uma visão mais crítica e menos emocional, por outro, é necessário estar inserido no meio, como se fizesse parte dele e assim compreender sua realidade.

Acontece com frequência que, quando inicia sua ação, o educador está disponível para suprir todas as carências, dar “colo”, etc. Mas sem clareza sobre sua identidade, assusta-se ao perceber que sua atuação está sendo ineficaz, porque o educador tem um lugar, e a convivência construtiva só ocorrerá se ele souber qual é o seu papel. Este trabalho foi idealizado no intuito de auxiliar um grupo de educadores populares a conscientizar e exercer o seu papel. Na escolha da metodologia, foi utilizada a técnica de trabalho em grupo criada por Pichon-Rivière (2009) que ficou conhecida como “grupos operativos”, definidos como grupos centrados na tarefa. Nesse sentido, difere dos grupos de psicoterapia de grupo, cujo foco é localizado no indivíduo ou então na dinâmica do próprio grupo. Nos grupos operativos, o foco é colocado sobre a tarefa, a preocupação é abordar, por meio do grupo, os problemas da tarefa, da aprendizagem, e os problemas pessoais relacionados com a tarefa e com a aprendizagem. Segundo esse autor, manter o eixo na tarefa faz dessa técnica um instrumento útil a qualquer tipo de trabalho, com a vantagem de cumprir todas as regras da aprendizagem em sua totalidade e uma aprendizagem fundamentalmente de caráter social.

Fiscmann (1997) lembra que os grupos operativos incluem algumas finalidades principais: sua atividade leva a uma mobilização de estruturas estereotipadas e também trabalha as dificuldades de

aprendizagem e comunicação que surgem devido ao montante de ansiedade que é despertado por uma necessidade de mudança.

Objetivos

Objetivo geral

- Capacitar os educadores para o desempenho de suas funções com crianças e jovens.

Objetivos específicos

- Conscientizar sobre o papel de educador.
- Conscientizar sobre a importância do relacionamento dos educadores com as crianças e adolescentes e com a equipe.
- Discutir sobre as formas de comunicação.
- Sensibilizar os educadores para a utilização de outros recursos pedagógicos que motivem e dinamizem mais suas aulas.

Método

População-alvo

O trabalho que é relatado a seguir foi realizado em uma ONG localizada na periferia da cidade de São Paulo, que tem como clientela os moradores de três favelas próximas, onde vivem mais de 2000 famílias. As crianças e jovens são, muitas vezes, levados ao uso e venda de drogas, como recurso de complementação da renda familiar e pela falta de projetos educacionais adequados às necessidades de sua formação cultural, ética e profissional. A instituição desenvolve os seguintes projetos:

1. Atendimento de 80 crianças de 3 a 16 anos: aulas de moral cristã e uma refeição balanceada.

2. Reunião com 20 jovens utilizando debates, reflexões; música, teatro, etc.
3. Projeto Gestante: Esse programa orienta como cuidar do bebê e esclarece sobre a importância do papel da mãe e da família. As gestantes matriculadas recebem, durante o trimestre, uma cesta básica e no encerramento do curso, um enxoval para o bebê.
4. Assistência alimentar aos desempregados: Durante um trimestre, é distribuída uma cesta básica para cerca de 50 famílias cadastradas.
5. Oficinas de artesanato, reaproveitamento de alimentos e produção caseira de pães.
6. Captação de recursos: há um grupo de voluntários responsável por angariar fundos, divulgar a Associação e recolher alimentos pelo bairro.

Dois outros projetos estão em andamento para começar a funcionar:

- Um programa de reforço escolar para atender 40 crianças de 10 a 14 anos.
- Um programa de preparação básica para o trabalho visando a adolescentes de 14 a 16 anos.

Todas essas atividades são sustentadas por um grupo de sócios contribuintes, somadas às doações espontâneas e às arrecadações obtidas durante eventos comemorativos.

Após uma série de visitas à comunidade para o levantamento das demandas da população, foi diagnosticada a necessidade de instrumentar melhor os educadores da instituição para o seu propósito de educar as crianças e jovens. Como foi dito no início, os voluntários desses núcleos beneficentes entram com toda sua boa vontade e capacidade de dedicação, mas acabam se confessando despreparados para enfrentar o desafio que é a comunicação com os jovens na atualidade.

O grupo-alvo foi, portanto, composto pelo quadro de educadores da instituição, incluindo a coordenadora, sendo cinco mulheres e quatro homens, com idades entre 28 e 60 anos, trabalhando com crianças e jovens de 3 a 16 anos. Esses educadores são voluntários, com escolaridade variável, entre nível fundamental e médio.

Instrumentos

Para esse projeto foi selecionada uma série de dinâmicas e de técnicas educativas, algumas delas retiradas das obras de Fritzen (1981) e Yozo (1996), com o propósito não só de servir como tarefa para o grupo, como também de contribuir como material didático para o trabalho dos educadores. Para a avaliação do projeto, foi construído um questionário com dez perguntas de múltipla escolha e convencionou-se, previamente, quais seriam as respostas “corretas” ou “adequadas” que mereceriam pontuação. O questionário, apresentado no Anexo 1, foi aplicado no primeiro encontro (pré-teste) e reaplicado no último encontro (pós-teste), visando verificar a evolução do grupo e avaliar assim os resultados da intervenção.

Duração

A operacionalização do projeto durou dois meses e meio, constando de um encontro para pré-avaliação, oito encontros para desenvolvimento dos trabalhos e um encontro para pós-avaliação, fechamento e despedida. Os encontros foram semanais, em horário constante, durante aproximadamente 1 hora e 30 minutos, e foram realizados dentro da própria instituição.

Desenvolvimento dos encontros

O projeto foi desenvolvido por duas estudantes do último ano de um curso de Psicologia, como parte das exigências de um estágio na área de Intervenção Psicossocial e sob supervisão da professora responsável,

que orientou os diversos passos de inserção na comunidade, diagnóstico institucional, elaboração do projeto e sua implementação.

1º Encontro

Objetivos

- Definir o enquadre.
- Aplicar o questionário de avaliação (pré-teste).

Desenvolvimento

A equipe foi bem recebida pelo grupo de educadores, pois sua presença já era familiar pelo contato em semanas anteriores. Alguns responderam às perguntas do questionário apressadamente, como se não precisassem ou quisessem refletir muito; outros levaram quase o horário completo para terminar. Foram determinados sala fixa e horário semanal constante.

2º Encontro

Objetivos

- Promover maior entrosamento entre os participantes.
- Facilitar a percepção da necessidade de assumir maior compromisso com sua atuação na ONG (que é voluntária).
- Promover a autovalorização.

Tarefa: Discussão a partir do *Desenho do pé*.

Desenvolvimento

Foram oferecidos alguns CDs para que o grupo escolhesse uma música de sua preferência. O facilitador providenciou uma grande folha de papel e lápis colorido para cada participante. Depois, solicitou que

ele desenhasse seu próprio pé. Em seguida, encaminhou a discussão, de forma que todos tivessem oportunidade de expressar o que pensaram e o que sentiram. Itens da discussão:

- Todos os pés são iguais?
- Estes pés caminham muito ou pouco?
- Por que precisam caminhar?
- Caminham sempre com um determinado objetivo?
- Quanto já caminhamos? Lembrar de pessoas que lutaram por objetivos concretos e conseguiram alcançá-los.

Terminada a discussão, o facilitador convidou a todos para escreverem no pé que desenharam algum compromisso concreto que decidiram assumir.

Comentário:

O grupo escolheu o CD da cantora Maria Rita. Após o desenho, começaram a falar aos poucos; estavam meio sem jeito a princípio. Foram se soltando, e uma das educadoras deu início aos comentários. Primeiramente, afirmou que não sabia realmente como poderia ajudar as crianças devido à sua falta de estudo. Estimulada, comentou que nenhum dos pés era igual, cada um tinha sua forma. Outro educador continuou, dizendo que cada pé tinha passado por alguma situação e que cada um tinha um caminho diferente para percorrer. Um terceiro acrescentou que as direções eram diferentes, assim todos foram completando a ideia dos caminhos trilhados e a trilhar.

Em seguida, foi solicitado que eles escrevessem dentro do seu próprio pé um objetivo que estariam buscando com o trabalho com as crianças. Depois, cada um falou sobre o que escreveu e se a proposta seria fácil ou não de atingir. Essa discussão foi muito produtiva, porque as pessoas ficaram à vontade para expor ideias que envolviam outros conceitos que não os da religião. Surgiu um consenso de que o trabalho com as

crianças não poderia ficar somente dentro da proposta religiosa, uma vez que se trata de uma população carente de cultura, de alimento e de informação. O fechamento se deu com as facilitadoras ressaltando a importância de cada educador, de que cada um tem sua bagagem de experiências e que essas vivências podem contribuir de alguma forma para aumentar o conhecimento das crianças assistidas pela instituição.

No final, todos pareciam integrados e não queriam terminar a conversa.

3º Encontro

Objetivos

- Explicitar rivalidades.
- Promover o espírito de equipe.

Tarefa: Discussão sobre o manejo das competições.

Dinâmica: *Bexiga da Vitória*

Desenvolvimento

Foram distribuídos um pedaço de barbante e uma bexiga para cada participante. A instrução foi que a bexiga fosse amarrada em qualquer um dos pés. Foi explicado que dentro de cada bexiga havia o nome de outro educador. O objetivo era proteger aquela bexiga para que não fosse estourada por um colega. No final, quem conseguisse deixar a sua bexiga intacta, ganharia um brinde, para entregar ao colega cujo nome estava registrado em um papel dentro da bexiga.

A dinâmica começou com um participante querendo, de qualquer maneira, estourar a bexiga do colega, e protegendo a sua. No final, a surpresa: aquele que ficou por último, quando estourou a sua, descobriu que o nome que estava dentro dela era o seu próprio.

A discussão versou sobre as rivalidades que trazemos dentro de nós e que, com a socialização ou até pela formação religiosa, não

manifestamos. Uma educadora contou sobre a rivalidade que sempre teve com a irmã caçula. Outro falou sobre seus problemas com o irmão mais velho. O grande *insight* do grupo foi perceber que os sentimentos não manifestados, às vezes, continuam latentes e que é bom poder expressá-los. As facilitadoras encerraram explicando que aceitar os próprios sentimentos e poder verbalizá-los os tornaria mais aptos para aceitar os sentimentos das crianças, dos jovens e dos demais.

O educador que venceu ganhou uma caixa de bombons e os distribuiu entre os colegas.

4º Encontro

Objetivos

- Mostrar a necessidade de os educadores conhecerem melhor a clientela.
- Oferecer informações sobre Psicologia do Desenvolvimento da criança e do adolescente.

Tarefa: Leitura e exposição.

Desenvolvimento

O grupo foi dividido em dois subgrupos, sendo oferecido a cada um deles, fichas contendo informações básicas sobre o desenvolvimento de crianças e adolescentes, mostrando as características marcantes de cada idade. Um subgrupo ficou com a ficha referente ao desenvolvimento infantil e outro com a ficha de dados sobre a adolescência. Foi solicitado que cada subgrupo lesse, discutisse e depois expusesse para o outro o que constava em sua ficha.

Alguns educadores consideraram a tarefa difícil; percebeu-se que os que tinham maior escolaridade sentiram maior desenvoltura para a exposição. Mas, o interessante foi que todos se surpreenderam com algum tipo de informação que não tinham; isto é, havia novos

conhecimentos para todos. Durante a discussão, surgiu a ideia de montarem uma pequena biblioteca, pois a casa só dispõe de livraria e, mesmo assim, ela fica fechada aos sábados.

5º Encontro

Objetivos

- Estimular a criatividade.
- Sugerir materiais de trabalho.

Tarefa: Construir dobraduras ou fantoches.

Desenvolvimento

As facilitadoras chegaram com uma caixa de sucata e distribuíram pela mesa: rolinhos de papes higiênico, retalhos de tecidos, lãs, papel crepom de várias cores, colas, fita adesiva, tesouras, lápis de cor, canetões, retalhos de fitas, canudinhos, palitos de churrasco, bolas de isopor (para a confecção de bonecos). Levaram também folhas de papel espelho já cortadas para a elaboração de dobraduras.

Nesse encontro a interação foi mais fluida, porque o grupo estava menor: faltaram três educadores. A discussão girou em torno de quem tinha maior ou menor conhecimento para lidar com os materiais; quem tinha confiança ou não para se soltar e criar. As facilitadoras contribuíram sugerindo uma atitude de criança, que quer explorar e se divertir, não importando o resultado. No final, foi concluída a produção de fantoches e dobraduras e todos ficaram satisfeitos com sua criação.

6º Encontro

Objetivos

- Desenvolver a análise crítica com relação à postura de educador.

- Discutir noções de didática.

Tarefa: Assistir às dramatizações e criticá-las, anotando conclusões.

Desenvolvimento

As facilitadoras montaram três quadros sobre situações problemáticas em sala de aula, escolhendo alguns membros do grupo para desempenhar “alunos difíceis”.

A discussão durante esse encontro foi bastante acirrada. Todos estavam muito entusiasmados, falavam ao mesmo tempo; ficaram muito mobilizados com o conteúdo das dramatizações. No final, conseguiram anotar as seguintes conclusões, contando com a ajuda das facilitadoras:

Comportamentos desejáveis do educador:

- Saber impor limitações com carinho e firmeza.
- Sempre preparar aula, para estar seguro do que vai transmitir; aula bem preparada não dá espaço para indisciplina.
- Estimular a curiosidade natural das crianças.
- Valorizar o esforço individual, por meio do elogio.
- Esclarecer sempre as dúvidas.
- Respeitar as características de cada idade.
- Dinamizar o aprendizado com atividades recreativas.

Atitudes que devem evitar:

- Falar baixo demais ou aos gritos.
- Desordem em classe (a qualquer sinal de desinteresse é importante observar que algo precisa ser modificado: o ritmo, o método, o assunto).
- Crianças que falam ao mesmo tempo (adotar a técnica de atender imediatamente a criança que levantar a mão, a fim de

que aprendam que quando quiserem ser ouvidas, é necessário levantar o braço)

- Mau humor e “cara brava” (problemas pessoais devem ser deixados fora da sala).

7º Encontro

Objetivos

- Aprimorar a técnica de contar histórias.

Tarefa: Treinar a leitura dramática.

Desenvolvimento

Por algum motivo, os monitores do sexo masculino estavam fora neste dia e a reunião foi realizada com as cinco educadoras presentes.

Foram oferecidos vários livros infantis e discutidas as várias maneiras possíveis de se contar uma história. Foram disponibilizados vários objetos a serem utilizados na performance: brinquedos, echarpes, chapéus, fantoches, etc.

As facilitadoras iniciaram explicando que existem leituras “mortas” e leituras que dão vida à história que vai ser narrada. Convidaram o grupo a ler trechos dos livros, dando vida aos personagens, fazendo perguntas à plateia para que as crianças pudessem interagir, etc. Uma das educadoras se destacou mais, mostrando facilidade em colocar emoções durante a leitura, encenando os personagens. O encontro terminou com uma discussão sobre a importância da leitura de histórias para a educação das crianças.

8º Encontro

Objetivos

- Refletir sobre sua atuação como educador(a) até agora.

Tarefa: Discutir como vem sendo feito o atendimento de crianças e adolescentes nesta instituição.

Desenvolvimento

As facilitadoras avaliaram que o grupo já estava amadurecido para refletir sobre o próprio funcionamento e não utilizaram dinâmica de apoio.

Nessa data, duas educadoras estavam ausentes e o grupo funcionou com sete componentes. Foi uma sessão de conteúdo mais denso, como era de se esperar: a ansiedade que surgiu com o balanço das ações passadas e com a evidente necessidade de mudança prevaleceu na discussão. As facilitadoras entraram com intervenções tranquilizadoras, exaltando a participação de todos por terem se disponibilizado para o trabalho e contribuído com bastante interesse. A discussão levou a um *insight* muito importante do grupo: o eixo do trabalho dos educadores não deveria ser a transmissão da doutrina religiosa, mas sim as necessidades da própria criança ou jovem, respeitando seu contexto psicossocial.

9º Encontro

Objetivos

- Cultivar a recreação e a alegria como elemento propiciador de saúde mental.

Dinâmica

Foram distribuídos balões cheios onde, previamente, foram colocadas, em pedaços de papel, algumas frases estimuladoras ou reflexivas.

- Primeiro momento: ao som de uma música contagiante, o grupo foi solicitado a jogar os balões para o alto, sem deixar cair no chão.
- Segundo momento: a música parou e todos foram instruídos a estourar seu balão e retirar seu texto.
- Terceiro momento: ao som de uma música relaxante, foi pedido aos participantes, reunidos em círculo, que lessem em voz alta a sua frase.

Desenvolvimento

O jogo dos balões propiciou alegria, animação e muitas risadas. As frases colocadas nos balões tinham conteúdo leve, lembrando a importância de voltar a ser criança quando possível; a função terapêutica das brincadeiras; o efeito contagiante das risadas; a alegria como elemento propiciador de saúde mental.

10º Encontro

Objetivos

- Aplicar o questionário de avaliação da intervenção (pós-teste).
- Promover o fechamento e despedida do grupo.

Desenvolvimento

O mesmo questionário que foi aplicado antes do início da intervenção e reaplicado ao final, visando à avaliação do projeto. Foi solicitado aos educadores que respondessem sem pressa. Ao final dessa atividade, as facilitadoras abriram espaço para que cada participante se expressasse livremente. Todos deram um *feedback* positivo do trabalho. Alguns depoimentos foram bastante emocionados, relatando ganhos pessoais e profissionais. A equipe de intervenção, por sua vez, agradeceu pela enriquecedora experiência em que cada membro do grupo contribuiu

com sua inestimável colaboração. Nos momentos finais, os participantes receberam uma apostila contendo as dinâmicas e as ideias principais desenvolvidas durante os encontros. As facilitadoras foram convidadas pela direção da casa a retornar no ano seguinte, o que foi notavelmente estimulante.

Avaliação da intervenção

A equipe responsável pela intervenção criou um breve questionário (Anexo 1) com dez questões, em que o intuito era avaliar o grau de comprometimento com a tarefa, a ideologia implícita e a didática utilizada, na expectativa de que houvesse uma melhora nesses aspectos após a intervenção.

Não houve um trabalho de validação desse questionário, que funcionou apenas como um ensaio de mensuração.

A tabela 1 apresenta os resultados obtidos pré-intervenção e pós-intervenção e a comparação entre eles.

Tabela 1. Resultados obtidos no questionário antes (pré-teste) e após a intervenção (pós-teste)

Sujeito	Pontuação pré-teste	Pontuação pós-teste	Diferença
1	6	9	+3
2	7	10	+3
3	3	7	+4
4	9	9	0
5	4	8	+4
6	5	8	+3
7	6	10	+4
8	7	9	+2
9	5	9	+4
Média grupal	5,7	8,7	+3

Foi verificado que apenas um dos participantes (que já havia obtido uma boa pontuação na pré-avaliação) não acrescentou ponto algum no seu desempenho posterior. Todos os outros sujeitos do grupo-alvo tiveram um resultado relativamente maior no pós-teste, significando

que houve evolução da maioria, quanto às ideias e/ou conhecimentos a respeito das técnicas educativas. Observou-se também que a média grupal aumentou consideravelmente, indicando a evolução do grupo e, conseqüentemente, a eficácia da intervenção.

Além disso, a autoavaliação do grupo, realizada durante o fechamento, demonstrou que todos sentiram que haviam evoluído diante de seus compromissos e adquirido muitas informações novas relacionadas à atuação do educador.

Considerações finais

Foram realizadas, ao todo, 16 visitas à instituição, considerando-se as primeiras semanas em que o objetivo das facilitadoras foi inserir-se na comunidade e realizar um diagnóstico institucional. Ao longo das visitas e, posteriormente, durante a intervenção realizada, mudanças puderam ser observadas quanto ao interesse e à disponibilidade por parte dos educadores. Notou-se maior aceitação das atividades propostas ao longo dos encontros, maior atenção e organização durante as sessões de intervenção. Além do que, observou-se que os participantes traziam nos encontros seguintes o que haviam aprendido em sessões anteriores. A coordenadora da instituição demonstrou grande satisfação com o resultado do trabalho, confessando que no passado encontrava dificuldades para dirigir uma reunião e que agora, após a intervenção realizada, sua postura com os educadores foi modificada positivamente.

O que se pode concluir dessa experiência é que a atuação do psicólogo dentro de uma comunidade, ainda que utilizando recursos simples e por tempo limitado, pode ser um instrumento de transformação de um grupo social maior, porque os sujeitos do grupo-alvo se transformarão em multiplicadores e participarão do crescimento de toda a população no entorno: crianças, adolescentes e pais.

Em que espécie de mudanças sociais pode-se acreditar hoje? Os mais românticos ainda esperavam que a globalização trouxesse condições para uma integração planetária dos povos, a construção de uma sociedade sem fronteiras, a disseminação do desenvolvimento econômico dos países mais ricos pela economia dos países menos desenvolvidos, etc. No entanto, a que se está assistindo nestas sociedades pós-modernas? Ao crescimento do desemprego, ao aumento das massas pobres, e não só nos países do terceiro mundo; além das crises financeiras nas grandes potências que – estas sim – contaminaram a economia dos países em desenvolvimento. O que significa que a exclusão social só aumentou. Daí a importância, para os que desejam uma sociedade mais justa, das pequenas mobilizações locais. São as associações de bairro, os núcleos de desenvolvimento social, os centros de cultura na periferia, as ONGs (de fundação religiosa ou não) que vêm desempenhando o papel de agentes de mudança social, tão negligenciado pelos governos. Eis alguns exemplos de instituições que contam com a participação de psicólogos na sua idealização ou equipe diretiva (MÚLTIPLA, 2001):

- A ONG GTPOS foi criada, em 1987, por psicanalistas, psicólogos e pedagogos. É formada por uma equipe multidisciplinar que tem em comum o interesse pelo trabalho e pela pesquisa na área da sexualidade humana. A equipe idealizou o projeto “Trance esta Rede”, em que educadores preparam adolescentes para serem multiplicadores na tarefa da educação sexual e prevenção das DST, pois concluíram que é mais adequado “adolescentes falarem a adolescentes”.
- A Casa Popular de Cultura do M’Boi Mirim foi fundada em 1983, com o objetivo de resgatar a cultura e a cidadania dos moradores locais. Mas a intervenção da Psicologia neste trabalho teve início a partir de 1996, tendo como objetivo aumentar a autoestima dos membros da comunidade por meio

do desenvolvimento e do reconhecimento de suas habilidades artísticas. Surgiu o Projeto Comunidade Viva, visando colaborar com o processo de reintegração de valores humanistas, numa coletividade marcada pela exclusão. A Casa e o Projeto são coordenados por uma psicóloga.

- A equipe Ciclo de Mutação, entidade sediada em São José do Rio Preto, SP, e vinculada à Febrap (Federação Brasileira de Psicodrama) realizou intervenção em uma população de 400 habitantes, localizada ao redor da Ilha Solteira. Dirigida aos membros da comunidade (crianças, adolescentes, adultos e idosos), a intervenção aliou teorias do construtivismo social, da terapia familiar sistêmica, à prática psicodramática, além de outras ações paralelas. A experiência desencadeou um processo de amadurecimento coletivo e responsabilização pelo próprio destino. A diretora do Ciclo de Mutação é supervisora em psicodrama e psicoterapeuta familiar.
- A ONG Trapézio foi formada por um grupo de psicólogos, psicopedagogos e fonoaudiólogos, motivados pela constatação de um crescimento na incidência de problemas entre crianças com dificuldades escolares. Suas ações, que já beneficiaram mais de mil pessoas entre educadores, pais e crianças, incluem Oficina de Linguagem, Ateliê de Artes e Grupo de Projetos. As profissionais fazem um trabalho de interlocução com a escola, restituindo ao professor seu lugar de agente de educação e, simultaneamente, devolvendo à criança seu lugar de aluno. Ao mesmo tempo, oferece um espaço de escuta para pais e crianças. As coordenadoras do Projeto Trapézio são psicanalistas.

Estes são alguns exemplos de trabalhos que concretizam a luta contra a exclusão, contra as discriminações, que questionam a padronização dos atendimentos e que instituem outro modelo de relação com a

comunidade. Eles espelham práticas psicológicas compreendidas como instrumentos de transformação e compromisso social, promovendo nos espaços da intervenção as trocas de experiências capazes de produzir significados socialmente compartilhados. E são ainda tantas as populações que se encontram na dependência das iniciativas governamentais, por todo o país, sem utilizar seu potencial ativo. A práxis da Psicologia Social nas comunidades vem desempenhando essa missão de desenvolver no indivíduo a fé em si mesmo, a confiança no futuro, o desejo de ser cidadão.

Referências Bibliográficas

- BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2007.
- FISCHMAN, J. Como agem os grupos operativos? In: ZIMMERMAN, D. E; OSORIO, L. C. *Como Trabalhamos com Grupos*. Porto Alegre: Artmed, 1997. p. 95-100.
- FRITZEN, S. J. *Exercícios práticos de dinâmica de grupo*. Rio de Janeiro: Vozes, 1981. v. 1-2.
- GÓIS, C. W. L. Perceber e tecer a vida. In: BRANDÃO, I. R.; BOMFIN, Z. A. C. (Orgs.). *Os jardins da psicologia comunitária*. Fortaleza: UFC, 1999. p. 49-64.
- MÚLTIPLA. *Transformação Social Revista de Psicologia*, v. 1, n. 1, 2001.
- PICHON-RIVIÈRE, E. *O Processo Grupal*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- SERRÃO, M.; BALEEIRO, M. C. *Aprendendo a ser e a conviver*. Salvador: FTD, 1999.
- YOZO, R. Y. *100 Jogos para Grupos*. São Paulo: Ágora, 1996.

Anexo 1 - Instrumento de avaliação da intervenção

Questionário de Avaliação

Nome: _____

Idade: _____ Escolaridade: _____

1) Quantas vezes você faltou neste semestre ao seu dia de aula?

- a) Zero vez.
- b) Uma ou duas vezes.
- c) Mais que duas vezes.

2) O seu papel principal diante dos alunos é:

- a) Tomar conta da classe.

- b) Passar a doutrina espírita.
 - c) Informar, divertir, formar.
- 3) Durante as suas aulas, você:
- a) Preocupa-se mais em dar reforço escolar.
 - b) Já usou recursos como mímica ou dramatização.
 - c) Sempre usa a lousa.
- 4) No contato com os adolescentes, você:
- a) Consegue negociar com os mais agressivos.
 - b) Põe para fora da sala os que não respeitam.
 - c) Às vezes, perde o controle da classe.
- 5) Quando você vem dar aula:
- a) Traz atividade preparada em casa.
 - b) Improvisa sobre o assunto a ser passado.
 - c) Procura na hora algum material na estante.
- 6) O que você considera mais importante:
- a) Manter a classe disciplinada.
 - b) Contar histórias e abrir discussão.
 - c) Transmitir princípios cristãos.
- 7) Por que se tornou voluntário(a) nesta Casa?
- a) É preciso fazer caridade com os mais simples.
 - b) Se aposentou e tem muito tempo livre.
 - c) As crianças e adolescentes têm direito à educação.
- 8) Acha importante adquirir conhecimentos pedagógicos para sua atividade na instituição?
- a) Estas crianças são muito fracas, boa vontade basta.
 - b) Sim, para prestar um serviço mais eficiente.
 - c) Tenho pouca instrução, mas dá para o gasto.
- 9) Você troca ideias com os outros educadores?
- a) Nunca converso com os outros.
 - b) Encontro no intervalo, mas não tenho intimidade.

c) Falo das minhas dificuldades, eles também queixam.

10) O que você faz para despertar a atenção dos alunos?

a) A maioria é desinteressada, não tem jeito.

b) Cria atividades que estimulem curiosidade.

c) Chama a atenção dos alunos que estão “desligados”.

Sobre os autores

Autora

Kathia Maria Costa Neiva

Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Especialista em Orientação Profissional pelo Instituto Sedes Sapientiae (SP). Doutora em Psicologia pela Université Paris V – René Descartes. Autora de vários artigos científicos e das seguintes obras: *Processos de escolha e orientação profissional* (2007), *Escala de Maturidade para a Escolha Profissional – EMEP* (1999) e *Jogo: critérios para a escolha profissional* (2008), publicadas pela Vetor Editora.

E-mail: kathia.neiva@gmail.com.

Website: www.kathianeiva.com.br

Colaboradores

Ana Lucia Ivatiuk

Psicóloga pela Universidade Federal do Paraná. Especialista em Terapia Comportamental e Cognitiva pela Universidade de São Paulo. Mestre em Psicologia Clínica e Doutora em Psicologia como Profissão e Ciência pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Professora universitária e psicóloga clínica.

E-mail: aivatiuk@gmail.com.

Ana Lucia Rinaldi Gullo

Pedagoga pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Psicopedagoga pela PUC-SP. Psicóloga pela Universidade Ibirapuera (SP) Habilitada no Magistério de Deficientes Mentais pela Universidade Mackenzie (SP). Atua como Professora Efetiva da Sala de Recursos da

Rede Estadual de Ensino do Estado de São Paulo e presta atendimento em Psicopedagogia.

E-mail: *analuciargullo@ig.com.br.*

Ana Maria Brito do Vale

Psicóloga pela Universidade Ibirapuera (SP). Experiência em atendimentos de Violência Doméstica pela Coordenadoria de Assistência Social e Desenvolvimento no Centro de Cidadania da Mulher - Prefeitura do Município de São Paulo.

E-mail: *psique.anna@hotmail.com.*

Audrey Rossi Weyler

Psicóloga e Mestre pela Universidade de São (IP-USP). Doutoranda em Psicologia Social pelo Departamento de Psicologia Social e do Trabalho da Universidade de São Paulo. Ampla experiência, como docente, pesquisadora e técnica, na área de Psicologia, com ênfase em Processos Grupais e Psicanálise. Pesquisadora assistente e coordenadora de grupos nas áreas de Psicologia Comunitária e Imigração na Universidade de Miami.

E-mail: *dreyrw@hotmail.com.*

Cristiane Cipriani Neves

Psicóloga pela Universidade Ibirapuera (SP). Trabalho voluntário no Núcleo Assistencial Caminheiros da Luz.

E-mail: *crica.cipriani@gmail.com.*

Daniela Correa da Fonseca

Psicóloga pela Universidade Ibirapuera (SP). Atua na área de treinamento na Nextel.

E-mail: *danni_correa@hotmail.com.*

Elaine Cristina Dias Feitoza

Psicóloga pela Universidade Ibirapuera (SP). Atua como Consultora de Recursos Humanos na Soulan Recursos Humanos.

E-mail: *lainefeitoza@yahoo.com.br*.

Fernando Augusto Caires

Psicólogo pela Universidade Ibirapuera (SP). Pós-Graduado Professor para o Ensino Superior pela Universidade Paulista, Especialista em Psicopedagogia Clínica e Educacional pela Uninove. Atua como Psicólogo Clínico em Silva & Caires Psicologia. Trabalha como psicólogo voluntário na ONG Alegria de Rua de Santo Amaro.

E-mail: *fernandopsifernando@bol.com.br*.

Juliana Fowler

Psicóloga pela Universidade Ibirapuera (SP). Extensão universitária pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em Atendimento Psicológico Domiciliar.

E-mail: *ju_fow@yahoo.com.br*.

Marcia Ferreira de Lima

Psicóloga pela Universidade Ibirapuera (SP). Atua como psicóloga clínica.

E-mail: *marlima38@yahoo.com.br*.

Renata Martins

Psicóloga pela Universidade Ibirapuera (SP). Psicóloga Organizacional. Atua na área de Gestão de Pessoas desde 2005 com foco em Recrutamento e Seleção.

E-mail: *repsicomartins@hotmail.com*.

Thaís Mendes de Souza

Psicóloga pela Universidade Ibirapuera (SP). Atua como psicóloga social na Entidade Caritas Santa Terezinha atendendo famílias que

recebem programa assistencial de transferência de renda.

E-mail: tmendesdesouza@gmail.com.

Vanda A. Vergueiro Santarcangelo

Psicóloga e Mestre em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo. Ampla experiência como psicóloga clínica e professora universitária. Ex-diretora do CCI “Antonio R. Maués”, Ex-chefe do Setor de Psicologia do Tribunal de Justiça de Santo Amaro.

E-mail: vandasantarcangelo@hotmail.com.

Yone Xavier Felipe da Fonseca

Psicóloga clínica. Mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Especialista em Psicologia Hospitalar pela HCFMUSP. Ampla experiência, como docente, pesquisadora e psicóloga na área da saúde. Professora de Pós-graduação da Universidade São Judas Tadeu (SP). Coautora do livro *Manual prático para elaboração de monografias: trabalhos de conclusão de cursos, dissertações e teses* (2007); Comunicadora de Rádio, Programa Conhecer e Agir pela Rádio Mundial FM 95,7.

E-mail: yone@conhecereagir.com.br.

- [1] Extraído do site: *www.ebd.escoladominical.net*.
- [2] Extraída do site *www.paroquiadaressurreicao.com.br*.
- [3] Extraída do site *www.paroquiadaressurreicao.com.br*.